



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LITERÁRIOS**



FLÁVIO FRANÇA

SERTÕES À FLORA:

AS ESPÉCIES VEGETAIS NO MASSACRE DE BELO MONTE

Feira de Santana

2019

FLÁVIO FRANÇA

SERTÕES À FLORA:

AS ESPÉCIES VEGETAIS NO MASSACRE DE BELO MONTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (PROGEL/UEFS), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Aleilton Santana da Fonseca

Feira de Santana

2019

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

F881 França, Flávio
Sertões à flora : as espécies vegetais no massacre de Belo Monte / Flávio França. –
2019.
123 f.: il.

Orientador: Aleilton Santana da Fonseca
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa
de Pós-Graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2019.

1. Os Sertões – Cunha, Euclides Rodrigues Pimenta da, 1866-1909. 2. Literatura
brasileira – crítica literária. 3. Etnobotânica. 4. Caatinga – vegetação. 5. Canudos.
I. Fonseca, Aleilton Santana da, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana.
III. Título.

CDU: 869.0(81).09:581.9

FLÁVIO FRANÇA

SERTÕES À FLORA: AS ESPÉCIES VEGETAIS NO MASSACRE DE BELO MONTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (PROGEL/UEFS), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Aprovada em 24 de Abril de 2019

Prof. Aleilton Santana da Fonseca

Orientador (UEFS)

Prof. Dr. José Carlos Barreto de Santana

(UEFS)

Profª. Dra. Léa Costa Santana Dias

(UNEB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Feira, instituição e pessoas, por essa oportunidade de aprofundar meus estudos literários.

Também agradeço ao prof. Aleilton Fonseca por ter me recebido como orientando.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

E aos meus colegas de mestrado.

RESUMO

A flora desempenha função peculiar em *Os sertões* de Euclides da Cunha (1982 [1902]) participando do conflito. Esta dissertação objetivou analisar o papel desempenhado pelas espécies de vegetais citadas, estudando a representação da Caatinga e do sertão, avaliando a precisão botânica da obra e comparando com outras obras literárias. A flora foi identificada com base em dicionários e manuais de botânica; a flora da região do conflito foi listada com base no sítio SPLINK. A comparação foi feita com base no índice de similaridade de Jaccard, utilizando-se PAST. A flora euclidiana é uma pequena parcela da riqueza vegetal da região, fazendo com que a similaridade com a flora real seja muito baixa (índice de Jaccard < 12%). Porém, ela guarda uma alta similaridade com as floras literárias analisadas (Índice de Jaccard > 24%), exceto com aquela citada em Francisco Mangabeira. Registrou-se 163 citações de plantas, perfazendo um total de 64 espécies diferentes. A espécie mais citada foi o umbuzeiro (13 citações, c. 8%), seguido de caroá (croá) (8, c. 5%), depois de bromélia e mandacaru (7, c. 4,3% cada), juazeiro, ouricuri, quixabeira e palmatória (palmatória-do-inferno) (6, c. 3,7% cada), macambira, xique-xique e jurema (calumbi) (5, c. 3% cada), baraúna, cunanã, gravatá (caravatá), marizeiro (4, c. 2,5% cada). A personificação da vegetação corrobora a concepção do "sertanejo" do semiárido unido às espécies da Caatinga, cujo conhecimento permite uma maior aproximação a estas populações que foram excluídas da precária prosperidade moderna.

Palavras-chave: Canudos. Ecocrítica. Etnobotânica. Caatinga. Sertão

ABSTRACT

The flora plays a peculiar role in *Os sertões* by Euclides da Cunha (1982 [1902]), participating in the conflict. This dissertation aimed to analyze the role played by the species of plants mentioned, studying the representation of the Caatinga and the Sertão, evaluating the botanical precision of the work and comparing with other literary works. The flora was identified based on botanical dictionaries and manuals; the flora of the conflict region was listed based on the SPLINK site. The comparison was made based on the similarity index of Jaccard, using PAST. Euclidean flora is a small part of the region's richness, making the similarity to the actual flora very low (Jaccard index <12%). However, it has a high similarity with the analyzed floras (Jaccard Index > 24%), except for that cited in Francisco Mangabeira. There were 163 plant citations, making a total of 64 different species. The most cited species was the umbuzeiro (13 citations, 8%), followed by caroá (croá) (8, 5%), after bromelia and mandacaru (7, 4.3% each), juazeiro, ouricuri, quixabeira and palmatória (palmatória-do-inferno) (6, c .3% each), macambira, xique-xique and jurema (calumbi) (5, 3% each), baraúna, cunanã, gravatá (caravatá), marizeiro (4, c 2.5% each). The personification of the vegetation corroborates the conception of the "sertanejo" of the semi-arid together with the Caatinga species, whose knowledge allows a closer approximation to these populations that were excluded from the precarious modern prosperity.

Key-words: Canudos. Ecocriticism. Ethnobotany. Caatinga. Sertão

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Esboço Geográfico da região do Conflito | 37 |
| Figura 2 - Área de influência de Canudos | 38 |
| Figura 3 - Distribuição da flora sertaneja | 43 |
| Figura 4 - Diagrama de similaridade utilizando-se índice de Jaccard comparando-se a flora atualmente conhecida na região do conflito (municípios de Canudos, Euclides da Cunha, Jeremoabo, Monte Santo, Uauá) e aquela encontrada nas obras literárias [CUNHA, 1984; FONSECA, 2009; MANGABEIRA, 2010 e VARGAS-LLOSA,1981)] | 52 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---------------------------------------------------------|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 15 |
| 2.1 | Nomes de Plantas e Literatura | 15 |
| 2.2 | Um autor, uma obra | 30 |
| 2.3 | Sertão | 33 |
| 2.5 | A região do conflito | 37 |
| 2.6 | Base científica disponível a Euclides da Cunha | 40 |
| 2.7 | Cientificidade | 45 |
| 2.8 | Homogeneidade étnica x homogeneidade ambiental | 48 |
| 2.9 | Comparação entre textos usando índice de Jaccard | 49 |
| 3 | METODOLOGIA | 51 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO | 52 |
| 4.1 | Similaridade entre as floras | 52 |
| 4.2 | Flora em Os sertões | 55 |
| 4.3 | As espécies vegetais citadas | 58 |
| 4.3.1 | Umbuzeiro sagrado | 58 |
| 4.3.2 | Caroá esteio do sertanejo | 63 |
| 4.3.3 | Bromélia e gravatá ornamentos da caatinga | 64 |
| 4.3.4 | Mandacaru majestade fálica | 65 |
| 4.3.5 | Juazeiro sempre verde | 70 |
| 4.3.6 | Ouricuri dos rosários | 72 |
| 4.3.7 | Quixabeira ônix | 73 |
| 4.3.8 | Macambira armadilha cruel | 74 |
| 4.3.9 | Palmatória disciplinadora | 75 |
| 4.3.10 | Xique-xique das caatingas | 76 |
| 4.3.11 | Jurema libertadora | 78 |
| 4.3.12 | Baraúna que revive! | 80 |
| 4.3.13 | Cunanã cega o facão! | 81 |
| 4.3.14 | Marizeiro dos presságios | 83 |
| 4.3.15 | Faveleira, para sempre ligada à pobreza | 84 |

| | | |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.3.16 | Canudo-de-pito dos vadios | 85 |
| 4.3.17 | Cabeça-de-frade, cabeças decepadas | 87 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 90 |
| | REFERÊNCIAS | 92 |
| | APÊNDICE 1 - Lista das espécies citadas em Os sertões (CUNHA, 1982). Onde n.c= número de citações, p. = página da primeira citação | 102 |
| | APÊNDICE 2 - Pranchas ilustrativas das espécies citadas | 104 |

1 INTRODUÇÃO

A flora desempenha uma função peculiar em *Os sertões* de Euclides da Cunha (1982[1902]¹), obra seminal que descreve e analisa as circunstâncias e vicissitudes da chamada "Guerra de Canudos", ocorrida no sertão baiano no final do século XIX (1896-1897). O autor demonstra que ela participa do conflito, obviamente do lado conselheirista, fustigando os soldados com espinhos e substâncias urticantes, quando não está impedindo o avanço das tropas através do intrincado trançado dos ramos.

A vegetação dificulta até as excursões que o próprio Euclides da Cunha e seus companheiros faziam na vegetação local:

Ontem, por exemplo, depois de rompermos habilmente por meio de inúmeras sebes agrestes, eivadas de espinhos- paramos, eu e quatro companheiros de excursão, ante uma barreira impenetrável. Realmente, o facão jacaré mais afiado e mais destramente manejado, não abre um atalho no cerrado trançado das juremas. (CUNHA, 2000, p. 144-145).

As forças conselheiristas se camuflavam na vegetação e atacavam o exército republicano de surpresa, tal como é a revelado pelo correspondente do jornal *A notícia*, Alfredo Silva: "Repentinamente, (...) foi a vanguarda assaltada pelos jagunços que de dentro das caatingas faziam fogo" (GALVÃO, 1977, p.429).

A vegetação e as espécies de plantas são usadas como metáforas do homem do sertão, bem como do próprio ambiente em que a comunidade de Belo Monte se desenvolveu. Para Galvão (1994 apud SANTANA, 1998, p. 138) a metaforização dos vegetais na narrativa de *Os sertões* resulta num efeito positivo, no qual o vegetal é elogiado devido a sua resistência ao ambiente inóspito. Um efeito negativo seria o fato de a vegetação da caatinga contrastar com o fardamento vistoso dos soldados do exército, tornando-os alvos fáceis e, além disso, tendo os despojos dos soldados servido para "enfeitar" a vegetação seca e mirrada, emprestando-lhe cores.

Isso pode ser observado na descrição que o correspondente de *O país*, Hoche², faz da indumentária do vaqueiro sertanejo, necessária:

Para romper a esquisita vegetação que bordam-nas, é mister que assim se protejam.

¹ A edição d' *Os Sertões* escolhida para esta monografia é aquela publicada pela editora Abril Cultural de 1982. As referências às páginas são desta edição. Porém, o livro foi publicado pela primeira vez em 1902. Nesta citação inicial a data da primeira edição foi explicitada, mas optou-se por omiti-la nas referências subsequentes.

² Pseudônimo do Tenente Coronel Siqueira de Menezes (CUNHA, 2000, p. 23).

Esta vegetação é representada, quase em sua totalidade por numerosa variedade de cardos, munidos de agudos e venenosos espinhos; pela feroz macambira(...), pela favela temerosa, pelo conhecido cansação, que não faz carícias em ninguém, pelos inocentes calumbis e quixabas, que se limitam a rasgar nossas roupas e nossas carnes (...) (GALVÃO, 1977, p. 464).

Nesse trecho, os componentes da vegetação caatingueira são ferozes, são temerosos, são até inocentes quando ferem... Tal personificação faz lembrar o conselheirista, adaptado ao seu ambiente, também feroz e temeroso, também inocente.

Para Castro-Klarén (BERNUCCI, 2008, p. 52-54), ao entrar nas caatingas o narrador d'*Os sertões* estaria penetrando no Inferno. O viajante fica asfixiado com o calor sufocante, preso numa trama de espinhos, queimado pelo sol cáustico. A caatinga é uma resposta ao ambiente seco e quente. A caatanduva é o mato doente, que agoniza dolorosamente. Assim, o sertanejo, o conselheirista, é uma resposta ao ambiente semiárido, uma reação à aparente decadência da vegetação.

O autor de *Os sertões* preparou o leitor anunciando em artigos essa aliança entre os conselheiristas e a caatinga. As plantas armam-se de espinhos como uma consequência do seu desenvolvimento em um ambiente pobre em água e nutrientes do solo; da mesma forma que os sertanejos se reuniram em torno do Conselheiro para lutar contra a impiedade republicana, assim como as plantas também se unem para enfrentar o ambiente hostil. Na obra euclidiana, as plantas parecem ser dotadas de vontade de lutar, aparecendo mesmo como personagens individualizados. A agressividade da flora sertaneja é cruel para aqueles que a desconhecem, para o sertanejo, porém, ela é um amparo (PINHEIRO, 2005).

É uma flora agressiva.

As próprias umburanas de casca lustrosa e madeira compacta, quase sem fibras, como uma massa homogênea e plástica com o qual o tabaréu ardiloso faz até sinetes admiráveis; as próprias quixabas de folíolos pequenos e pequenos frutos, pretos e brilhantes como ônix-revestem-se de espinhos.

Agressiva para os que a desconhecem- Ela é providencial para o sertanejo. (CUNHA, 2000, p. 137).

O sertanejo consegue saciar sua sede e alimentar-se com os frutos e cactos; também pode conseguir material para construção de suas casas, para fazer cordas, para iluminar os caminhos... todos produtos oferecidos gratuitamente pela natureza sem precisar cultivá-los:

Extinguem-lhe a sede as folhas ácidas e as raízes do umbu, os caules repletos de seiva dos mandacarus; alimentam-no fartamente os licuris,

as pinhas silvestres do araticum, os frutos da quixaba, do mari e das mangabeiras, de folhas delicadas e galhos pendidos como dos salgueiros.

As folhas grandes e resistentes do icó, cobrem-lhe a cabana provisória e sustentam-lhe o cavalo, o caroá de fibras longas permite-lhe obter rapidamente cordas flexíveis e fortes, e se à noite ao atravessar uma paragem desconhecida houver necessidade de aclarar o caminho basta quebrar e acender prontamente um galho verde de candombá e agitar logo depois um facho rutilante. (CUNHA, 2000, p. 138).

A natureza é maternal e aliada do sertanejo, apesar de às vezes afogar nas enchentes para em seguida esturricar à canícula inclemente do período das secas. A esta variação climática o Homem reage de forma brutal, desertificando esse ambiente tão frágil (ARAÚJO, 2002). Apesar de toda essa maternidade da natureza, o sertanejo a explora de forma perdulária, pois sua prática de queimadas é uma forma de cultivo fazedora de desertos (ZILLY, 2002, p. 348).

Uma das maiores lições que Euclides da Cunha tirou de Canudos é que as populações das grandes cidades e do litoral vivem num "ambiente fictício de uma civilização de empréstimo" (CUNHA, 1995, p. 123-245), apartadas da realidade e das necessidades das populações que vivem no imenso interior. Essa ignorância é que está na raiz do fato do exército brasileiro ter sido por três vezes derrotado em Canudos, o que pode ser creditado em grande medida ao desconhecimento da Caatinga (SEVCENKO, 2003, p. 176).

Ao citar as plantas da Caatinga, principalmente na sua detalhada descrição da "Terra" em que ocorreu o embate entre os habitantes de Belo Monte e as tropas leais ao governo central, Euclides da Cunha sugere a personificação dessa vegetação, aproximando-a dos seres humanos e formando um todo perfeitamente integrado, senão mesmo uma extensão do meio, como nas palavras de Brasileiro (2002, p. 179):

As linhas que dedica a cada uma delas [espécies vegetais] são para humanizá-las. Para trazê-las mais perto do nosso coração. Cada povo, imagino, deve ter seu poeta que soube tocar o âmago do mais singelo vegetal.

De fato, Euclides conseguiu retratar com suas palavras algo que poucos tiveram sucesso: a vastidão esmagadora da Caatinga, cobrindo uma região maior que muitos países. Madam (2012, p. 116) afirma que a "monstruosidade sem fim" do sertão brasileiro desafia qualquer linguagem para descrevê-lo, qualificando-o de "terra enigmática".

Do acima exposto, esta dissertação teve como objetivo analisar o papel desempenhado pelas espécies de vegetais citadas em *Os sertões* de Euclides da Cunha (1982), estudando, através destas espécies, a representação da Caatinga, em particular, e do sertão de uma forma geral, bem como avaliando a precisão científica da obra de Euclides da Cunha quanto ao aspecto botânico, além de comparar a flora citada em *Os sertões* com outras obras literárias que tratam sobre o mesmo tema

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Nomes de Plantas e Literatura

Uma das atividades mais antigas do homem talvez seja nomear os seres vivos que o cercam. Simbolicamente, este mister está representado já na Bíblia. Logo nos primeiros versículos do Gênesis, o Criador faz desfilar todas as criaturas para que Adão as nomeie:

Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome. (BIBLIA, Genesis 2: 19).

Por essa antiguidade, os nomes carregam em si registros que podem ser relacionados a mitos, tradições e utilidades. O registro desse conhecimento é uma necessidade que tem sido armazenada em obras conhecidas em diversas culturas.

A identificação correta de uma planta é atividade dos sábios: feiticeiros, xamãs, pagés e cientistas. Geralmente é uma atividade ligada aos mais velhos. Essa atividade está relacionada à proteção contra envenenamentos, à amenização de sintomas de doenças ou mesmo à cura delas. Também está relacionada com a magia, com o mundo espiritual e mitologias. A perfeita identificação dos vegetais pode ter consequências lucrativas, de forma que muitas empresas e governos investem recursos materiais e humanos para o estudo dos vegetais, bem como para obter informações das populações tradicionais.

Todo esse interesse gera um conhecimento. Tal ciência permite que as espécies vegetais sejam relacionadas entre si e também com a cultura geral. A literatura é uma das formas que as sociedades utilizam para costurar este conhecimento às tradições culturais. Nas palavras de Barthes (1977, p. 16-17), ela está nos "interstícios" da ciência e "todas as ciências estão presentes no monumento literário"

Na construção da obra literária, as plantas podem ser referidas ao seu significado denotativo ou como figuras de linguagem. O juazeiro, por exemplo, pode estar servindo de proteção do sol para as personagens ou pode estar simbolizando o Nordeste brasileiro. Sendo as espécies vegetais contadas às centenas de milhares e sendo cada uma destas com significados e usos variados, o potencial artístico, tanto metafórico

como em relação à produção de imagens descritivas das paisagens, destes simples nomes é incalculável.

Quando o autor transportar este conhecimento para o papel, irá lançar mão do vocabulário que povoa sua memória, que são representações de imagens muito próprias de sua formação psicológica e educacional, de forma que tais nomes estão relacionados aos antigos significados, alguns presentes em sua mente desde a tenra idade.

O seres vivos estão na mente do artista e na natureza, numa relação intermediada pela linguagem:

A grande metáfora do livro que se abre, que se soletra e que se lê para conhecer a natureza não é mais que o reverso visível de uma outra transferência, muito mais profunda, que constrange a linguagem a residir no mundo, em meio às plantas, às ervas, às pedras e aos animais. (FOUCAULT, 1999, p. 46-47).

O mestre francês ensina que a linguagem é um elemento de um todo formado pela distribuição das semelhanças e das identificações (assinalações), esta mesma linguagem pode ser estudada como uma coisa da natureza, pois seus constituintes têm suas leis de afinidade, de conveniência e analogias (FOUCAULT, 1999, p. 47).

Como a flora presente em uma obra literária irá refletir aspectos culturais, pode-se dizer que é um estudo no âmbito da etnobotânica. Esta ciência origina-se da constatação que os ecossistemas e a biodiversidade não são apenas resultantes de uma história natural, mas também da história da ocupação do ambiente pelas comunidades humanas. Os elementos da natureza participam da visão de mundo dessas comunidades, tanto de sua cosmologia, como de sua economia (cf. CABALZAR et al. 2017, p. 23).

Apesar da etnobotânica ter-se desenvolvido no estudo de comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, etc.), ela cresceu e seu âmbito, atualmente aceito, abarca o estudo das “inter-relações (materiais e simbólicas) entre os seres humanos e as plantas, incluindo-se os fatores ambientais e culturais” (COSTA NETO, 2008, p. 87). Isso pode incluir também as formas como o homem moderno maneja o conhecimento da natureza para produzir arte, para produzir literatura.

Este tipo de abordagem proporciona estudos (etnopoética) como o de Sartori (2013), que estuda as plantas citadas no romance *Iracema* de José de Alencar, mostrando a possibilidade de uma interface entre etnobotânica e literatura.

O termo etnopoética (*ethnopoetics*) foi utilizado por Jerome Rothenberg para referir-se à leitura da poesia produzida fora da cultura ocidental industrializada ligada à

Europa e que existe independentemente desta cultura por séculos (cf. Rothenberg, 2018).

Uma abordagem completamente diferente se faz com a concepção de etnopoesia de Hubert Fichte, que pretende a partir de uma abordagem antropológica, expressar-se de forma poética, "uma expressão literária do saber antropológico" (ALCÂNTARA, 1991, p. 51). Muitos preferem chamar essa abordagem de "antropologia poética".

Os dois caminhos não chegam a ser totalmente opostos. Em ambos os casos o intelectual formado na cultura ocidental (Europeia) tenta ler a literatura produzida por culturas tradicionais independentes. Rothenberg não pretende produzir uma obra literária a partir de seus estudos, ao passo que Fichte produziu literatura, mesmo que fortemente biográfica, mas ainda uma literatura com base em sua experiência antropológica estudando culturas afro-americanas

O estudo de Sartori (2013), apesar de referir-se à obra de Rothenberg, parece mais a fim da concepção de Fichte, uma vez que José de Alencar, a partir de seus estudos sobre as tradições indígenas, produziu sua obra indigenista.

O amplo estudo de Bertrand (2002) sobre *Angelica* (Apiaceae) na França, incluindo aspectos botânicos, agrônômicos, gastronômicos, medicinais e literários pode ser considerado um estudo etnobotânico, sendo o livro prefaciado por um estudioso desta área na França (François Couplan). Este trabalho não se limita ao aspecto científico, ele traz o conhecimento tradicional, a partir do nome vernáculo (*angélique*), mesmo que pertença a gêneros taxonomicamente diferentes. Além disso tenta explicar os agrestes termos botânicos para os seus leitores tradicionais.

O trabalho de Pardo-de-Santayana et al. (2006), apesar dos autores não terem utilizado do termo "etnobotânica", pode ser entendido como um trabalho desta área. Eles registraram 150 espécies presentes em toda a obra de Cervantes, sendo que 102 delas foram utilizadas na composição de "Dom Quixote". Tal estudo fornece uma visão do ambiente na época de Cervantes, como também sobre a utilização desses vegetais seja como alimento ou como medicinal.

Neste contexto, Mancelos (2009) com o estudo do significado simbólico e místico das espécies vegetais citadas na obra de Eugênio de Andrade, França (2014) com o levantamento da flora presente na obras poética de Gustavo Teixeira e em seguida (2016) com um estudo com esta mesma temática em Sosígenes Costa; assim como Capitango (2016) no estudo botânico da obra de Agostinho Neto, podem ser considerados estudos etnobotânicos.

O estudo da botânica em obras literárias não trabalha com o vegetal em si, mas com o nome que o representa. O nome das plantas é uma questão extremamente complexa e precisa de uma atenção mais particularizada.

Existem dois tipos de nomes que podem ser aplicados a um ser vivo: o nome vernáculo e o nome científico. O primeiro expressa uma cultura tradicional, muitas vezes apenas um traço sobrevivente de uma tradição há muito sepultada no interior de um aspecto cultural agora dominante (STRUWE, 2018, p. 34); o nome vernáculo é muito usado (e com esta denominação) nos estudos botânicos taxonômicos, mais como um registro cultural do que como auxiliar da identificação das espécies (cf. QUEIROZ, 2009). O segundo nome corresponde a uma série de regras estabelecidas por um acordo internacional feito pelos cientistas, no caso das plantas, pelos botânicos.

Nomes vernáculos variam de comunidade para comunidade, fazendo com que a mesma planta apresente vários nomes diferentes, ou seja, o nome vernáculo é tipicamente impreciso ou sua precisão se resume a um círculo cultural restrito. Um exemplo é a Erva de Santa Maria e o Mastruz, nomes que tradicionalmente se referem a uma única espécie: *Chenopodium ambrosioides* L. (Amaranthaceae). (cf. SANTOS, CORREA, 2006).

Frequentemente os nomes vernáculos são chamados de nomes "vulgares" e também de nomes "comuns". O primeiro termo foi descartado devido à carga depreciativa que ele traz ao conhecimento tradicional. Evitou-se também chamá-los de nomes "comuns", pois Foucault (1999, p.189-190), utilizou este termo para denominar não o nome vernáculo, mas o nome aqui chamado de científico. Para ele, o nome "comum" seria aquele utilizável por todos, provendo ao estudioso uma "designação certa e uma derivação controlada". Resultado de um longo esforço de pensadores para prover o mundo de uma descrição aceitável da natureza.

No caso brasileiro, o nome vernáculo adquire uma variação exponencial, pois a mesma planta pode ter nomes oriundos das tradições indígenas, africanas e europeias. Mesmo provenientes dessas tradições, ele guarda dentro de si, mais um número indeterminado de culturas diferentes. Se o nome vem de uma tradição europeia, ele pode vir de culturas associadas à península ibérica, ou das longínquas terras da Polônia, ou da Lituânia, Itália ou algures. Se vem dos africanos, pode ser Iorubá, como pode vir de mais diferentes culturas, como as muçulmanas (e.g. Malês). O mesmo pode ser dito das diversas culturas indígenas que estavam aqui presentes antes do genocídio perpetrado pelos conquistadores europeus. Além dessas três origens básicas, ao longo

do fim do século XIX e do início do século XX, vieram para o Brasil povos asiáticos, chineses e japoneses. Estes não só introduziram novas espécies à flora nacional, como também apresentaram novos usos das plantas que já estavam aclimatadas no país.

São vários os nomes de planta de origem indígena como a ipecacuanha (*Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) Rich., Rubiaceae), planta medicinal com propriedades reconhecidas desde os primeiros relatos de estudiosos europeus no Brasil colonial, como Cardim, que publicou seu trabalho em 1584 (apud CUNHA, 1999). Atualmente se sabe que as propriedades eméticas e amebicidas provem de alcalóides presentes nas suas raízes (LAMEIRA, 2002).

No caso dos nomes africanos, o conhecido trabalho de Verger (1995) trata do sistema de classificação utilizado pelo tradicional povo Iorubá para nomear e classificar os vegetais, tais nomes guardam não só informações práticas (uso medicinal ou alimentício) como também uso mágico e religioso. Muitas plantas vieram da África para serem cultivadas de forma comercial no Brasil, sendo esta lista muito grande, podemos destacar algumas muito populares como a melancia (*Citrullus lanatus*- Cucurbitaceae), o dendê (*Elaeis guineensis*- Arecaceae), quiabo (*Abelmoschus esculentus*- Malvaceae), tamarindo (*Tamarindus indica*- Fabaceae), café (*Coffea arabica*-Rubiaceae) (cf. lista mais ampla em CARNEY, 2001). Ressalte-se como esses nomes de plantas caracterizam aspectos culturais. Impossível não lembrar da culinária baiana ao ouvir o nome "dendê" e muitos associam de forma definitiva o nome "café" ao Brasil.

Já os nomes europeus trazem uma carga mitológica importante, sendo muitos deles associados a mitos estabelecidos há milênios na cultura greco-romana, como também da cultura cristã. São inúmeros os exemplos, um muito popular é o jacinto, flor que está ligada ao mito da morte de Jacinto, jovem disputado por Apolo e por Zéfiro, que tendo sido o segundo preterido, ele mata Jacinto e do sangue deste nasce a flor que carrega seu nome (SCOBLE, FIELD, 1998). Todo esse conhecimento europeu, africano e asiático foi transplantado para o Brasil e, de uma forma ou outra, misturado à cultura indígena, gerando um complexo sistema de conhecimento científico e tradicional. disponível para expressões artísticas e muito utilizado.

Quando se conhece um ser vivo, animal ou vegetal, ou mesmo um ser inanimado, é necessário recolher uma espessa camada de signos depositados sobre ele. A partir do século XVII, a veracidade da relação entre o signo e o que ele realmente significa será estudada pela análise da representação (FOUCAULT, 1999, p. 54). Para

Coelho (2011, p. 94), Foucault usa o termo "representação" para distanciar-se da polêmica em torno da discussão da "Mimesis" e "Imitatio". Para o estudioso francês, a linguagem se afasta da representação do real por ela ser arbitrária em relação ao objeto que se refere; a representação é semelhança e diferença no mesmo espaço, ela é o novo criado a partir da repetição.

Para se escrever sobre nomes científicos, é necessário primeiro dissertar sobre sistemas de classificação. Pois os nomes existem e se relacionam dentro de uma lógica, esta lógica é dada por esta via. Mesmo os povos tradicionais têm uma lógica na organização dos nomes de plantas que usam, constituindo sistemas também (e.g. VERGER, 1995).

Para Foucault (1999, p. 98-99) a epistemologia clássica é possível devido a um conhecimento da ordem. Quando se trata de ordenar naturezas simples, utiliza-se a *Máthêsis* através do método algébrico; quando se quer ordenar naturezas complexas, como é a das representações, é necessário constituir uma *Taxinomia*, que nada mais é que implantar um sistema de signos.

Este mesmo pensador definiu o "sistema" como uma técnica para estabelecer as identidades e diferenças entre os seres naturais. para se constituir um sistema, "se escolhe um conjunto finito e relativamente limitado de traços, dos quais se estudarão, em todos os indivíduos que se apresentarem, as constâncias e as variações". A técnica do "sistema" se oporia à técnica do "método" em que "se fazem comparações totais, mas no interior de grupos empiricamente constituídos, onde o número de semelhanças é manifestadamente tão elevado que a enumeração das diferenças a perfazer-se e assim, pouco a pouco, o estabelecimento das identidades e das distinções poderá ser assegurado" (FOUCAULT, 1999, p. 190).

Tanto a técnica do "sistema", como a do "método" gerarão sistemas de classificação, no entendimento aqui seguido. A técnica do "sistema" irá gerar os sistemas de classificação chamados "artificiais", cujas categorias são definidas por uma ou poucas características; enquanto que o uso do "método" gerará os sistemas de classificação chamados "Naturais", cujas categorias eram definidas por descrições exaustivas dos estados de caracteres.

Desde a antiguidade grega, os sábios tentaram organizar o conhecimento sobre as plantas de forma recuperável. É amplamente aceito que Teofrasto (370-285 AC), discípulo de Aristóteles tenha sido aquele que conseguiu reunir numa obra (História das Plantas) este conhecimento, registrando quase 500 tipos de plantas diferentes.

(LAWRENCE, 1951). Depois de uma longa história, quando os estudiosos das plantas registraram suas convicções e propuseram sistemas de classificação, um verdadeiro gênio surgiu na Suécia: Carolus Linnaeus (1707-1778). Este médico e botânico escandinavo foi o autor de uma Taxinomia (ou Taxonomia) universal. Em sua obra *Philosophia Botanica*, publicada em 1751, ele projeta encontrar, seja na natureza, seja na sociedade, as mesmas distribuições e a mesma ordem (FOUCAULT, 1999, p. 104).

Linnaeus, atribuindo sexualidade às plantas, montou um sistema de classificação em que as estruturas reprodutivas das flores eram usadas para classificar as diversas espécies. Nomeando as plantas com base na mitologia grega e latina, como também sugerindo aspectos da sexualidade humana, que às vezes chegava perto da pornografia, além de sua própria capacidade pessoal de atrair e convencer as pessoas, o assim denominado "Sistema Sexual" foi amplamente utilizado na Europa (LAWRENCE, 1951).

Sem dúvida, a contribuição mais importante de Linnaeus foi o estabelecimento do sistema binomial, onde um nome de planta é formado por dois epítetos: genérico e o específico. Por exemplo: *Pontederia ovata* Linnaeus, o primeiro nome é o epíteto genérico, o segundo o epíteto específico e o último é o nome do autor da espécie (LAWRENCE, 1951).

Para Howarth (1996, p.72), a classificação de Linnaeus é uma linguagem morta, estática. A evolução dos organismos proposta por Charles Darwin em 1859 veio enriquecer o sistema de classificação lineano, como se ele acrescentasse "verbos" aos nomes dos organismos, descrevendo as mudanças morfológicas ao longo do tempo. Aos poucos os sistemas de classificação foram absorvendo os conceitos darwinianos, estes mesmos evoluíram com o acréscimo do conhecimento de outros pesquisadores.

Atualmente as espécies de plantas são ordenadas dentro de um sistema baseado numa complexa relação de similaridade entre as sequências de bases nitrogenadas de Ácido Desoxirribonucléico (DNA), que determinam a síntese protéica no interior das células, fazendo com que as características morfológicas sejam transmitidas de geração para geração. É o sistema filogenético, ou seja, sistema baseado na hipótese da evolução dos seres vivos, em que os grupos existentes desenvolveram-se a partir de ancestrais comuns que existiram no passado (cf. STEVENS, 2017). No sistema filogenético, as espécies vegetais são organizadas conforme a hipótese de descendência a um único ancestral, formando o que se chama de grupo monofilético. Hoje em dia, este grupo é determinado através de um complexo cálculo de graus de similaridade na

constituição das bases nitrogenadas nas moléculas de DNA e não mais com base apenas nas suas semelhanças morfológicas.

Pode-se dizer então que o estudo das plantas evoluiu para a dimensão microscópica até chegar às moléculas geradoras das diversas linhagens atualmente existentes, atingindo desta forma o ideal reducionista mecanicista imposto à botânica e às ciências em geral desde Descartes. A necessidade de trazer a natureza para o laboratório, mesmo que no processo os seres vivos estejam desprovidos de sua principal característica: a vida.

Quando se observa o desenvolvimento histórico dos sistemas de classificação, o que chama a atenção é o caráter ideológico deles. Não só a ideologia como expressão da classe dominante (cf. CHAUI, 2001), mas aquela expressa por Foucault (1999, p. 116) como um denominador comum dos conhecimentos, com "origem manifestada em um discurso contínuo (...) uma linguagem que reduplica em toda sua extensão o fio espontâneo do conhecimento"

O sistema de Linnaeus caiu nas graças da ciência inglesa, cuja nação orgulhava-se do sol jamais se por no seu território, de tão vasto que ele era, tendo sido amplamente utilizado para organizar as coleções de plantas que vinham de todos os lugares do mundo. Existiam outros sistemas contemporâneos ao de Linnaeus, como o de Tournefort, porém a data inicial dos estudos taxonômicos foi estabelecida como sendo a data de publicação do trabalho de Linnaeus e todos os outros foram desconsiderados, sendo que agora muitos estão completamente esquecidos, citados apenas como curiosidade histórica. Esse apagamento de personagens que contribuíram de forma significativa para a ciência de sua época, em nome da ordenação, da melhor utilidade dos sistemas, tem óbvios componentes ideológicos, pois dessa forma desafetos e, principalmente, representantes de culturas não hegemônicas, podem ser eliminados. Não é uma escolha inocente: O sistema de Linnaeus, proveniente de um país aliado da Inglaterra (Suécia) foi preferido em relação ao sistema de Tournefort, proveniente de um país inimigo da Inglaterra (a França), que foi derrotado nas guerras napoleônicas.

Um exemplo disso é o sistema de Cronquist, que dominou a pesquisa taxonômica vegetal. Publicado na sua forma mais completa em 1981, o sistema foi amplamente baseado no sistema proposto por Takhtajan (1997) publicado em 1940. Cronquist escrevia em inglês, Takhtajan em russo: não é difícil imaginar que o sistema proposto pelo estadunidense de Nova York foi muito utilizado no mundo ocidental. Ele foi imposto nos institutos de pesquisa de forma que se um artigo não estivesse nesse

sistema, dificilmente conseguiria ser publicado em alguma revista. O que é difícil de explicar, sem sugerir motivos ideológicos, é o porquê do livro de Takhtajan só ter sido publicado em inglês 50 anos depois de seu surgimento.

Os estudos filogenéticos baseados em DNA trouxeram uma acuidade à ciência Sistemática que anteriormente ela não tinha. Sendo os sistemas anteriores baseados em características morfológicas e sendo estas muito variáveis, os sistemas baseados na morfologia apenas eram confusos e apresentavam várias sobreposições. A determinação de que um grupo para ser aceito como natural teria que ter sido originado de um ancestral comum (grupo monofilético), a necessidade de ter estados de caracteres derivados sustentando esse grupo (sinapomorfias), um sistema estatístico computadorizado que oferecia a necessária possibilidade de uma equipe de pesquisadores independentes verificar a exatidão das propostas apresentadas, elevaram a qualidade científica da sistemática vegetal. No entanto, a metodologia desenvolvida para dar nomes aos grupos de seres vivos em geral e aos grupos de planta em particular permaneceu dependente de um conjunto de normas e preceitos: a nomenclatura.

Um princípio básico da nomenclatura é a tipificação. Um nome científico é baseado em um tipo nomenclatural, que é um espécime depositado em herbário, o qual o autor da espécie determinou como sendo seu representante (cf. MCNEILL et al., 2012). A ligação do nome da espécie a um tipo nomenclatural é uma referência à concepção platônica da natureza, onde qualquer objeto só é real no mundo das ideias, no mundo sensível tal objeto é apenas uma representação. O tipo nomenclatural é uma tentativa do ser humano de materializar esse objeto ideal, como se fosse uma ancoragem, uma fixação do objeto ideal no mundo sensível. Dessa forma, todas as espécies conhecidas pela humanidade estão representadas em algum museu (herbário) como seu tipo nomenclatural.

É interessante notar que, apesar dos grandes grupos de plantas serem organizados dentro do sistema filogenético, a necessária ancoragem do nome científico da espécie em um tipo nomenclatural faz com que a sua definição continue sendo morfológica. Esta ligação pode ser interpretada como o desesperado esforço da humanidade em manter a "palavra" perto da "coisa" que ela representa.

A análise que Foucault faz da evolução do saber da era clássica para a era moderna demonstra que a "palavra" se distanciou da "coisa". Ou seja, na modernidade a "palavra" e seu objeto de referência já não necessariamente partilham o mesmo espaço,

o objeto agora é identificado e valorizado pelo discurso a ele associado (COELHO, 2011, p.100).

E se a "palavra" agora está em uma mensagem literária, a "coisa" que ela representa esta ainda mais dissimulada, agora tem o "leitor", agora tem várias formas de leitura. A "palavra" se distancia da "coisa", mas isso não significa que seus limites ficam mais nítidos, pelo contrário:

Não há limite nítido entre o conteúdo da própria obra e a interpretação que lhe é dada no curso de diferentes leituras. A mensagem literária é colocada fora de todo o contexto extralinguístico e isto a torna ambígua em sua própria natureza. A interpretação de uma imagem na consciência de um leitor é necessária e pode não ter fim nunca. (TODOROV, 1971, p.152).

Pode-se considerar a taxonomia sistemática, tipológica, um resquício do pensamento neoclássico. Ela tenta, através de regras e normas, mesmo que seja uma nomenclatura concebida com base na ciência e estabelecida de maneira convencional, manter o nome associado ao seu objeto de referência.

O nome das plantas traz também uma relação com a memória e com a necessidade que a humanidade tem de acessar a memória. A identificação de uma espécie (atribuição de um binômio a ela) é um ato que acontece no presente, mas que se refere a uma comparação a uma imagem fixa no passado (tipo nomenclatural). Pode-se dizer que a identificação é um resgate do conteúdo de informação contido no tipo nomenclatural. Ou seja, a identificação de uma amostra vegetal nada mais é que a determinação que a amostra desconhecida é similar a uma outra amostra. Isso corresponde às palavras de Foucault (1999, p. 33), para quem a identidade das coisas se deve ao fato de que "possam assemelhar-se a outras e aproximar-se delas, sem contudo se dissiparem, preservando sua singularidade".

Também se pode chamar de "identificação" o processo de associação de um nome vernáculo ou mesmo um nome científico citado em um texto literário a uma espécie da natureza. Porém, além das características morfológicas e biogeográficas, deve-se levar em conta também os elementos culturais associados àquela espécie. Um exemplo disso é o uso do fruto do umbuzeiro para preparar a umbuzada, o leitor tem a certeza que se trata do umbuzeiro, pois só dos frutos de representantes desta espécie se faz a referida bebida; ao mesmo tempo o pesquisador tem uma razoável certeza em associar esses nomes vernáculos à *Spondias tuberosa* Arruda.

O nome científico é um índice que permite o acesso a toda uma quantidade de informação publicada, de forma que a simples identificação de um espécime permite ao pesquisador o resgate de toda essa informação. Além do conhecimento indexado à espécie, o nome científico permite o resgate histórico do processo desenvolvido até chegar ao nome atualmente aceito. Um dos princípios da taxonomia botânica é valorizar a publicação mais antiga: Princípio da Prioridade (cf. MCNEILL et al., 2012).

Tomando como exemplo o nome acima citado, *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) Rich.: Ao lado do nome científico pode-se ler a abreviação do nome dos autores da espécie: Félix Avelar Brotero (1744-1828) e Achille Richard (1794-1852). O primeiro, um ilustre botânico português, descreveu a espécie *Callicocca ipecacuanha* Brot., porém o segundo transferiu a espécie para o gênero *Cephaelis*, fazendo a combinação *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) Rich. Contudo, Anderson, estudando a filogenia do grupo de *Cephaelis*, percebeu que *C. ipecacuanha* pertencia na verdade ao gênero *Carapichea* e fez a combinação atualmente aceita: *Carapichea ipecacuanha* (Brot.) L.Anderson (TAYLOR, 2015).

Destaque-se que o nome de Brotero não foi esquecido, assim como sua contribuição para a ciência, tanto a pessoa como a sua herança permanece ligados ao nome científico que permite a reconstituição dessa história, que é um resgate. O nome científico não resgata apenas a sua própria história taxonômica, que muitas vezes está ligada à história da ciência. Ele também é um índice.

Atualmente, com a rede mundial de computadores, pode-se acessar o conhecimento a partir de um único terminal. É possível estudar a flora brasileira, como é possível estudar a flora chinesa. Mesmo as barreiras de idioma estão sendo rompidas com a tradução de textos *on line* cada vez mais precisa. Com o conhecimento da correta identificação do nome científico, é possível acessar as últimas descobertas feitas sobre a planta que o nome representa. Estudos farmacológicos, agrônômicos estão rapidamente disponíveis a qualquer um que necessite de conhecimento. Dessa forma, ao se pesquisar o conhecimento baseado no nome científico, pratica-se o seu resgate. O pesquisador retorna ao passado e retoma aquele conhecimento que está guardado em publicações antigas, retomando integralmente uma memória a muito depositada.

A mudança do paradigma de uma sistemática morfológica (baseada na semelhança) para uma sistemática macromolecular (baseada na filogenia descrita no DNA), prejudica a manutenção de uma nomenclatura taxonômica ainda tipológica. A simples semelhança das formas das estruturas não pode mais determinar corretamente o

nome do grupo ao qual a espécie pertence. Apesar do novo paradigma prejudicar a indexação do nome científico ao conhecimento, ele aproxima da forma que a cultura popular se relaciona com o nome das espécies, permitindo uma maior variação da sua representação.

A classificação da natureza é uma necessidade. Uma forma que o ser humano encontrou para conquistá-la: Dividir para conquistar! Colocando a natureza em compartimentos, buscando similaridades, elaborando hipóteses de uso, aos poucos esse grande arquivo que é o sistema de classificação, cheio de falhas e vazios, mas sempre em contínuo crescimento, permitiu ao ser humano grandes avanços em diversas áreas.

É interessante notar que a classificação e a denominação dos vegetais aparecem também em outras culturas. Na verdade, cada cultura irá criar um sistema de classificação e uma nomenclatura. Estudos em comunidades indígenas revelaram que elas desenvolvem um sistema de classificação das plantas, esses sistemas também são baseados nas semelhanças físicas das plantas entre si, mas também utilizam outros caracteres como a utilidade, a origem ou mesmo aspectos ecológicos. Algumas vezes os nomes indígenas podem reunir mais de uma espécies científica, às vezes uma única espécie científica pode corresponder a vários nomes indígenas. Contudo, frequentemente os nomes correspondem. Um exemplo é o registrado na família linguística Tukano, do noroeste amazônico, onde o gênero *Inga* (Fabaceae) aparece com o nome "mere", as espécies recebem epítetos formando também um binômio. Assim no Tukano "Busa mere", traduzido para o português como "Ingá da coceira", corresponde perfeitamente ao nome científico *Inga macrophylla*; já "Mere pahka", em português "Ingá cipó" é facilmente identificável como *Inga edulis* (Cabalzar et al. 2017, p. 39). Cabe ressaltar que tanto o nome Tukano como o nome português são binômios: um nome genérico ("mere", "ingá") e um epíteto específico ("da coceira", "Busa"), assemelhando-se ao sistema lineano.

Quando os nomes de plantas são citados em um texto literário, ele traz toda a informação indexada a ele. Normalmente o que se encontra nos textos literários são nomes vernáculos, mas outros textos literários podem fazer uso de nomes científicos também, como ocorre no livro *Os sertões* de Euclides da Cunha (e.g. *Cereus jaramacaru* (sic), cf. Cunha, 1982, p. 40). Na poesia tem o exemplo de *Apeiba simbalanea*, utilizado por Jorge de Lima (1997, p. 213).

Os dois usos são muito diferentes um do outro. O primeiro tenta dar um cunho "científico", tenta oferecer uma precisão, posto que nessa parte do livro de Euclides da

Cunha, ele se dedica à descrição do ambiente em que aconteceu o terrível massacre de Belo Monte.

Os mandacarus (*Cereus jaramacaru*) (sic), atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. Atuam pelo contraste. Aprumam-se tesos triunfalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime. (CUNHA, 1982, p.40).

Mais a frente na mesma obra o autor de *Os sertões* arrisca o uso de outro nome científico para identificar o xique-xique:

Os xiquexiques (*Cactus peruvianus*) são uma variante de proporções inferiores, fracionando-se em ramos ferveilhantes de espinhos, recurvos e rasteiros, recamados de flores alvíssimas. Procuram os lugares ásperos e ardentes. São os vegetais clássicos dos areais queimosos. Aprazem-se no leito abrasante das lajens graníticas feridas pelos sóis. (CUNHA, 1982, p.40).

Já o segundo pretende justamente expor a impropriedade dos nomes científicos, uma denominação estrangeira que diminui a denominação nativa:

Não *apeiba simbalanea*,
o teu nome, conterrânea, é Embira Branca,
Pau-de-jangada, simplesmente,
com que o homem das praias
vence as ondas
e ferra o tubarão,
o mero,
a arraia. (LIMA, 1997, p. 213).

Jorge de Lima levanta justamente a questão aqui abordada, pois o nome vernáculo (embira branca ou pau de jangada), traz com ele a memória cultural, as precárias embarcações com que o pescadores enfrentam o mar e verdadeiros monstros (como o tubarão).

Ao chamar a atenção para a maior riqueza do nome vernáculo, Jorge de Lima revela a pobreza metafórica do nome científico, seu caráter necessariamente exótico à cultura nacional. Já Euclides da Cunha pretende oferecer uma confiabilidade científica a um texto carregado de poesia. Ambos revelam a dificuldade que é encaixar o nome científico num contexto literário.

Ao contrário do nome científico, o nome vernáculo não está ligado a um tipo nomenclatural, ele está ligado à cultura, às tradições que podem remontar aspectos muito antigos. Muitos desses nomes referem-se a mitos estabelecidos nas profundezas do passado de um povo, trazendo nos seus significados cargas morais, religiosas, históricas etc. O nome vernáculo, mesmo impreciso, também é um índice, permitindo

ao poeta, ao prosador, associar a ele informações culturais, metáforas e mitos. O nome vernáculo também permite um retorno a um evento ocorrido no passado, mas o que se obtém desse retorno não é um resgate, não é o conteúdo fixo e imutável de um tipo nomenclatural, ele traz uma informação trabalhada, filtrada... o nome vernáculo traz uma memória.

Quando a modernidade permite a construção de uma literatura mais livre das semelhanças, que aceita uma oscilação da linguagem (COELHO, 2011, p. 97). O nome das espécies se distancia do seu objeto de referência, do tipo nomenclatural, e passa a permitir uma maior diversidade de representações. Apesar dos nomes científicos e dos nomes vernáculos de plantas pretenderem guardar a memória de um determinado setor do conhecimento, o tipo de memória é muito diferente. Nos nomes científicos há uma tentativa do resgate conhecimento, enquanto que nos nomes comuns há uma memória cultural que não é de todo acessível. A complexidade cultural que um nome vernáculo de planta é tão grande que, se é difícil utilizá-lo na ciência experimental, permite uma utilização literária vertiginosa, elevando o colorido metafórico dos textos artísticos.

Na literatura, os nomes científicos parecem conferir maior verossimilhança (cientificidade) ao texto, ao mesmo tempo que representam uma cultura exógena, que rejeita a cultura popular. Já os nomes vernáculos carregam uma quantidade muito grande de informações, muito maior que os nomes científicos, permitindo aumentar as potencialidades interpretativas do texto, devido ao potencial exponencial de significados que carregam. O estudo dos nomes de plantas utilizados nas obras literárias permite o acesso do pesquisador não só ao conhecimento científico associado a uma espécie, mas também ao conhecimento cultural ligado à ela, gerando uma melhor compreensão das representações presentes na obra de arte.

A pesquisa dos nomes de plantas em uma obra literária pode muito bem ser estudada dentro da Ecocrítica. Para Glotfelty (1996, p. xviii), a ecocrítica é, na sua forma mais simples, o estudo das relações entre a literatura e o ambiente físico, partindo-se da premissa que a cultura humana está conectada ao mundo físico, afetando-o e sendo afetada por ele. Em ecologia, a lista de espécies de uma região é chamada de "riqueza". A riqueza faz parte da biodiversidade. O estudo das espécies citadas em um texto literário possibilitará a compreensão de um aspecto da concepção do autor sobre o ambiente físico à sua volta, da sua riqueza.

A humanidade enfrenta atualmente uma crise ambiental sem precedentes, sendo que parte dessa crise expressa-se em termos de biodiversidade. O consumo dos recursos

ambientais chegou a um tal nível que a extinção das espécies está mais acelerada que a capacidade da ciência de descobri-las. As obras literárias registram a riqueza das paisagem em que a trama se desenrola, dessa forma oferece informações preciosas sobre a biodiversidade desses locais na época da sua composição.

A ecocrítica tem acumulado grande quantidade de conhecimento desde a sua proposição, de forma mais sistematizada, no final do século XX. Uma das proposições mais interessantes desta área é o estudo da escrita natural (*nature writing*). Nesta abordagem, analisa-se textos produzidos com a intenção de descrever aspectos naturais de um determinado ambiente, textos que podem intermediar o conhecimento da natureza e a cultura. Pode-se identificar três dimensões na definição de uma Escrita Natural; 1) textos científicos gerados na imediata observação sistematizada da natureza; 2) textos gerados com ambição artística, trazendo aspectos autobiográficos e expressões metafóricas e 3) textos gerados com intenções pragmáticas, como o uso prático da natureza, instruções de rotas de viagem, mapas, coleção de fotografias, etc. (TÜÜR, REITALU, 2012, p. 12).

É comum encontrar nas grandes obras literárias uma minuciosa descrição do ambiente em que a trama se desenrola. Só para citar um exemplo, o conto de Guimarães Rosa, *São Marcos*, em que protagonista é enfeitiçado e perde a visão durante um passeio na floresta. Neste conto, a descrição precisa do ambiente com a indicação das espécies vegetais e suas características permitirá ao leitor entender como ele consegue identificar as espécies para se orientar durante a fase da cegueira (FRANÇA, 2018). Neste tipo de obra artística, poder-se-ia dizer uma obra artística ambientalista, há o oferecimento de um retrato ou de uma evocação do mundo palpável como um artefato retórico. A isso, pode-se denominar uma "ecomimese" (BUELL et al., 2011, p. 417).

A botânica de obras literárias tem um componente transdisciplinar. Em um estudo interdisciplinar há o emprego de mais de uma única disciplina para atingir os objetivos propostos, de forma que as disciplinas participantes mantenham suas identidades no que concerne às suas teorias e práticas. Em um estudo transdisciplinar, além da participação de mais de uma disciplina na pesquisa, há uma dissolução dos limites teóricos e práticos das disciplinas participantes. É a "consiliência" (do inglês, *consilience*), pois as diferentes disciplinas não estão apenas justapostas, mas integradas numa nova síntese. Neste sentido, a transdisciplinaridade é uma resposta à fragmentação do conhecimento em disciplinas distintas. A botânica em obras literárias é apenas uma parte de um campo maior que pode ser denominado Botânica Cultural,

que pretende a fusão da arte com a ciência, permitindo que as faculdades multissensoriais do ser humano participem da construção do conhecimento. O diálogo entre a linguagem literária e a taxonomia contribui para embasar os esforços dos pesquisadores para compreender a dimensão cultural das plantas (cf. RYAN, 2011).

2.2 Um autor, uma obra

Dos autores literários brasileiros, talvez Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha seja o que tenha biografia mais ligada à sua obra literária. Quando se fala o nome de Euclides da Cunha, ele já arrasta à memória o título *Os sertões*. E, vice-versa, quando se fala em Sertão, é impossível não vir à memória do nome desse escritor. Tanto isso é verdade que ninguém estranha ter em pleno semiárido baiano um município chamando Euclides da Cunha.

O autor de *Os sertões* nasceu em 20 de dezembro 1866 em Santa Rita do Rio Negro, na fazenda Piedade, atualmente distrito de Euclidelândia do município de Cantagalo, estado do Rio de Janeiro, vindo a falecer na cidade do Rio de Janeiro em 1909, aos 43 anos (CUNHA, 1982).

Seu pai foi Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, natural da Bahia, que trabalhava como guarda-livros, prestando serviços de forma itinerante em fazendas de café no interior da província do Rio de Janeiro. Manoel casou-se com Eudóxia Moreira, filha de um pequeno fazendeiro, que lhe deu dois filhos (Euclides e Adélia), porém Eudóxia não viveu o suficiente para ver seus filhos crescidos, tendo morrido de tuberculose em 1869. Na ausência da mãe, Euclides passou a juventude de casa em casa de parentes. Primeiro em casa de tias em Teresópolis e São Fidelis (Rio de Janeiro), depois em casa de um tio no Rio de Janeiro e posteriormente passou alguns anos em Salvador (Bahia) com os avós paternos (BARROS, 1982, p. 3).

Já no curso secundário, feito no colégio Aquino, no Rio de Janeiro, Euclides colaborava no Jornal *O democrata*, com textos fortemente influenciados pelo Romantismo. Ingressou na Escola Militar, em 1885, mais pela falta de recursos do que pelo talento para a vida na caserna. Nessa época, o jovem Euclides é um ardoroso republicano. Tendo o governo proibido as manifestações dos estudantes ao retorno de Lopes Trovão³, um político republicano que voltava da Europa, Euclides, então com 22

³ José Maria dos Reis Lopes Trovão, político republicano e abolicionista, liderou a comitiva que foi à casa de Deodoro da Fonseca pressioná-lo para proclamar a República. Também propôs

anos, durante a formação, atira acintosamente sua baioneta ao chão⁴, ato que o levou à expulsão da Escola Militar. Este ato de insubordinação fez o jovem cadete célebre. Livre da prisão por interferência de amigos junto ao imperador, o jovem revoltado foi enviado para cidade de Descalvado (São Paulo) onde o pai dele tinha uma pequena fazenda. A sua celebridade levou Júlio Mesquita a convidá-lo para trabalhar no jornal "Província de São Paulo". Em 1889, o articulista (sob o pseudônimo Proudhon) escreveu muito, defendendo abertamente a derrubada da Monarquia. Paralelamente preparou-se e logrou entrar para a Escola Politécnica como estudante de Engenharia Civil. Com a proclamação da república, o famoso "estudante da Baioneta" é reintegrado à carreira militar, chegando a segundo-tenente na Escola Superior de Guerra em 1890. Neste ano, Euclides se casa com Ana Sólton Ribeiro, filha do major Frederico Sólton Ribeiro, o oficial que levou a ordem de deportação ao Imperador deposto. Em 1893, o escritor é promovido a primeiro-tenente e passa a ser adjunto de ensino na Escola Militar. Mesmo tendo sido chamado para participar do governo pelo presidente Floriano Peixoto, Euclides prefere o cargo de engenheiro na construção da estrada de ferro Central do Brasil, demonstrando desencanto pela carreira militar e pelos rumos tomados pelo Brasil. Contudo, a revolta da armada fez o futuro autor d'*Os sertões* retornar ao Rio de Janeiro, onde trabalhou na Diretoria de Obras Militares, tendo sido o encarregado da construção de fortificações no morro da Saúde. Colocou-se veementemente contra a execução de prisioneiros políticos detidos na Ilha das Cobras, o que lhe garantiu um afastamento para a cidade de Campanha (Minas Gerais). Reforma-se em 1896 no posto de tenente⁵, sendo nomeado engenheiro-ajudante de Primeira Classe da Superintendência de Obras Públicas de São Paulo. Em 1897 viaja para Canudos como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, assistindo os últimos combates e a queda final do povoado. Tal experiência o leva a escrever *Os sertões*, publicado em 1902, uma das obras literárias mais importantes produzidas no Brasil, tendo recebido, imediatamente à publicação do livro, críticas positivas e grande número de leitores, o que garantiu a viabilidade de uma segunda edição do livro ainda em 1903. O grande sucesso de *Os sertões* garantiu o acesso à ao Instituto Histórico e

uma nova bandeira para país, fortemente inspirada na bandeira estadunidense, porém com listas verdes e amarelas (referência).

⁴ Barros (1982, p. 4) afirma que Euclides atirou seu espadachim aos pés do ministro da Guerra, o sr. Tomás Coelho, aos gritos de "Viva à República".

⁵ Barros (1982) afirma que Euclides reformou como Capitão, porém Ventura (2002, p. 22) afirma que foi no posto de tenente. Preferiu-se o segundo, pois sabe-se que na época de Euclides, os militares não avançavam um posto no ato da reforma.

Geográfico Brasileiro, como também da Academia de Letras. Contudo, com a perda do emprego de engenheiro, teve que escrever artigos para *O Estado de São Paulo*, artigos esses que foram reunidos no livro *Contrastes e confrontos*, publicado em 1907. Numa viagem à Amazônia, ao alto Purus, nomeado pelo Barão do Rio Branco como chefe da comissão de reconhecimento da região, reúne material que seria publicado postumamente, em 1909. Postumamente, pois neste mesmo ano, enfrenta a tiros o amante de sua esposa, sendo mortalmente ferido (CUNHA, 1982; BARROS, 1982; VENTURA, 2002).

Tendo passado mais de um ano na Amazônia, quando retorna ao Rio de Janeiro, encontra sua esposa grávida de poucos meses, sendo que o pai do bastardo seria Dilermando Cândido de Assis, jovem amigo de seu filho (Sólon). Euclides tentou contornar a situação de forma pacífica, registrou o filho de Ana como seu. Apesar de seu desejo de fugir da situação constrangedora retornando à Amazônia, seja para cuidar da demarcação das fronteiras com a Venezuela, ou mesmo cuidar da construção da famigerada estrada de ferro Madeira-Mamoré, Euclides foi convencido por Coelho Neto a tentar uma vaga na cadeira de Lógica no Ginásio Nacional. Mesmo tendo ficado em segundo lugar no concurso, o primeiro lugar coube ao filósofo Farias Brito, foi nomeado ao cargo por influências de seus amigos. Foram apenas 10 aulas, pressionado pela situação doméstica, pelos sinais da tuberculose que o consumia, resolveu dar um fim na questão que envolvia sua esposa e trocou tiros com Dilermando (BARROS, 1982, p. 6; VENTURA, 2002, p. 38).

A biografia de Euclides da Cunha chama a atenção para alguns detalhes que diferenciam-no do cidadão brasileiro médio. Uma dessas coisas é o fato de que ele conhecia profundamente o país. Euclides não era mais um caranguejo⁶ arranhando a costa atlântica com os olhos saudosos voltados para a Europa. Ele era um homem voltado para o Brasil, para o seu interior, para as suas mazelas. Ele viajou pelo país distâncias que mesmo hoje em dia, com as facilidades de transporte, poucas pessoas se aventuram a fazer. De forma que sua obra, reflete um homem conhecedor do grande interior do Brasil.

Também não se pode acusar o escritor de ter sido um teórico distante da praticidade. Ele arregaçou as mangas e pôs-se a trabalhar. Teve participação na

⁶ Imagem produzida por Frei Vicente do Salvador :“Da largura que a terra do Brasil tem para o sertão não trato, porque até agora não houve quem a andasse por negligência dos portugueses, que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de andar arranhando ao longo do mar como caranguejos” (cf. Oliveira, 2003).

demarcação das fronteiras do Brasil, trabalho hercúleo levado a cabo pelo Barão de Rio Branco, que não teria conseguido fazer se ao seu lado não tivesse homens como Euclides da Cunha.

2.3 Sertão

Zilly (2002, p. 355) afirma que o sertão é o verdadeiro assunto e principal personagem da obra euclidiana: "O principal protagonista, porém, é o sertão, que no plural, na sua multiplicidade e variabilidade, fornece título ao livro", uma personagem trágica, sujeita aos insondáveis mecanismos da evolução.

A palavra "Sertão" carrega um misto de mistério e medo. Riquezas desmedidas encontram-se escondidas nas imensas paisagens, animais ferozes e venenosos esperam os incautos atrás de cada moita, de cada fenda nas rochas. Doenças terríveis espreitam os curiosos: malária, leishmaniose, doença de chagas, esquistossomose, isso sem falar de vírus letais ainda não conhecidos pela ciência.

Ao chegar no interior do Brasil, o viajante fica atônito com a grande diversidade de paisagens com as quais ele se depara. De leste a oeste, de norte a sul: a vegetação varia dramaticamente de florestas semi-decíduais a campos, estes campos podem ser apenas gramíneos ou com árvores esparsas, as árvores tortuosas dos Cerrados, os cactos arborescentes da Caatinga. Grandes áreas com afloramentos rochosos variados, ambientes cársticos, arenitos de cores variadas, granitos dos mais diversos tipos. Rio portentosos como o São Francisco, rios temporários como o Vasa Barris; alguns apenas cicatrizes na paisagem, caminhos desolados de areia, por onde enxurradas passam efêmeras, porém às vezes destrutivas. Verdadeiros desertos com grandes depósitos de areia e imensas áreas pantanosas.

Galvão (2001, p. 13) ressalta que o sertão "não é uniforme", que mesmo sendo visto como um lugar "notório por sua secura e sua esterilidade" também é uma paisagem "rica em diversidade de plantas e de espécies de animais".

"Sertão" é uma multiplicidade de locais, muitas vezes com aspectos culturais igualmente diversos. A simplificação do "Sertão" como o antônimo de "Litoral" é um fenômeno ideológico, o primeiro é onde não tem a "civilização", enquanto que o litoral é o digno guardião dela. Esta simplificação apenas favorece o endurecimento de uma ideia que o "Sertão" é um referente negativo, o outro, que pode ser invadido, que pode

ser massacrado. O processo civilizatório visa a superação da condição sertaneja. (cf. MORAES, 2002).

É um trabalho estéril procurar associar ao termo "Sertão" uma delimitação espacial precisa. Desde o início de sua utilização, ele se refere mais a uma representação simbólica, que a uma existência espacial delimitável (SOARES, MOURA FILHA, 2013, p.86).

Atualmente, "Sertão" está muito associado ao Nordeste Brasileiro, sendo mesmo considerado oficialmente como uma das subáreas nordestinas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Para Amado (1995, p. 145), "entre os nordestinos, é tão crucial, tão preta de significados, que, sem ele, a própria noção de 'Nordeste' se esvazia, carente de um de seus referenciais essenciais" .

Vasconcelos Sobrinho (1949, pp. 30 e 57) divide o estado de Pernambuco de acordo com a classificação de Alberto Sampaio em Zonas Fitogeográficas (cf. BRASIL, 2012, p. 29-30). Nesta abordagem o Brasil é dividido em duas Floras: Amazônica e Geral (=Extra-Amazônica). A flora Extra-Amazônica tinha seis zonas fitogeográficas, sendo uma delas a Zona das Caatingas. Esta última era dividida em duas sub-zonas: Agreste e Sertão. As duas sub-zonas diferem pelo regime eólico que traz a umidade na época chuvosa. A sub-zona do Sertão caracteriza-se por não receber as massas de ar úmidas (o inverno) provenientes do mar.

Para Capistrano de Abreu (1988) o sertão é o interior do Brasil, seja no sul, descortinado pelo empenho dos Bandeirantes que seguiam o curso do Tietê, seja no nordeste penetrado pelo vale do São Francisco, ou mesmo no norte nas imensidões florestadas da Amazônia.

A origem da palavra é tema de muita discussão. Alguns autores afirmam que ela provém de "Desertão" (AMADO, 1995; GALVÃO, 2001; SILVA, 2006; ANTONIO FILHO, 2011), sempre associado a locais despovoados, distantes do litoral. Etimologia a qual parece concordar Martius (1956 [1845], p. 452), que definia os sertões como "desertos longínquos do interior". Em documentos mais antigos, é possível encontrar uma grafia com "c": "Certão", originado provavelmente de "Muceltão" passando por "Celtão". BARROSO (1947, apud ANTÔNIO FILHO, 2011, p. 85; GALVÃO, 2001, p. 16; NEVES, 2012, p. 16), levantou a possibilidade desse vocábulo ser originado do Bunda (dialeto Angolano), tendo o significado de "Mato longe da costa". Significado este que destaca a vegetação para a sua definição.

Este significado foi utilizado pelo padre Bluteau (apud SOARES, MOURA FILHA, 2013, p. 87), para quem "Sertão" é "o interior, o coração das terras" opondo-se ao que era marítimo e região costeira

O "sertão" visto pelos antigos naturalistas, que atravessaram o interior do Brasil coletando e descrevendo animais e plantas, é sempre considerado um deserto. As grandes áreas com exígua cobertura vegetal, os longos períodos de seca e a ocupação humana rarefeita corrobora essa visão. As populações humanas no "Sertão" brasileiro eram caracteristicamente isoladas, fazendo com que se desenvolvessem muito ligadas à natureza, sabendo usá-la para suas necessidades (MIRANDA, 2009).

Na literatura, o "sertão" foi descoberto como filão gerador de narrativas a partir do esgotamento do veio indianista. Para César (1966, p. 11) "Bernardo Guimarães⁷ (1825-1884) é o verdadeiro precursor dos nossos sertanistas (...) o seu romance *O ermitão de Muquém*, escrito em 1858, foi o primeiro a descrever romanescamente o sertão".

Neves (2012, p. 32) vê três fases na propagação histórica da ideia de "Sertão" na literatura: a romântica, tendo como principal representante o *Sertanejo* de José de Alencar, publicado em 1874; depois temos uma fase realista-naturalista com as obras de Euclides da Cunha e de Graciliano Ramos (com *Vidas Secas* vindo ao público em 1938); por fim uma fase pós-modernista inaugurada por Guimarães Rosa com *Sagarana* (de 1946) continuada em Ariano Suassuna, como o lançamento de *A pedra do Reino* de 1971.

A expressão "depressão sertaneja" é utilizada nas publicações ecológicas e geográficas para descrever parte do Nordeste Brasileiro dominado pelo clima semiárido. Ela é particularmente inóspita, pois, uma conjugação de fatores climáticos (e.g. distribuição irregular de chuvas) e pedológicos (e.g. solos com poucos nutrientes) geraram condições pouco favoráveis para o desenvolvimento de muitas espécies. Tais dificuldades contribuíram para o estabelecimento de uma vegetação que traduz essa inospitalidade: a Caatinga. Para Velloso et al. (2002, p. 7) "A vegetação considerada mais típica de caatinga encontra-se nas depressões sertanejas: uma ao norte e outra ao sul do bioma, separadas por uma série de serras que constituem uma barreira geográfica para diversas espécies ". A caatinga é caracterizada pela grande frequência de plantas armadas (com acúleos e espinhos), muitas vezes urticantes, além disso é comum a

⁷Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1884). Professor e Juiz, romancista e poeta. Célebre pelo romance *A Escrava Isaura*, entre outros (BOSI, 2006, p. 117)

ocorrência de plantas "carnosas", que são aquelas que conseguem acumular água em seus tecidos dando uma sensação de maciez ao toque, como se fosse um pedaço de carne. O sertanejo teve que aprender a se utilizar essa flora da caatinga, carnosa, mas espinhenta, delicada mas urticante, teve que acostumar-se à oscilação "da extrema aridez à exuberância extrema" (CUNHA, 1982, p. 47).

Para Neves (2012, p. 21), a conceituação atual de "Sertão" mescla conceitos geográficos (e.g. semiárido, interior, despovoamento), econômicos (e.g. pecuária) num processo histórico de construção que levou a uma ideia de "região".

O restrito conhecimento que se possuía do semiárido à época do conflito, fez com que alguns acreditassem que a caatinga próxima ao arraial de Belo Monte era particularmente inóspita. É o que demonstra o texto do correspondente de *A Notícia*, para o qual "Nas proximidades de Canudos dir-se-ia que a natureza propositalmente amontoou tudo que era espinhoso, porquanto apenas a catinga-de-porco é a única exceção. O que não possui as temíveis e agudas pontas, é horrivelmente cáustico como o cansaço e a favela" (GALVÃO, 1977, p. 426).

Mesmo assim, a região apresentava neste período, uma produção agropecuária nas proximidades de Monte Santo, como se pode deduzir do relatado pelo correspondente do periódico *A notícia*, Alfredo Silva, que testemunhou a existência de Algodoeiros estendendo-se ao longe, como também "canavial extensíssimo, mandiocal soberbo" e grande quantidade de "muares e de gado vacum, suíno e lanígero" (GALVÃO, 1977, p. 436).

O conhecimento da flora é essencial para a caracterização do "Sertão", por esse motivo é que foram gastos tantos recursos para a viagem exploratória de Martius⁸ e Spix⁹, como também para a publicação monumental da *Flora brasiliensis*. O conhecimento da natureza, do interior do Brasil, era (e ainda é) estratégico para a sua ocupação sustentável.

Vários esforços têm sido empreendidos pelo governo brasileiro para atingir esse conhecimento. Para exemplificar, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) lançou em 1993 o Zoneamento Agroecológico do Nordeste. Além disso,

⁸ Karl Friederich Phillip von Martius (1794-1868)- Botânico bávaro, presente na missão austríaca que veio a o Brasil junto com a princesa Leopoldina e fez importante coleção de espécies vegetais entre 1817 e 1820. Ao retornar à Europa dedicou-se à organização e à publicação dos trabalhos gerados com a sua expedição e, acima de tudo, comandou a edição da Flora Brasiliensis até sua morte (URBAN 1906, c. 56-60)

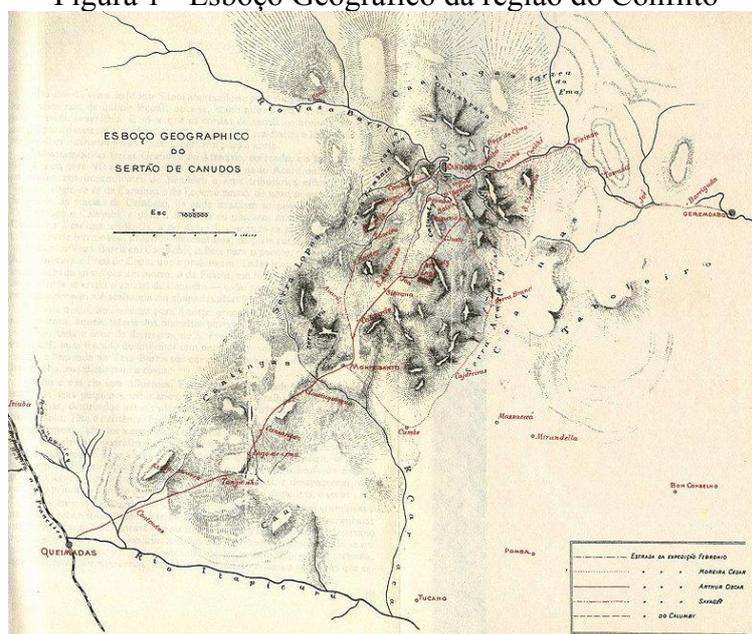
⁹ Johann Baptist Ritter von Spix (1781-1826)- Zoólogo bávaro, participou da mesma expedição junto com Martius, coletou mais 9000 espécimes animais (FITTKAU, 2001).

o Ministério do Meio-Ambiente em 2000 lançou o Programa Nacional de Biodiversidade (PROBIO). Tais esforços contribuíram de forma significativa para o conhecimento da região, tanto no aspecto geofísico como no nível de degradação das áreas. (VELLOSO et al., 2002, p.1).

2.5 A região do conflito

A região do conflito está delimitada na própria obra de Euclides da Cunha (cf. figura 1).

Figura 1 - Esboço Geográfico da região do Conflito



Fonte: Academia Brasileira de Letras, 2019.

A ocupação da área que seria futuramente o povoamento de Belo Monte começou como parte da imensa sesmaria liderada pelos descendentes de Garcia d'Ávila, os comandantes da famosa Casa da Torre. Na época do conflito, o grande proprietário de terras local era o Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins (1838-1903). (GALVÃO, 2001, p. 23).

Atualmente, esta área está na região Nordeste do estado da Bahia (ANDRADE, 2008, p. 23), compreende os municípios de Canudos (incl. Bendegó), Euclides da Cunha (antigo Cumbe), Uauá, todos derivados do grande município de Monte Santo. Jeremoabo, município vizinho ao atual Canudos, foi muito afetado durante a guerra e pode ser colocado nessa lista. O primeiro conflito entre os seguidores de Antônio Conselheiro e as forças policiais se deu em Masseté, atualmente pertencente ao

município de Tucano. No seu auge, a influência do Conselheiro estendia-se até Patamuté (povoado atualmente pertencente ao Município de Curaçá) (cf. GALVAO, 2001) (figura 2).

Figura 2 - Área de influência de Canudos



Fonte: Sales et al. 2018.

O viajante atual pode acessar Canudos vindo de Jeremoabo. Até pouco tempo atrás, a BR 235 ainda era uma estrada de chão batido, passando por Canché e finalmente chegando em Canudos. Em certo momento do caminho, a estrada passa muito próxima do Vaza-Barris, que, se ele não estiver em um dos seus momentos ressequidos, é possível molhar os pés em suas águas, que carregam pouco sedimento. Nesta estrada, a vegetação varia grandemente. Próximo a Jeremoabo temos a mistura de elementos de Caatinga com os de Cerrado, às bordas do Raso da Catarina, cujo ambiente desenvolvido em solo arenoso dificulta a viagem.

Outra forma de acessar a região de Canudos é vindo de Curaçá, penetrando-se nas caatingas em precárias estradas de terra até Patamuté, povoado atualmente rico em moradias vazias. De lá penetra-se nas extensas áreas de fundo de pasto e mais caatinga, nas épocas de estiagem não se molha os pés em nenhum rio sequer. Estes, denunciados pelas pontes, parecem apenas sinuosos caminhos de areia grossa. Depois de algumas

horas de jornada, o viajante contemporâneo já encontra movimentação urbana: são os arredores de Uauá. Em breve se chega no agitado entroncamento de Bendegó, já nos domínios de Canudos.

Atualmente, pode-se chegar em Canudos pelo asfalto da BR 116. Neste caso a caatinga passa tão rápido que toda a paisagem parece um contínuo verde-acinzentado, mal dá para ver as carcaças dos animais ressequidas, que lembram os higrômetros inusitados encontrados por Euclides. Como não lembrar do escritor ao chegar na movimentada Euclides da Cunha, nome com que o antigo povoado de Cumbe foi batizado ao se emancipar? Dali, de novo, Bendegó.

Alguém partindo de Paulo Afonso, passando por Glória e Rodelas, onde se pode ter contato com os Tuxás, que durante o conflito lutaram ao lado dos conselheristas (cf. VELDEN, 2003), seguindo pela rodovia estadual BA 311, encontrará a estranha vegetação da Caatinga Parque, em que ilhas de vegetação se formam em extensos terrenos arenosos, nesses terrenos é possível encontrar grande diversidade de tubérculos, alguns com utilidade alimentícia ainda desconhecida pela ciência. Passando por Macururé e viajando mais algumas horas, chega-se de novo no agitado entroncamento de Bendegó.

De Bendegó a Canudos percorre-se uma estrada curta, os trechos finais da BR 235, a mesma rodovia que liga a Jeremoabo. Os morros descarnados, o solo à mostra, as caatingas ressequidas, "*matorrales y cactus*"¹⁰, tudo parece desacelerar o automóvel, como se Canudos fugisse. Se descuidar, o viajante desatento segue para Jeremoabo, sem perceber Canudos, que tangencia a rodovia. O viajante tem que querer entrar em Canudos, tem que dar uma volta, para pegar a estrada que acessa a cidade.

O caminho percorrido por Euclides da Cunha a Canudos foi bastante diverso dos caminhos atuais. Ele partiu da Bahia (Salvador) via férrea, em direção a Alagoinhas, nessa estrada ele percebeu a variação da paisagem das florestas ombrófilas do litoral baiano para os campos savânicos dos tabuleiros, que mais parecem paleodunas com vegetação similar a dos cerrados. Ele registrou essa transição:

A flora é variada e muda continuamente de aspecto- esparsa e rarefeita nos tabuleiros em que se alevantam as árvores pequenas das mangabeiras de folhas delicadas e cajueiros de galhos retorcidos, salpicada pelas flores rubras e caprichosas das bromélias- ela ostenta-se, nos terrenos nos terrenos que despontam as rochas primitivas, exuberante em grandes cerrados impenetráveis, sobre os quais

¹⁰ Expressão usada com certa frequência em Vargas Llosa (1981), como uma forma generalizada e impaciente de descrever a caatinga.

oscilam as copas altas dos dendezeiros (*Elaeis guineensis*). (CUNHA, 2000, p. 128).

Em Queimadas, o jornalista desce do trem (a viagem para Canudos continuaria em lombo de animal) e se depara com a Caatinga. A flora inusitada surpreende o curioso cientista e empurra o escritor de encontro à vegetação, porém, no seu entusiasmo, ele logo se vê perdido na riqueza de espécies e lamenta que sua formação tenha sido tão falha nesse aspecto, uma formação rica em teorias, porém com poucas vivências práticas. Nesta riqueza, as cactáceas chamam a atenção:

A cada passo uma cactácea, de que há numerosas espécies, além dos mandacarus de aspecto imponente, dos xiquexiques menores e de espinhos envenenados que produzem a paralisia, dos quipás (cf. Apêndice 2, Prancha 13) reptantes e traiçoeiros, das palmatórias espalmadas de flores rubras e acúleos finíssimos e penetrantes. (CUNHA, 2000, p. 138).

Em Tanquinho, a planta que chama a atenção é o alecrim-dos-tabuleiros, que invade as casas abandonadas (CUNHA, 2000, p. 148), bem como a monotonia das paisagens dominadas pelos mandacarus (idem, p.150).

Depois da traumática passagem por Tanquinho ("positivamente um lugar detestável"), o escritor chega à região de Monte Santo, pousando em Quiriniquá. Logo ele percebe a mudança na paisagem com o aparecimento de novas espécies: "Predominam na flora novos espécimes: começam a aparecer em maior número os angicos de folhas miúdas e porte elegante, as baraúnas altas, as caraíbas de folhas lanceoladas, cassuquingas¹¹ de cheiro agreste e agradável." (CUNHA, 2000, p. 155).

Canudos apareceu de repente ao jornalista, quando, à cavalo, venceu uma encosta e chegou no seu ápice (CUNHA, 2000, p. 174). Ao chegar na região a primeira planta que irá chamar a atenção do naturalista é o icó (idem, p. 177), cujas folhas são usadas na construção dos telhados das choupanas locais. A vegetação deixa de atrair a atenção do escritor, seduzido pelo inusitado aldeamento aparentemente caótico, da mesma cor do solo, como se brotasse desse mesmo solo. A "urbanização" e a luta fratricida substituíram a natureza.

2.6 Base científica disponível a Euclides da Cunha

¹¹ Cassutinga: *Croton heliotropiifolius* Kunth (cf. Scaldaferrri, 2013)

A descrição da vegetação feita n' *Os sertões* foi baseada em grande medida nas monografias produzidas entre o final do século XIX e o início do Século XX sobre a flora brasileira, particularmente aqueles trabalhos desenvolvidos pelos naturalistas europeus que estiveram de passagem pelo interior do semiárido brasileiro.

No artigo intitulado *A nossa vendeia*¹², o próprio Euclides da Cunha revela suas referências para acessar o escasso conhecimento sobre o ambiente na região de Canudos:

O relatório apresentado em 1888 pelo Sr. José C. de Carvalho sobre o transporte do meteorito de Bendegó, os trabalhos do ilustre professor Caminhoá e algumas observações de Martius e Saint-Hilaire fazem com que não seja de todo desconhecida a região do extremo norte da Bahia determinada pelo vale do Irapiranga ou Vaza-Barris, rio em cuja margem se alevanta a povoação que os últimos acontecimentos tornaram histórica - Canudos. (CUNHA, 1995, v. 2, p. 605).

"O relatório apresentado em 1888 pelo Sr. José C. de Carvalho sobre o transporte do meteorito de Bendegó" trata do hercúleo esforço que foi feito para trazer o bólido, na época o segundo maior meteorito do mundo, que seria (e está) exposto no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro. No relatório do trabalho realizado com êxito, Carvalho faz uma descrição da região em que o Meteorito foi encontrado. O nome "Bendegó" vem de um riacho afluente do rio Vaza Barris, nome e região que nos remetem ao conflito de Canudos. Na descrição que Carvalho faz do ambiente em que caiu o siderito, ocorre a citação de diversas espécies que estarão presentes em *Os sertões*, como mandacaru, favela etc. (CARVALHO, 1888, p. 24-26).

Euclides refere-se à obra de Caminhoá de forma bastante direta. como no trecho em que ele descreve a indumentária do vaqueiro nordestino em *A Nossa vendeia*: "a comprida faca-de-arrasto, com que investe e rompe intrincados cipoais" (CUNHA, 1995, v.2, p. 608). Tal fragmento é muito similar ao encontrado em Caminhoá: "e leva (o vaqueiro) pendente na cintura a faca-de-arrasto, com que corta o cipoal" (CAMINHOÁ apud CARVALHO, 1888).

Outra obra importante que estava em processo de publicação foi a *Flora brasiliensis* inicialmente editada por Carl von Martius e tendo sido publicada entre 1840 e 1908. O engenheiro-escritor teve certamente acessível pelo menos o primeiro volume da monumental obra de Martius, onde o botânico bávaro descreve os vários

¹² De "Vendée", região da França do vale do Loire, cuja população de maioria monarquista, revoltou-se contra a revolução de 1789. Os amotinados foram massacrados pelas forças republicanas ao tentar atravessar o rio Loire, em 1793. O fato histórico inspirou Victor Hugo a escrever o romance *Quatrevingt-treize* (noventa-e-tres) (cf. HARDON, 2017).

ambientes naturais por onde ele passou e estudou junto com Spix. As expressões citadas em *Os sertões*, como "*Silva aestu aphylla*" e em seguida "*Silva horrida*" são expressões utilizadas por Martius. A primeira é descritiva da Caatinga, onde na estação mais quente e seca é comum observar grande deciduidade nas espécies vegetais. A segunda expressão, Martius faz a tradução do português "Mato carrasquento" para o latim (MARTIUS, 1841, c. 31), tais citações comprovam que Euclides tinha acesso à *Flora brasiliensis* na época da elaboração de *Os sertões*.

A citação de Saint-Hilaire é desconcertante. Trata-se de Auguste Saint-Hilaire, botânico francês que empreendeu uma grande viagem pelo Brasil de 1816 a 1822, gerando importantes anotações sobre a flora e as populações locais. Tal conteúdo foi publicado em uma série de obras a partir de 1830, sendo uma referência fundamental para o conhecimento científico do Brasil. Ele viajou pelas províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo (incl. Paraná), Goiás, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (MIRANDA, 2009). Mesmo em suas viagens em Minas Gerais, Saint-Hilaire não visitou o semi-árido mineiro (cf. URBAN, 1906). Ou seja, Saint-Hilaire jamais poderia ser uma fonte sobre aspectos da natureza e da sociedade do sertão de Canudos da primeira metade do século XIX.

A crítica publicada por José Novaes na Revista do Centro de Letras e Artes de Campinas, onde considera exagerado a pretensão de Euclides da Cunha ter se considerado um pioneiro científico naquela região (SANTANA, 1998, p. 148-149; DIAS, 2009, p. 133-134; GOMES, 2009), gerou grande irritação em Euclides da Cunha, que logo na segunda edição de sua obra esforçou-se por respondê-la. Porém, quando o autor d'*Os sertões* refere-se ao trabalho empreendido por Carvalho (1888) e pelos naturalistas estrangeiros, esta afirmação do crítico cai por terra, ou seja, Euclides não considerava "tabula rasa" o conhecimento científico da região de Canudos, contudo ele estava consciente que tal conhecimento era exíguo, ainda pouco sistematizado em obras gerais, no que ele não estava errado.

Mesmo assim, Euclides da Cunha apresenta um mapa bastante detalhado da vegetação da Bahia (Figura 3), onde a complexidade vegetacional, com mistura de diversos tipos na mesma área, já teria sido percebida.

A estadia de Euclides da Cunha em São Paulo foi de intensa atividade nas sociedades intelectuais regionais, onde o escritor, além do botânico citado, trocou idéias com personalidades como Teodoro Sampaio e Orville Derby. Tais contatos levam a crer que Euclides teve ampla possibilidade de mostrar seu trabalho a especialistas de cada área. Ao retornar da viagem a Canudos, o engenheiro apresentou um trabalho sobre o clima dos sertões da Bahia aos sócios do Instituto Geográfico de São Paulo, trabalho este que faria parte da sua obra mais importante (SANTANA, 2001, p.84).

Os correspondentes dos jornais da época, enviados para a região do conflito também registraram em suas reportagens a vegetação da caatinga, para muitos uma novidade inusitada. Tais reportagens certamente serviram para alimentar a obra euclidiana. Favila Nunes, correspondente da *Gazeta de notícias*, trouxe amostras dos "espinhos do sertão", como "mandacaru, cabeça-de-frade, xiquexique, palmatória, favela, macambira, catumbi, cansanção, crauá, bico-de-papagaio, rabo-de-raposa (duas espécies) (cf. Apêndice 2, Prancha 14), cravatá, juá (três qualidades), (...) raiz de umbu" (GALVÃO, 1977, p. 221).

Em artigo enviado ao periódico *A notícia*, o correspondente revela a transição da vegetação do ambiente da mata atlântica (partindo de Alagoinhas) para o interior. Para o correspondente há uma degradação ambiental percebida tanto pela geologia, como pela botânica da paisagem. Para ele, as árvores frondosas da mata úmida é substituída "por uma caatinga rala e pobre, onde crescem fartamente urzes e espinhos de todas as naturezas, dentre os quais destacamos formidáveis mandacarus, enormes palmatórias, grandes xiquexiques, rabos-de-raposa, gravatás, macambiras, cansanções, favelas e cabeças-de frade" (GALVÃO, 1977, p. 426).

O correspondente do periódico *O país*, Hoche, detalha a inusitada vegetação da caatinga:

[...]Ninguém, a não ser quem viaja pelos sertões da Bahia, pode fazer idéia aproximada do que seja a exótica vegetação dessas paragens e a que chamam caatingas.

Estas são constituídas de uma vegetação raquítica, enfezada, com aspecto de capoeirinhas em certos lugares e capoeirões em outros, representadas por uma série interminável de cardos (xiquexique, palmatória, palmatorinha, cauda-de-raposa, mandacarus, etc.), pelos cabumbis, quixabas, cansanção, favelas e outros, vegetais armados de longos, duros e aguçados espinhos, pelo alecrim, pela preciosa aroeira, baraúna, pão-de-rato, e outros vegetais em pequena variedade de aspecto arborescente. Não deixando em esquecimento, como ia, a respeitabilíssima macambira [...] (GALVÃO, 1977, p. 462).

Ressalte-se que o correspondente considera a vegetação da caatinga como "exótica", apesar de que o que está diante de seus olhos seja o que há de mais nativo em termos de vegetação brasileira. Também é digno de nota o fato do jornalista considerar como "cardo", nome de uma planta espinhosa européia, todas as plantas espinhosas, principalmente cactáceas.

O "exotismo" da flora concorda com a afirmativa de Zilly (2002, p. 347) que os sertanejos de Belo Monte não eram considerados brasileiros pela intelectualidade do litoral. Eles não passavam de "mestiços condenados pela ciência, antes de serem condenados pelo exército" Para as forças armadas da época, o conflito em Canudos é "uma guerra externa", como "Uma invasão a um território estrangeiro".

É paradoxal que a intelectualidade da época considere todo esse exotismo e não tenha se apercebido que essa avaliação deriva essencialmente da sua própria ignorância do que era o país e como ele era habitado. Nada mais é que o velho comportamento de "caranguejos" arranhando as praias, com os olhos voltados para a Europa.

Euclides da Cunha teve a sua disposição um precioso material impresso. Mesmo antes de sua partida para Canudos, o jornalista já tinha informações bastante minuciosas sobre o que ele iria enfrentar (PAREDES, 2011, p. 65). Mesmo assim, tal conhecimento era muito fragmentado, com regiões inteiras ainda por se estudar, não seria exagerado dizer que o conhecimento botânico especificamente sobre a região de Canudos era próximo de zero. Para se ter uma ideia, a obra de Luetzelburg sobre a botânica do Nordeste (que nessa época excluía a Bahia), foi publicado apenas em 1937 (LUETZELBURG, 1980).

Mesmo tendo acesso à obra de Martius, esta pode não ter sido tão útil afinal, pois ela, na opinião de Frederico Hoehne (apud RODRIGUES, 1951), já era uma obra "antiquada" na data de sua publicação, necessitando já naquela época extensa revisão. Assim, mesmo que o autor de *Os sertões* tivesse tido acesso a ela, ele não teria o trabalho facilitado para identificar as espécies vegetais da região de Canudos.

2.7 Cientificidade

Não é só o exército brasileiro que avançou com dificuldade entre as empedernidas e urticantes espécies da Caatinga. O leitor também avança com dificuldade no verdadeiro matagal de palavras de cunho científico, que poucos possuem

plena proficiência. Como nas palavras de Drumond (2013, p. 34): "O leitor debate-se numa floresta lexical tão intrincada quanto a flora do sertão semiárido."

No labirinto do texto nenhum caminho é igual. As pistas de Euclides, à maneira das deixadas pelos jagunços, levam muitas vezes a armadilhas, como as que aprisionaram à época os adeptos do seu cientificismo e depois os críticos do mesmo fator. (OITICICA, 2004, p. 73).

Euclides eleva a ciência acima de todo esforço de entendimento da natureza pelo ser humano, apenas através da ciência se conseguirá fazer uma crítica construtiva dos fatos históricos. É assim que Costa Lima se refere à concepção de ciência revelada nos escritos do autor de *Os sertões*:

Para Euclides, a ciência é a detentora do conhecimento superior. Sua supremacia decorre de ser o meio privilegiado para a compreensão aferidora de fatos, causas e determinações.[...]. A ciência visa a apreensão das leis que governam as totalidades. Enquanto parciais, as totalidades se encaixam umas nas outras formando totalidades cada vez maiores. (COSTA LIMA, 1997, p. 101).

Ao construir sua narrativa a partir da descrição do meio, indo em seguida para a discussão da formação racial do sertanejo, Euclides submete o momento da luta à presidência dessas duas totalidades parciais (meio e o homem) aderindo ao evolucionismo biológico como quem adere a uma religião.

A formação científica na época de Euclides da Cunha era precaríssima, o que pode ser ilustrado pelo analfabetismo no país no início do século XX, com uma taxa de c. 75% (BRASIL, 2019). O conhecimento da botânica brasileira estava nos seus primórdios, pois considerando-se todos os registros em herbários catalogados no *species link* no século XX (c. 4,5 milhões de registros), o número deles oriundos da primeira década desse século correspondia a apenas 1,3%. Desta forma, a presença de pessoa proficiente em ciência, mesmo que incompleta, no ambiente intelectual e literário seja do Rio de Janeiro ou de São Paulo era uma singularidade interessante. Mesmo que o escritor tenha se entregado a interpretações atualmente desacreditadas, "o teor científico de *Os sertões* valorizou muito o efeito do livro" (SODRÉ, 1995, p. 34).

A experiência na Escola Militar e a formação como engenheiro moldaram de forma decisiva a mentalidade científica de Euclides da Cunha. Esta escola tinha fama de ser muito rigorosa com a formação de seus alunos, sendo documentado que o jovem Euclides foi um bom aluno enquanto ali esteve, tendo cursado com ótimo aproveitamento disciplinas como geologia, mineralogia, botânica e zoologia. O intelectual chegou mesmo a ser cogitado para ingressar como professor da Escola Politécnica em São Paulo, o que não se materializou (cf. SANTANA, 1998).

Fazendo-se intermediário entre a literatura científica e a artística, Euclides da Cunha expõe um conteúdo científico para um público que não é leitor de ciência. Ele, através do exemplo dramático do massacre ocorrido num palco não menos dramático como a caatinga, conseguiu passar esse conteúdo de uma forma que o leitor sente-se instruído ao ler *Os sertões*. Talvez na época da composição desta obra emblemática, a quantidade de conhecimento científico, bem como também de obras artísticas permitiam que uma pessoa instruída circulasse com desenvoltura entre a Ciência e a Arte, o que hoje seria muito mais difícil, ainda mais se o escritor pretender discorrer sobre disciplinas tão complexas como a geologia, pedologia, climatologia, botânica, etnologia, história, coisa que Euclides desenvolve na sua obra (cf. SANTANA, 1998).

Algo similar ocorre quando o amante das pinturas depara-se com os desenhos que Leonardo da Vinci fez das plantas. A precisão das ilustrações é tal que aquele que aprecia a obra de arte com atenção, sente-se também instruído na área da botânica (Cf. CAPRA, 2011).

Euclides da Cunha conseguiu, com a sua obra, um diálogo entre a ciência e a arte literária. Para Dias (2009), "o autor tratou a ciência e a arte como partes indissociáveis e quase indistintas de um mesmo todo, cujas vozes muitas vezes dissonantes só se fizeram representáveis porque regidas por uma lógica própria."

Boa parte deste espírito científico está presente no uso de nomes científicos para se referir à flora, chamando os mulungus de eritrina, os canudos-de-pito de heliotrópios, o autor aproxima o leitor das plantas, dando-lhe uma sensação de suporte científico para as suas afirmações.

Para os correspondentes que testemunharam a participação de Euclides da Cunha na documentação da campanha militar empreendida contra Belo Monte, o engenheiro era um confiável cientista, demonstrando grande conhecimento da natureza e compartilhando este conhecimento com os colegas. O correspondente de *A notícia* afirmou ser o intelectual "Verdadeiro Paganel¹³" tendo os obrigado a "viajar quatro horas para fazer uma légua e meia, parando para examinar a flora e fauna e que não podia resistir a grandes explicações científicas todas as vezes que encontrava uma pedra, uma flor, um fruto ou um pássaro". Percebendo a pesada carga de ironia de seu escrito, o correspondente apressa-se a amenizá-la afirmando que ele devia ao "engenheiro" o seu "cabedal de geologia" (GALVÃO, 1977, p. 427).

¹³ Provável referência à personagem de Júlio Verne em *In Search of the Castaways*, que seria um professor "absent-minded".

Para o economista Celso Furtado, o grande interesse que *Os sertões* gerou está relacionado ao seu teor científico. Porém, mesmo depois da superação da postura "positivista" do autor, mesmo depois que a cientificidade da obra mostra-se "anacrônica", ela continua a suscitar interesse de pesquisadores e leitores (FURTADO et al., 2002, p. 120).

Zilly (2002, p. 346) afirma que Euclides da Cunha lançou mão da subjetividade e da fantasia para representar o espaço e a história. Dessa forma, ele aprofundou a sua obra de uma forma inusitada, além da simples descrição das efemérides, oferecendo ao leitor, agora citando Gilberto Freyre, um olhar mais profundo que qualquer cientista, seja ele um geólogo, um antropólogo ou... um botânico.

2.8 Homogeneidade étnica x homogeneidade ambiental

Quando se observa a vegetação do semiárido de uma elevação, seja um inselbergue ou apenas uma colina, chama a atenção a homogeneidade da paisagem. Muitas espécies vegetais se repetem, dando um aspecto de uma área trabalhada pelo homem, com agrupamentos de vegetação regularmente separados por áreas de solo exposto, ou o aspecto de um tapete verde-acinzentado, como o *Raso* da Catarina.

A homogeneidade, mesmo nessas áreas, é apenas aparente, é uma película superficial, uma vez que elas guardam significativa variedade de formas. As espécies animais e vegetais submetidas às mesmas condições ambientais por milhares de anos acabam convergindo sua morfologia diante da necessidade de sobreviver, processo esse que gera também grande biodiversidade.

Mesmo a "Depressão Sertaneja" (cf. VELLOSO, 2002), apresenta áreas com vegetação muito diferentes, com baixa similaridade entre si, com ocorrência de muitas espécies micro-endêmicas, espécies cuja distribuição geográfica é muito restrita, às vezes limitada a uma pequena área dentro de um município.

A homogeneidade aparente tem duas razões de ser: uma é a ignorância do viajante diante da paisagem que se desenvolve a sua frente; a outra já não é tão inocente, pois faz parte de um discurso ideológico, pelo qual o poder político pretende manter seu domínio sobre a região (cf. GALVÃO, 2006, p. 66). O semiárido seco, deserto, vazio, pobre são generalizações mais nocivas que benéficas, pois desonestos e/ou incompetentes aproveitam da comoção que causa o retrato dos nossos semelhantes,

compatriotas, passando necessidades para obterem benefícios políticos, atraindo recursos para alimentar a máquina da corrupção.

Mesmo as populações humanas do semiárido são um amálgama de diversas linhagens. Depois de vários séculos de abandono, a população humana que se desenvolveu no semiárido, muito mais por causa da falta de recursos do que devido ao clima, desenvolveu-se muito estreita ao ambiente, miscigenando-se livremente, tem uma aparência também homogênea: a pele tostada pelo sol, os hábitos de indumentária, as ferramentas, as construções... tudo uma similitude superficial.

Para Zilly (1999, p. 22), Euclides da Cunha prepara o leitor para sua defesa da homogeneidade racial do sertanejo também homogeneizando a vegetação, pois apesar da diversidade das espécies, elas apresentam uma convergência adaptativa ao meio, tornando-se aparentemente homogêneas. Assim, o discurso de homogeneidade da flora está ligado indissolúvelmente ao discurso da raça sertaneja perfeitamente adaptada ao meio. Para Euclides, o sertão está isolado, ele é impenetrável. Essa impenetrabilidade, ao mesmo tempo que garantiu a manutenção de um arcaísmo, um barbarismo, um propensão à violência, à brutalidade, também garantiu uma pureza: uma pureza de tradições, uma pureza língua e também uma pureza racial, uma vez que a penetração do elemento negro foi, naquela época, insignificante (GRUSPAN-JASMIN, 2005, p. 109).

A sensação que o sertanejo é mais adaptado ao meio da caatinga e que esta adaptação lhe confere uma vantagem sobre o soldado regular do exército também é expressa por Manuel Benício, correspondente do *Jornal do comércio* na região do conflito, considerando que eles são "criados nestes sertões estéreis a talo de macambira, a miolo de coroa-de-frade, a batida de umbu, frutas da caatinga, mel e nos tempos de seca a beber água de tabocas, taquaras, bambus e gravatás, tornam-se monteses como os maracajás, lépidos e velozes como tejus" (GALVÃO, 1977, p.301). Da mesma forma que é impossível reduzir a população humana do semiárido a uma única raça homogênea, também o é acomodar o semiárido, ou mesmo apenas a vegetação da Depressão Sertaneja a um único tipo. Até a vegetação da área do conflito é muito particular, não se repetindo em outras áreas limítrofes, como, por exemplo, da vegetação do Raso da Catarina.

2.9 Comparação entre textos usando índice de Jaccard

A similaridade entre dois textos pode ser estudada utilizando-se índices ou coeficientes de similaridade, pois um texto nada mais é que um conjunto e as palavras nele presentes são os elementos desse conjunto. Muitos índices ou coeficientes são utilizados para a comparação entre conjuntos, sendo o índice ou coeficiente de Jaccard um deles. Este índice é calculado da seguinte forma. Dado um conjunto A e um conjunto B, estabelece-se que o índice de Jaccard (J) é o resultado da razão entre o número de elementos comuns entre A e B (C) pela soma dos elementos de A, B e C.

$$J = C/A+B+C$$

Ou seja, a similaridade entre os dois conjuntos é dada pela divisão entre a intersecção pela união dos conjuntos analisados.

$$J(A,B) = A \cap B / A \cup B \text{ (ALMEIDA, 2016)}$$

No programa PAST (HAMMER, 1999-2018, p. 130-131), o índice de Jaccard tem outro formato. Considera-se uma matriz de dados, quando duas linhas são comparadas, conta-se o número de colunas em que ocorre presenças em ambas as linhas, de forma que M seja o número de colunas coincidentes e N o número de presenças. Dessa forma define-se o índice de similaridade de Jaccard como sendo:

$$d_{jk} = M/(M+N)$$

Mesmo com a variação no formato das fórmulas, o resultado é o mesmo, variando entre 0 e 1. Quanto mais próximo de zero menor a similaridade e quanto mais próximo de 1 maior a similaridade.

Através de uma análise de agrupamento, produz-se um dendrograma de similaridade. Um algoritmo muito utilizado é o UPGMA (*Unweighted pair-group average*), onde o agrupamento é obtido baseado na média da distância entre todos os membros de duas linhas (HAMMER, 1999-2018, p. 110).

Em estudos ecológicos, duas áreas são consideradas com alta similaridade se o índice de Jaccard for maior que 0,25 (MUELLER-DOMBOIS & ELLENBERG, 1974).

Apesar do índice de Jaccard ser mais utilizado para estudos ecológicos, tal índice é também usado em estudos na área de humanidades, por exemplo, na análise forense para se determinar se a produção de diferentes textos foi realizada pelo mesmo autor ou por autores diferentes (cf. ALMEIDA, 2016), para determinar a similaridade entre documentos de uma biblioteca (cf. PENEDO, 2005).

3 METODOLOGIA

A flora citada Cunha (1982) foi identificada com base em dicionários e manuais de botânica; a flora real da região do conflito foi listada com base no sítio SPLINK (Species Link, 2017). A comparação foi feita com base no índice de similaridade de Jaccard, utilizando-se PAST (HAMMER et al., 2001). Comparou-se as espécies citadas com aquelas citadas em *Tragédia épica* de Francisco Mangabeira (2010[1900]¹⁴), *La guerra del fin del mundo* de Mário Vargas Llosa (1981) e *O pêndulo de Euclides* de Aleilton Fonseca (2009).

Quando um nome referido no texto base correspondia a mais de um nome científico, quando através da leitura de *Os sertões* não se podia sugerir uma única espécie ou um único gênero, considerou-se uma "indeterminação".

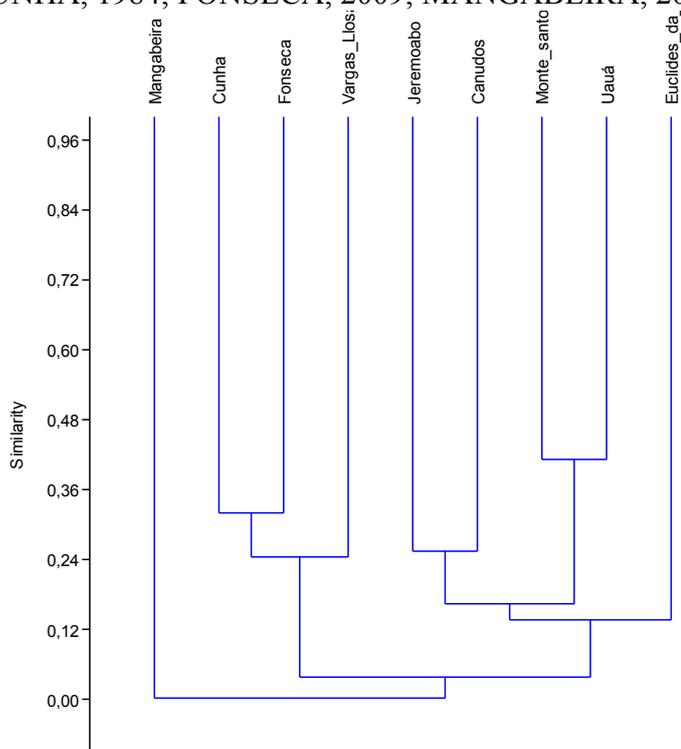
¹⁴ *Tragédia épica* foi publicado inicialmente em 1900, porém a edição aqui utilizada para referência foi a edição de 2010.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Similaridade entre as floras

Comparando a flora citada na obra euclidiana com a flora real conhecida para a região do conflito, percebe-se que esta é uma pequena parcela da grande riqueza de espécies vegetais encontradas na região, fazendo com que a similaridade com a flora real seja muito baixa (índice de Jaccard < 12%). (Figura 4)

Figura 4 - Diagrama de similaridade utilizando-se índice de Jaccard comparando-se a flora atualmente conhecida na região do conflito (municípios de Canudos, Euclides da Cunha, Jeremoabo, Monte Santo, Uauá) e aquela encontrada na obras literárias CUNHA, 1984; FONSECA, 2009; MANGABEIRA, 2010 e VARGAS-LLOSA 1981



Fonte: Elaboração do autor, 2019.

As poucas espécies percebidas pelo autor, vem corroborar com a sua concepção de uma vegetação homogênea, representando a homogeneidade étnica das populações humanas da região descrita pelo ilustre escritor.

Comparando-se a flora euclidiana (Cunha, 1984) com aquela citada na obra de Aleilton Fonseca (2009, 2017), Mário Vargas-Llosa (1981) e Francisco Mangabeira (2010) percebe-se uma alta similaridade entre as três primeiras (Índice de Jaccard > 24%). Enquanto que a flora citada na obra de Francisco Mangabeira fica completamente distinta não só da flora das obras literárias como também da flora conhecida para a região do conflito.

É sabido que a flora das obras poéticas brasileiras são geralmente baseadas em espécies exóticas à flora nacional (cf. FRANÇA, 2014, 2016). Tal aspecto deve estar relacionado às imagens poéticas ainda muito ligadas às simbologias estrangeiras (mitologia greco-romana, simbologias cristãs etc.). Na prosa, mesmo aquela com forte teor de ficção, necessita de maior proximidade com aspectos reais para aumentar a verossimilhança. Em Cunha (1984) isso é muito evidente, apesar do autor ter usado de criatividade fictícia em algumas passagens, ele parece, particularmente na descrição da "Terra", oferecer ao leitor um retrato fidedigno do ambiente em que o conflito ocorreu e para isso ele faz uso da flora local para compor sua descrição. Mesmo Fonseca (2009, 2017) e Vargas Llosa (1981), que apresentam textos com teor de ficção muito maior que a obra de Cunha (1984), apresentam suas narrativas amarradas em floras reais, não apenas nativas da flora brasileira, como também presentes nas localidades em que o enredo se passa.

Apesar da alta similaridade entre as floras citadas por Cunha (1982), Vargas Llosa (1981) e Fonseca (2009), ela se dá ao nível da riqueza das espécies. Se forem observados o número de citações de cada espécie, as diferenças entre elas fica mais acentuada.

Comparando-se a flora citada em Vargas Llosa (1981) com a de Cunha (1982), nota-se uma diferença bastante significativa. A espécie mais citada no primeiro é o milho (maíz) com 14 citações, enquanto que a mais citada no segundo foi o umbuzeiro (com 13 citações). Considerando-se apenas as espécies que perfazem 50% das citações, apenas o tabaco, citado em na flora de Vargas Llosa, não foi citado na flora euclidiana. Porém, as espécies que perfazem 50% das citações em Cunha (1982), verifica-se que 10

nomes (= 8 espécies) não foram citadas na flora de Vargas Llosa: caroá (=croá), bromélia, palmatória, calumbi (= jurema), baraúna, marizeiro, cunanã, gravatá (=caravatá).

Comparando-se a flora citada em Fonseca (2009) com a de Cunha (1982), percebe-se a mesma diferença. A espécie mais citada no primeiro foi o coco-da-bahia (10 citações). Entre as espécies que perfazem 50% das citações apenas o coco-da-bahia e o quiabo não foram encontradas em CUNHA (1982). Ao passo que na obra de Fonseca, não são citados 9 nomes (6 espécies): caroá (=croá), quixabeira, palmatória, macambira, baraúna, marizeiro. Caravatá não aparece em Fonseca, mas o sinônimo "gravatá" aparece, da mesma forma que se "calumbi" nesta obra, aqui considera-se sinônimo de "jurema", que foi citada.

Santana (1998, p.126) afirma que o autor de *Os sertões* selecionou entre as informações que ele tinha à mão aquelas que ajudariam para dar "validação científica" às ideias que ele defendia. A rudeza da flora canudense, os espinhos, a irritabilidade das plantas ao contato com a pele é contraposta às suas boas dádivas, como o sumo dos tubérculos do umbuzeiro ou a proteção dada pela vegetação da caatinga são aspectos que demonstram como o sertanejo é adaptado ao ambiente.

As três floras literárias se aglutinam, formando um grupo altamente similar, porém, em contraste, ficam dissimilares da flora conhecida para a região.

Esta dissimilaridade entre a flora literária e a flora conhecida é causada principalmente pela ausência das espécies que são conhecidas, mas não foram citadas nas floras literárias, que não têm nenhuma obrigação de citar todas as espécies de uma para caracterizar o ambiente do enredo. Além disso, não se pode desconsiderar o fato que na época de elaboração de *Os sertões*, o conhecimento da flora da região de Canudos era pequena; apesar de hoje em dia este saber, para a citada região, estar muito mais desenvolvido, ele é truncado de município para município, restando ainda constrangedores lapsos de conhecimento florístico em algumas áreas. Ausências ao quadrado. Estas espécies ausentes acabam por construir um muro invisível que separa a criação literária do mundo existente.

Claro que não se pode citar numa obra literária todas as espécies que realmente ocorrem na região, mas neste caso, a riqueza específica das duas obras literárias reforçam uma ideia de homogeneidade da Caatinga canudense, onde a riqueza (muitas espécies diferentes) transmuta-se numa pobreza (muitos indivíduos da mesma espécie). E mesmo assim, várias espécies diferentes são superficialmente muito parecidas umas

com as outras, semelhança esta causada pela convergência das morfologias em função da adaptação ao meio, dando ao ambiente uma semelhança de paisagens, uma monotonia. Esta homogeneidade parece reforçar o mito da unidade étnica do sertanejo, defendida por Euclides.

4.2 Flora em *Os sertões*

Registraram-se 163 citações de espécies vegetais, perfazendo um total de 64 espécies diferentes (Anexo 1). A espécie vegetal mais citada em *Os sertões* foi o umbuzeiro (13 citações, c. 8%), seguido de caroá (croá) (8, c. 5%), depois de bromélia e mandacaru (7, c. 4,3% cada), juazeiro, ouricuri, quixabeira e palmatória (palmatória-do-inferno) (6, c. 3,7% cada), macambira, xique-xique e jurema (calumbi) (5, c. 3% cada), baraúna, cunanã, gravatá (caravatá), marizeiro (4, c. 2,5% cada). Estas espécies formam mais de 50% do total citado em Euclides da Cunha.

O "Dicionário Euclidiano" de Coutinho (1995) traz uma lista das espécies vegetais citadas em *Os sertões*. Neste trabalho, o estudioso registrou 42 nomes de plantas, que correspondem a c. 62% a lista aqui apresentada.

Apenas três espécies permaneceram com a família botânica indeterminada: cardo, líquen e taboca. Líquenes são organismos complexos formados pela associação de algas e fungos, sendo a identificação das espécies de cada um dos seus componentes uma atividade muito difícil. Sob o nome de "taboca", existem diversas famílias de plantas, ciperáceas e poáceas são as mais comuns.

O nome "Cardo" refere-se várias espécies. Pio Correa (1926-1978, v. 2, p.43 -49) sugere os seguintes binômios: as Asteraceae *Centaurea melitensis* L., *Scolymus hispanicus* L. (cardo de ouro), *Cirsium lanceolatum* Scop. (cardo negro), *Cnicus benedictus* Gaertn. e cardo selvagem (*Onopordon acanthium* L.); as Cactaceae *Cereus triangularis* Haw. (cardo ananaz), *Cereus macrogonus* Salm-Dvck. (cardo bosta), *Cereus variabilis* Pfeiff. (cardo da praia); *Echinocactus ottonis* Link e Otto, *E. tenuispinus* Link e Otto, *Melocactus goniodacanthus* Lem., *Melocactus placentiformis* DC., *Melocactus violaceus* Pfeiff. (cardo melão); a Papaveraceae *Argemone mexicana* L. (cardo santo). Interessante notar que os correspondentes enviados para a região do conflito referiam-se ao nome "cardo", àquelas plantas com espinhos, principalmente cactáceas, conforme citado acima (cf. GALVÃO, 1977, p. 462).

O número de gêneros indeterminados ficou em 10 (c. 16% do total de espécies registradas). Foi o que aconteceu com nomes como "bromélia", "caravatá" (ou gravatá), que certamente se referem a uma única família (Bromeliaceae), mas podem ser relativos a muitos gêneros diferentes. O mesmo se verifica com o nome "cacto" que se refere a todas as espécies da imensa família das Cactaceae, com "ciperácea" (Cyperaceae), "gramínea" (Poaceae ou Gramineae).

O número de espécies indeterminadas ficou em 17 (c. 27% das espécies citadas). o nome "mimoso", por exemplo, é associado a diversas espécies de *Eragrostis* (Poaceae). Na região do conflito, foram coletados *E. glomerata* (Monte Santo, Uauá); *E. maypurensis* (Canudos, Jeremoabo), *E. pilosa* (Jeremoabo).

Outro exemplo da dificuldade de identificar a espécie das plantas citadas é "Murici", nome frequentemente associado às Malpighiaceae, geralmente ao gênero *Byrsonima*. Na região do conflito (cf. SPLINK, 2019), já foram coletadas *B. sericea* e *B. verbascifolia* (ambas em Jeremoabo), *B. gardneriana* e *B. vacciniifolia* (Canudos, Euclides da Cunha e Jeremoabo). Nenhuma dessas espécies é citada por Pio Correa (1926-1978, v. 5, 264-265), que acrescenta representantes de outros gêneros de Malpighiaceae (*Banisteria campestris* Juss.) e até representantes de outras famílias como Vochysiaceae (*Vochysia goeldii* Huber) e Fabaceae (*Cassia verrucosa* Vog.). Aqui arriscou-se manter o nome "Murici" como um representante de Malpighiaceae do gênero *Byrsonima*, mas sem uma suspeita de espécie.

Algumas identificações foram possíveis a partir da leitura de *Os sertões*. o nome "Amarilis" é referido como uma planta que surge logo nas primeiras chuvas e "atapetam" o solo na ressurreição da flora (CUNHA, 1982, p. 42). A principal suspeita recaí sobre o gênero *Habranthus*, uma Amaryllidaceae muito comum no semi-árido, que floresce vigorosamente logo nas primeiras trovoadas. De fato, *Habranthus sylvaticus* (Mart. ex Schultes) Herb. foi identificado em Canudos (cf. SPLINK).

Em Cunha (1982, p. 38), o cajuí é identificado ao nível de espécie como *Anacardium humilis*. Walnice Galvão (CUNHA, 1985, p.596) corrigiu para *Anacardium humile*, com base na monografia do gênero presente na *Flora brasiliensis* (cf. ENGLER, 1876, c. 411) e que é o nome atualmente aceito (cf. FLORA DO BRASIL 2020).

As espécies vegetais eram utilizadas de diversos modos. Favila Nunes, correspondente do *Gazeta de notícias* na região do conflito, testemunha a utilização do icó (*Colicodendron yco*-Capparaceae) (Apêndice 2, Prancha 20) na cobertura das casas do arraial sitiado, como também para alimentação dos animais (GALVÃO, 1977, p. 188

e 217). O correspondente do *Jornal do comércio* Manuel Benício também testemunha o uso dessa espécie na cobertura das casas de Belo Monte (idem, p. 263). O próprio Euclides da Cunha também citou esta utilização (CUNHA, 2000, p. 138 e 177). Talvez baseando-se nestes testemunhos. GALVÃO (2001, p. 45) afirma que este vegetal era constituinte da cobertura do casebre conselheirista na fotografia reproduzida de um exemplar, feita por Flávio de Barros, apesar de não ser possível distinguir na fotografia as folhas da referida espécie de planta.

Já o "Cardo" era utilizado como ornamentação de altares como revela Lélis Piedade, o correspondente do *Jornal de notícias*, impressionado por suas flores rubras (GALVÃO, 1977, p.359).

GALVÃO (2002, p. 195) compara a viagem de Euclides da Cunha a Canudos a uma clássica descida aos infernos. Nesse contexto, a estudiosa relaciona o angico ao qual o desafortunado cadáver do Coronel Tamarindo foi pendurado à mítica Árvore da Vida, porém transformada em Árvore da Morte, lembrando o Carvalho que aprisionou a cabeça de Absalão, o filho revoltado de Davi, que assim pendurado foi executado pelo exército de Joabe (BÍBLIA, 2012, p. 447-448: II Samuel, 18).

Para o autor de *Os sertões*, havia uma irmandade entre os conselheiristas e as espécies vegetais

Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmãmente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados. O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, o ouricuri virente, a mari elegante, a quixaba de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás — sustentam-lhe o cavalo; os últimos lhe dão ainda a cobertura para o rancho provisório; os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes... E se é preciso avançar a despeito da noite, e o olhar afogado no escuro apenas lobriga a fosforescência azulada das cunanãs dependurando-se pelos galhos como grinaldas fantásticas, basta-lhe partir e acender um ramo verde de candombá e agitar pelas veredas, espantando as suçuaranas deslumbradas, um archote fulgurante... A natureza toda protege o sertanejo. (CUNHA, 1982, p. 179).

Essa irmandade traduzia-se em um empenho contra a marcha da tropa, conforme relata Siqueira de Meneses, citado por Euclides da Cunha (1982, p. 277-278), o grande esforço dos republicanos pra vencer a "vegetação traiçoeira" formada por plantas espinhentas e urticantes. Levando o autor de *Os sertões* a uma reflexão etimológica, pois a localidade onde se deu o fato era denominada 'Juetê', que significaria "espinho

grande", por extensão um extenso espinheiral, um grande espinheiro. De fato, consultando Tibiriçá (1984, p. 99 e 120), os significados trazidos para Tupi "eté" ("muito, verdadeiro, legítimo, genuíno, valoroso, poderoso") e "Ju" ("espinho") corroboram a interpretação de Euclides.

4.3 As espécies vegetais citadas

A ordem de apresentação das espécies é determinada pelo número de citações dela na obra de Euclides da Cunha. Foram discutidas apenas aquelas espécies que perfazem 50% das citações. Porém, aquelas espécies que não foram muito citadas no texto, mas que apresentam alguma importância (e.g. canudo-de-pito, favela, cabeça-de-frade) também são comentadas.

4.3.1 Umbuzeiro sagrado

O umbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda- Anacardiaceae, a família do Cajueiro) (Apêndice 2, Prancha 1) é elevado ao nível sacro na concepção de Euclides da Cunha. Afinal é uma árvore que resiste às estiagens mais prolongadas, mantendo-se verde e produzindo frutos (Apêndice 2, Prancha 1, D) muito apreciados pelos sertanejos. Como o próprio epíteto específico indica, a árvore produz tubérculos esferóides (Apêndice 2, Prancha 1, F) no seu sistema radicular, permitindo ao vegetal grande capacidade de sobrevivência nas adversidades, além de fornecer ao sertanejo fonte de água.

É a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja. Foi, talvez, de talhe mais vigoroso e alto — e veio descaindo, pouco a pouco, numa interdecadência de estios flamívoros e invernos torrenciais, modificando-se à feição do meio, desinvoluindo, até se preparar para a resistência e reagindo, por fim, desafiando as secas duradouras, sustentando-se nas quadras miseráveis mercê da energia vital que economiza nas estações benéficas das reservas guardadas em grande cópia nas raízes. (CUNHA, 1982, p. 42).

A grande capacidade do Umbuzeiro fornecer água para os viajantes é conhecida de longa data. Cunha (1982, p. 50) cita carta enviada pelo Coronel Pedro Barbosa Leal ao Conde de Sabugosa, onde relata que um índio Cariri "leuounos pello campo frio ao ryo Salitre cortando doze leguas de mato e catinga sem agoa nem carabata que a tuesse e com raizes de humbu e mandacaru se remediou (sic)" (LEAL, 1929 [1725], p. 71)

O umbuzeiro está entre as plantas que pressagiam a quadra chuvosa. No caso dessa planta, o presságio se dá com a floração:

Mas, destacando-se, esparsos pelas chapadas, ou no bolear dos cerros, os umbuzeiros, estrelando flores alvíssimas, abrolhando em folhas, que passam em fugitivos cambiantes de um verde pálido ao róseo vivo dos rebentos novos, atraem melhor o olhar, são a nota mais feliz do cenário deslumbrante. (CUNHA, 1982, p.43).

Para Araújo (2002, p. 140) as palavras descritivas do umbuzeiro revelam o lirismo de *Os sertões*, levando-o a afirmar que sem o umbuzeiro o próprio povoamento do semiárido seria comprometido. Isso é facilmente corroborado quando se lê em *A Nossa vendeia* o trecho em que o engenheiro-escritor coloca o umbuzeiro entre as três espécies (as outras duas são a Jurema e o Mulungu) cujas florações destacam-se na paisagem da Caatinga: "E sobre os campos, em cujos solos depauperados vingavam apenas bromélias e cactos, florescem o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) de saboroso fruto e folhas dispostas em palmas" (CUNHA, 2000, p. 47).

Esta espécie em particular está muito ligada às primeiras abordagens científicas de brasileiros no semiárido. Ela foi descrita por Manuel Arruda da Câmara, naturalista brasileiro que trabalhou sob a orientação de Domenico Vandelli, o gestor do Jardim Botânico da Ajuda, contratado pelo Marques de Pombal. Arruda, que conhecia o sertão, tendo sua família terras no cariri paraibano, enviou suas anotações para Frei Vellozo, porém muito do que produziu se perdeu. Do "imbuzeiro", Arruda destacou as túberas que forneciam grande quantidade de água, sendo particularmente úteis na época da seca (KURY, 2012, p. 182).

As túberas do umbuzeiro podem alimentar soldados republicanos ou partidários conselheiristas, mas enquanto que para os segundos a capacidade de sobreviver nas caatingas utilizando-se deste alimento é uma característica gerada pela sua perfeita adaptação ao ambiente, para os soldados republicanos, a salvação de encontrar este alimento, dependia do acaso (CUNHA, 2000, p.114). Enquanto que a sabedoria sertaneja levava o necessitado conselheirista às suas conhecidas populações de umbuzeiro, o ignorante soldado republicano dependia da sorte para encontrar o vegetal no seu caminho. O conselheirista tem grande liberdade de se movimentar na vegetação agressiva, enquanto que o soldado republicano tem que marchar numa direção determinada pelos seus comandantes, aumentando ainda mais a aleatoriedade do achamento de um Umbuzeiro.

Coutinho (1995, p. 826) arrisca identificar o umbuzeiro como *Phytolacca dioica* L. (Phytolaccaceae), que além de ser morfológicamente muito diferente do umbuzeiro que ocorre na região de Belo Monte, é uma espécie que não ocorre na Bahia. Esta confusão deve ter sido originada pelo fato de que *Phytolacca dioica* L. é conhecida no Rio Grande do Sul como "umbu" (cf. FLORA DO BRASIL 2020).

Tal duplicidade de nomes (umbu-spondias/umbu-phytolacca) pode deixar o leitor confuso, como por exemplo, a citação de "umbu" na poesia de Olegário Mariano (1957, p. 395) "Vento do Sul, minuano de clamores e de gritos,/Que em tropel de corcéis, nas paisagens escampas,/Desgrenhando os umbus solitários e aflitos, atira para os céus as areias dos pampas", refere-se certamente ao umbu-phytolacca, pois sabe-se que o umbu-spondias não ocorre na região dos pampas.

A "batata-de-umbu" era comercializada no acampamento do exército republicano, conforme relata Manuel Benício, correspondente do *Jornal do comércio*, cuja unidade era vendida a 2\$000 (GALVÃO, 1977, p. 300). Mais a frente, o costume de beber a "batida de umbu" está entre as razões que faz o conselheirista tão adaptado ao ambiente da caatinga (GALVÃO, 1977, p. 301).

O umbuzeiro era amplamente reconhecido como fonte alimentícia, muitas vezes uma das poucas opções silvestres de comida, como relata o correspondente do periódico *A notícia*, Alfredo Silva: "a não ser os cactos e o umbuzeiro, nenhuma planta silvestre existe nessas paragens capaz de prestar-se à alimentação (GALVÃO, 1977, p. 432). Não só o fruto e as raízes eram consumidos, mas também a folha, para diminuir a sede (CUNHA, 2000, p. 138).

Trata-se de uma planta em estágio inicial de domesticação, sendo seus espécimes geralmente oriundos da vegetação original, que não são derrubados no desmatamento da propriedade visando a agropecuária. É um fruto essencialmente baiano, pois mais de 80% da sua produção está concentrada no semiárido da Bahia. A importância do umbuzeiro para a região, contudo, não é proporcional ao investimento na sua produção, sendo poucos os estudos que viabilizem ampliar as possibilidades de seu uso (BATISTA et al. 2015).

Lorenzi (1992, p.10) traz diversos nomes vernáculos para *Spondias tuberosa* Arruda, além do umbuzeiro: umbu, imbu, ombuzeiro, ambu, giqui, imbuzeiro e taperebá (nome usado no Amazonas para o Cajá). A utilidade da planta para madeira, caixotaria e produção de papel. A planta oferece sombra no pasto e as flores são

melíferas. O fruto é o principal produto, podendo ser consumido *in natura* ou misturado ao leite (imbuzada), beberagem citada em *Os sertões*, com pequena variação:

Alimenta-o e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo, onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de propósito feitos para a armação das redes bamboantes. E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os frutos de sabor esquisito para o preparo da umbuzada tradicional. (CUNHA, 1984, p. 42).

A umbuzada ou imbuzada é uma bebida muito encontrada no sertão da Bahia, principalmente na época da safra do umbu. "A umbuzada tradicional é um concentrado composto de leite, açúcar e polpa obtida do cozimento dos frutos no estágio pré-maturo ou maduro." (CAVALCANTI et al., 2007).

Carvalho (2008, p. 505) afirma que o nome vernáculo vem de y-mb-ú (Tupi) que significa "árvore que dá de beber". Além das utilidades já citadas, o caroço do umbu é rico em gorduras e proteínas, sendo que óleo produzido dele pode ser a base para manufatura de margarinas. Na medicina tradicional, a planta é usada no tratamento de diarreias; entre os índios Kariri-xocó o decocto é usado como anti-hemorragico; o chá da casca é usado como calmante e para tratamento oftalmológicos.

No romance *O pêndulo de Euclides* de Aleilton Fonseca (2009, 2017), o umbuzeiro aparece como um dos elementos da caatinga que reavivam durante a fase chuvosa: "florescem o umbuzeiro de saboroso fruto e folhas dispostas em palmas" (FONSECA, 2017, p. 72). A mesma planta aparece de novo quando o narrador tem a visão do Treme-terra: "Eu estava vendo dois olhos de fogo na folhagem de um umbuzeiro baixo. E aquilo foi crescendo, os olhos de fogo me espiando, e logo eu vi que era a visagem do Treme-terra, o coronel que morreu na guerra e até hoje assombra o sertão." (idem, p. 199). A primeira referência é muito similar à visão idílica de Euclides da Cunha no trecho de *Os sertões*, em que, com o retorno da chuva no sertão, tudo parece renovar; a segunda referência, associando uma das plantas que simbolizam a união do sertanejo-ambiente com Moreira César (chamado o "Treme-terra"), o comandante das forças republicanas derrotadas pelos revoltosos, parece representar a irônica fusão do inimigo de Belo Monte com a vegetação da Caatinga. Desta forma, aquele que pretendia matar os sertanejos, agora fornece alimento para eles.

O umbuzeiro é citado no romance *La guerra del fin del mundo* de Vargas-Llosa (1981) como "imbuzero". Sob essa denominação, o autor refere-se principalmente aos aspectos alimentícios, como na passagem em que as irmãs Sardelinhos ofereciam "sopas hechas de batata de imbuzeiro, moçó y xique-xique" (VARGAS-LLOSA, 1981,

p. 85) ou naquela em que os artistas mambembes e Galileo Gall "buscaban sobre todo, el imbuzeiro, árbol que Galileo Gall había aprendido a apreciar: el gusto dulzón, acuoso, refrescante, de sus raíces le parecía un verdadero manjar" (VARGAS-LLOSA, 1981, p. 220). Saindo do contexto alimentício, a outra citação de "Imbuzeiro" no romance a planta é passivamente apresentada como um poleiro de urubus.

A "batata-do-umbu" é associada, às vezes, à pobreza, como Jabor (2004, p. 43): "Os bigodes corruptos são matreiros, bigodes que ocultam origens humildes criadas a farinha-d'água e batata-de-umbu (...)", uma pobreza vergonhosa, que precisa ser escondida.

A "raiz do imbu" está nas recordações de Fabiano em *Vidas Secas* (RAMOS, 2013, p. 19), nos momentos mais difíceis da travessia da caatinga calcinada, quando ele e sua família estavam no limite do suportável, eram as túberas do imbuzeiro que o manteve vivo.

O umbuzeiro foi utilizado para caracterizar o ambiente e as tradições sertanejas em Suassuna (2012), ora como local de proteção: "Por isso, e como já se não respirava ar puro no lugar, ordenou o novo Rei a transferência do acampamento para o pé de uns Umbuzeiros situados perto das Pedras e onde devia operar-se o aparecimento de El-Rei Dom Sebastião." (SUASSUNA, 2012, p. 70). Também cita como uma iguaria na culinária da região: "Naquela noite, ceamos canja de rolinhas, pato assado, carne-de-sol com farofa, jerimum com leite e, coroando tudo, uma umbuzada" (SUASSUNA, 2012, p. 114). Não esquecendo que as túberas desta planta já eram usadas com alimento emergencial, mesmo nas épocas mais antigas da colonização; "Mas, com raízes de umbu e mandacaru, remediou-se a penúria da gente que abriu o caminho" (SUASSUNA, 2012, p. 619).

Na poesia, o umbuzeiro aparece na obra de Jorge de Lima, ao descrever as dádivas do rio São Francisco, que além da água, dá também "o pão do umbuzeiro" (LIMA, 1997, p. 243), numa referência à famosa túbera, que além de água, também pode fornecer alimento significativo. O poeta refere-se também à riqueza que "inverno" traz ao sertanejo, sendo "cargas de umbu" uma dessas riquezas (LIMA, 1997, p. 261). Uma vez que esta planta é intimamente ligada à cultura indígena, o eu-lírico de *Invenção de Orfeu* pra buscar os indígenas reais que habitam o Brasil, cada vez mais raros, precisa "(...) correr matos,/ braúnas, umbuzais (...)" para encontrá-los.

4.3.2 Caroá esteio do sertanejo

Esta planta é citada entre aquelas que fornecem produtos benignos ao sertanejo, no caso cordas preparadas com suas longas fibras (CUNHA, 2000, p. 138).

O caroá [*Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez -Bromeliaceae] (Apêndice 2, Prancha 2), é um exemplo da flora usada pelos sertanejos como instrumento, pois a fibra extraída dessa planta pode ser utilizada para a elaboração de utensílios

Justamente o uso dessas fibras é citado na obra de Euclides da Cunha (1982, p. 92): “Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustenta-o nas rédeas improvisadas de caroá”.

Certamente o "cruá", citado em Cunha (2000, p. 203) utilizado para fazer redes e aiós (bolsa de caça), bem como o "croá" citado em Cunha (1982, p. 277) tratam-se desse mesmo "caroá".

Estas redes de caroá foram usadas para transportar os republicanos feridos, numa demonstração que nem todas as espécies vegetais estavam para prejudicá-los, mesmo o caroá, que é relacionado como uma das espécies irmãs do sertanejo (cf. CUNHA, 1982, p. 179), pode ser usado em benefício ao soldado do governo.:

Diariamente, em sucessivas levas, abalaram dali, em inúmeros bandos, todos os desfalecidos e todos os inúteis, em redes de caroá ou jiraus de paus roliços os enfermos mais graves, outros cavalgando penosamente cavalos imprestáveis e regues, ou apinhados em carroças ronceiras. A grande maioria, a pé. (CUNHA 1982, p. 337).

É conhecida a grande qualidade das fibras que esta espécie produz, que chegou a ter grande importância econômica nos anos 40 a 60 do século XX para produção de barbantes, linhas de pesca e cordas (cf. NÓBREGA, 2007).

A economia do caroá se desenvolveu como alternativa na época da seca. A exploração dessa planta permitia ao sertanejo pobre uma fonte de renda sem precisar abandonar suas terras. Como a colheita do caroá era na mesma época da colheita da cana, esta atividade chegava a reduzir a oferta de mão de obra na indústria canavieira pernambucana. A fibra em si tinha pouco valor de mercado, uma vez que ele estavam abastecido com algodão e sisal, mas para produção de sacos para transporte de mercadorias (como cereais, mamona, café, batatas) era muito requisitado (VASCONCELOS SOBRINHO, 1949, p. 183-185).

O caroá está entre aqueles materiais associados à cultura indígena. Graciliano Ramos, em *Caetés*, usou a "rede de caroá" como um dos símbolos indígenas associados à literatura romântica: "Continuei. Suando, escrevi dez tiras salpicadas de maracás, igaçabas, penas de arara, cestos, redes de caroá, jiraus, cabaças, arcos e tacapes." (RAMOS, 2009, p. 36-37). Nesse trecho, o narrador tenta escrever um texto com o principais "chavões" para dar uma impressão que ele domina o Tupi, ou seja, para ficar de acordo com a popularidade da literatura indigenista (DIAS, 2015, p. 208).

Entre as dádivas do rio São Francisco, o poeta Jorge de Lima coloca o caroá entre as dádivas do rio ao homem do sertão, cuja utilidade o coloca logo depois da citação do umbuzeiro (LIMA, 1997, p. 243).

4.3.3 Bromélia e gravatá ornamentos da caatinga

Euclides da Cunha usa os nomes "Bromélia" e "Gravatá" para se referir de uma maneira geral aos representantes da família Bromeliaceae (a família do abacaxi), como em "As águas que fogem no volver selvagem das torrentes, ou entre as camadas inclinadas dos xistos, ficam retidas, longo tempo, nas espadas das bromélias, aviventando-as." (CUNHA, 1982, p. 38). Também usa para descrever a impenetrabilidade da caatinga com mãos nuas: "os gravatás e ananases bravos, traçados em touceiras impenetráveis" (CUNHA, 1982, p. 39); tais citações gerais, sem referir-se a uma espécie determinada, dificulta muito a sua identificação.

"Gravatá" é a denominação preferida pelo autor ao se referir a esse grupo de plantas. Nome que tem várias grafias, como "caravatá" (CUNHA, 1982, p. 50), referência esta também extraída da carta do Coronel Barbosa Leal ao conde de Sabugosa, que experimentou outras grafias ("carabata", "caraguatá") para este nome provavelmente fornecido pelo indígena que o guiava (LEAL, 1929 [1725], p. 71).

A espécie citada "Bromélia rubra" parece referir-se à macambira, pois os "ramos flexuosos entressachados de bromélias rubras" (CUNHA, 1982, p. 17) utilizados para descrever de forma sucinta a caatinga ou para ornamentar a monótona vestimenta do vaqueiro com "uma bromélia rubra e álaçre fincada no chapéu de couro" (CUNHA, 1982, p. 94), lembra imediatamente as folhas avermelhadas centrais da roseta da macambira.

4.3.4 Mandacaru majestade fállica

O mandacaru (*Cereus jamacaru* DC.- Cactaceae) (Apêndice 2, Prancha 3) é uma espécie típica da Caatinga, muitas vezes utilizada para simbolizá-la. De fato, esta planta permanece tesa e altaneira, floresce e frutifica mesmo nos períodos mais secos. Seus cladódios podem ser utilizados para a alimentação do gado, também para alimentação humana; seus longos espinhos devem ter penetrado muitas vezes na carne dos combatentes leais à República. Euclides foi preciso na identificação deste vegetal:

Os mandacarus (*Cereus jaramacaru*) (sic), atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. Atuam pelo contraste. Aprumam-se tesos triunfalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime. (CUNHA, 1982, p. 40).

O pequeno equívoco na grafia do epíteto específico passou incólume por todas as sucessivas edições que a obra de Euclides da Cunha. Nem a edição crítica (CUNHA, 1985) feita por Walnice Galvão, que corrigiu "*Anacardia humilis*" para *Anacardium humile*, nem a obra completa (CUNHA, 1995), comandada por Afrânio Coutinho, foram capazes de corrigir o que parece ser um erro tipográfico.

Em *A Nossa vendeia*, Euclides expressa a onipresença dos mandacarus:

"E sobre as chapadas desertas e desoladas elevam-se quase que exclusivamente os mandacarus (*Cereus*) silentes e majestosos; árvores providenciais em cujos galhos e raízes armazenam-se os últimos recursos para a satisfação da sede e da fome ao viajante retardatário-cactáceas gigantes que, revestidas de grandes frutos de um vermelho rutilante e subdividindo-se com admirável simetria em galhos ascendentes, patenteiam a conformação típica e bizarra de grandes candelabros firmados sobre o solo..." (CUNHA, 2000, p. 46-47).

MARCGRAVE e PISO (1648, p. 126-127) citaram o uso medicinal do mandacaru, nome ao qual atribuíam pelo menos quatro espécies, que além de ser consumido o suco do fruto (Apêndice 2, Prancha 3, C,E), cuja acidez é agradável ao paladar mitigando a sede, também pode ser usado como antitérmico, sendo muito útil aos biliosos.

Andrade (2008) registra dois mandacarus na região em estudo: o mandacaru-de-boi e o mandacaru-de-facho. O primeiro é *Cereus jamacaru*, enquanto o segundo é o *Pilosocereus pachycladus*.

Ao lado dos umbuzeiros, os mandacarus são fontes de água e alimento aos soldados republicanos famintos, que às vezes eram obrigados a aproveitar dos "talos túmidos de seiva" deles (CUNHA, 2000, p. 114, p. 138).

A utilidade desse vegetal extrapola a satisfação das necessidades mais urgentes, ele também é usado na confecção de portas (ANDRADE, 2008, p. 23) e seus espinhos eram utilizados para tecer aió (ANDRADE, 2008, p. 45). O chá das raízes do mandacaru é indicado popularmente para problemas de "quentura" na uretra e pra sífilis, bem como para gripe (ANDRADE, 2008, p. 94).

Lorenzi (2009, p.66) sugere que a madeira levíssima do mandacaru pode ser usada apenas para confecção de embalagens e aeromodelos, recomendando a árvore para fins paisagísticos e para consumo de frutos.

Favila Nunes, correspondente do *Gazeta de notícias* na região do conflito, afirma, em artigo datado de 1897, que, na ausência de alimento para os muares, que enfrentavam uma vegetação completamente seca, experimentou alimentá-los com mandacaru, porem os animais recusaram "preferindo comer terra" (GALVÃO, 1977, p. 187).

Contudo, a utilização do mandacaru na alimentação do gado é tão generalizada entre os sertanejos que ANDRADE (2008) registrou o nome vernáculo "mandacaru-de-boi" (*Cereus jamacaru*) para distinguir de "mandacaru-de-facho" (*Pilosocereus catingicola*). A autora também registra a ação medicinal desta planta, bem como a importância econômica da venda dos seus frutos na região.

Retido na Bahia (Salvador), esperando a partida para a região do conflito, Euclides imagina o sertanejo, baseado nos relatos que chegam ao seu conhecimento, totalmente camuflado ao ambiente, particularmente às plantas. A caatinga ferve com os espinhos dos mandacarus e xiquexiques, espécies que acobertam os partidários conselheiristas, os quais, com reduzido número, apenas meia dúzia às vezes, conseguem perturbar um batalhão inteiro, interrompendo sua marcha (CUNHA, 2000, p. 76).

Ao descrever com ojeriza a localidade de Tanquinho, onde pernoitara para seguir viagem para Canudos, Euclides coloca os mandacarus, como obstáculos para caminhar entre a vegetação, demonstrando já certo enfado com a frequência que os exemplares dessa espécie surgiam.

Vou riscar da minha carta o pequeno círculo com que condecorei esse lugar maldito e substituí-lo por um ponto imperceptível. Que todos viandantes fujam destas duas casas velhas e acaçapadas, em cuja frente os mandacarus esguios, silentes e rígidos, [...] dirigi-me ao

tanquinho que batiza o lugar [...] O tanquinho tem provavelmente como leito a rocha impenetrável. Rodeado de mandacarus (tristes vegetais que são uma obsessão quase para o viajante) [...] (CUNHA, 2000, p. 150).

O mandacaru foi utilizado por Oiticica (2004, p. 73) para referir-se aos equívocos científicos encontrados no texto de Euclides: "Os erros de *Os sertões*, são como espinhos do mandacaru: a casca áspera que protege o sumo. Não dá para separar."

Em Aleilton Fonseca (2017), o mandacaru aparece primeiro num êxtase estético diante da imponência da planta e da sua floração (Apêndice 2, Prancha 3, B), fazendo com que a personagem ansiosamente a quisesse fotografar: "Fizemos uma pausa para admirar a imponência da planta sertaneja. O mandacaru florescia e reinava à beira da estrada, chamando a atenção de quem passasse por ali" (FONSECA, 2017, p. 21). O narrador guarda pelos representantes da espécie, grande admiração e respeito: "E sobre as chapadas desertas e desoladas alevantam-se quase que exclusivamente os mandacarus silentes e majestosos." (FONSECA, 2017, p. 72). Contudo, quando a narrativa muda para o nativo canudense que descreve a ocupação da região pelos antepassados, o mandacaru aparece com algo que não tem valor: "Era antes uma terra desabençoada, sem dar nada que prestasse: só mato, urtiga e mandacaru" (FONSECA, 2017, p. 48).

No romance de Vargas Llosa (1981), o mandacaru aparece como caracterizador da caatinga, emprestando aridez às descrições das cenas: "un desierto erizado de mandacarús" (VARGAS LLOSA, 1981, p. 66), frequentemente associado a outras espécies como "cardos" (VARGAS LLOSA, 1981, p. 197), velame e calumbi (VARGAS LLOSA, 1981, p. 218), mangabeira (VARGAS LLOSA, 1981, p.221), xique-xique (VARGAS LLOSA, 1981, p. 309, 368, 372).

Em Graciliano Ramos (2013), o mandacaru aparece nas descrições da vegetação da caatinga junto com o xique-xique: "A aragem morna acudia os xiquexiques e os mandacarus." (RAMOS 2013, p. 15). Também aparece como representação da força do sertanejo: "Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso" (RAMOS 2013, p.19). A tradição de dar mandacaru para o gado também é utilizada no romance, sendo um dos ensinamentos que o sertanejo tem que dar aos filhos : " Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado (...)"(RAMOS 2013, p. 25). O mandacaru também é utilizado para mostrar a agressividade do patrão: " E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru." (RAMOS 2013, p. 24). A

imagem do mandacaru morrendo é comparada a angústia da pessoa que se cala " Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo." (RAMOS 2013, p.120).

Ao poetizar o rio São Francisco, Jorge de Lima cita o Mandacaru, entre as dádivas que o rio oferece para alimentar justamente o gado (LIMA, 1997, p. 243). No poema XXI de *Invenção de Orfeu* o poeta não só refere-se ao potencial forrageiro da planta, mas também a sua aparência agressiva, como se estivesse disposto à batalha:

Decide-se a fazer os cactos,
quer dizer: a simetria. Urgência
em colocar espinhos onde
estariam folhas gordas
dos facetados mastros verdes
de gomos estandardizados,
duros, fortes, blindados como
armas de destruição e fúria,
sem desejar sequer um ramo
para dar pouso ou sombra ou fruto
ou segregar resina; mas
advinha-se o sangue às pontas
estripando vaqueiros, e uivos
de ventos trespassando quando
distráidos perpassam. Vê-se
a provisão constante d'água
contra a seca; sem ter raízes
profundas, para não fixar-se
demais, e ser nos ares um
mirante, contemplando os céus
de fogo, e embaixo a terra morta
e lá longe - pedrouços, ossos,
luas vermelhas, céus de fogo.
Mandacarus, mandacarus,
que a técnica vos fez tão torres
nesse verde marfim de caule
que não dá lenho para quem
deseje um poema, um navio
manso, mas encarnais ossuários
com tutanos de seiva oculta
manancialmente para bois. (LIMA, 1997, p. 525).

João Cabral de Melo Neto destaca a virilidade do Mandacaru, sobressaindo-se à vegetação da Caatinga diminuída pela aridez, como se o vegetal desprezasse (dando uma "banana") para aqueles que menosprezam a poderosa vegetação do semiárido.

Entre a caatinga tolhida e raquítica,
entre uma vegetação ruim, de orfanato:
no mais alto o mandacaru se edifica
a torre gigante e de braço levantado;
quem o depara, nessas chãs atrofiadas,
pensa que ele nasceu ali por acaso;

mas ele dá nativo ali, e daí fazer-se
 assim alto e com braço para o alto.
 Para que, por cima do mato anêmico,
 desde o país eugênico além das chãs,
 se veja a banana que ele, mandacaru,
 dá em nome da caatinga anã e irmã. (MELO NETO, 1997, p. 19).

Em *Museu de tudo*, no poema *Pernambuco em mapa*, o poeta pernambucano reforça a imagem do vegetal personificado desprezando a arrogância sulina, estendendo ao pernambucano em si essa atitude:

Só vai na horizontal
 nos mapas que o mutilaram;
 em tudo é vertical:
 dos sobrados e bueiros da Mata

Até o mandacaru
 que dá a vitalícia banana
 a todos que do Sul,
 olham-no do alto da mandância

Aquela horizontal
 é enganosa, está só nos mapas:
 não diz de sua história
 e muito menos de sua casta. (MELO NETO, 1997, p. 55).

A erotização dessa cactácea pode ser atribuída à aparência fálica dos cladódios eretos ou mesmo ao botão floral que um pouco antes da antese guarda uma semelhança com o pênis humano. Talvez essa similaridade esteja na raiz do uso do mandacaru no famoso *O xote das meninas* de Zé Dantas e Luiz Gonzaga: "Mandacarú quando fulora na seca/É o sinal que a chuva chega no sertão/Toda menina que enjoa da boneca/É sinal que o amô/ já chegou no coração" (CANÇADO, 1998, p. 186); sugerindo que a revelação fálica dos mandacarus, induzisse a floração do desejo sexual nas moças.

A imagem do mandacaru, mesclada ao ser humano, um "homem-mandacaru", foi utilizada por Mário Cravo para esculpir seu "Conselheiro Bom Jesus". Tal estátua, fincada no solo, tinha "braços-espadas" erguidos no ar, sugerindo ao mesmo tempo uma oração e uma ameaça. Como resultado, os populares começaram a ascender velas ao pé da estátua, fazendo com que os militares do regime golpista exigissem o recolhimento da obra de arte para o interior da escola de medicina (FURTADO et al., 2002). Tal relato, feito por José Celso Martinez lembrando uma conversa com Glauber (Rocha), ressalta a fusão da imagem do mandacaru (e, por extensão, do sertão) à imagem popularmente santificada de Antônio Conselheiro.

4.3.5 Juazeiro sempre verde

Juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.-Rhamnaceae, a família da Uva-do-Japão) (Apêndice 2, Prancha 4), tem o mesmo "caráter" dos umbuzeiros, pois também permanece verde nas secas mais intensas, resistindo inclusive a incêndios, sempre mostrando-se verde, "floridos sempre, salpintando o deserto com as flores cor de ouro, álacres, esbatidas no pardo dos restolhos — à maneira de oásis verdejantes e festivos." (CUNHA, 1982, p. 40).

Esta planta também está entre aquelas que pressagiam a iminente vinda das chuvas. Neste caso, o que vai chamar a atenção é a produção dos frutos: "lourejam os juás em moitas" (CUNHA, 1982, p. 43). De fato o fruto maduro do Juazeiro adquire uma coloração amarelada, dando a impressão que a planta toda esta ficando mais "loura".

Lorenzi (1992, p. 299) registra muitos nomes vernáculos para *Ziziphus joazeiro* Mart., além do juazeiro: joá, juá, juá-espinho, juá-fruta, laranjeira-de-vaqueiro. No que foi enriquecido por Carvalho (2006, p. 319): joazeiro, juá-babão, juá-de-boi, joá-mirim, e juá-bravo. Este último autor afirma que o nome "juá" provém do Tupi, significando "frutos carnosos".

A madeira desta planta é muito utilizada para construções rurais (mourões, marcenaria, lenha). Salienta-se a importância dessa espécie na época da seca que pode proporcionar alimento ao gado faminto. O fruto (Apêndice 2, Prancha 4, D) é rico em vitamina C. (LORENZI, 1992, p. 299). Para a alimentação de ovinos e caprinos as folhas dos juazeiros são importantes fontes de proteína, os frutos secos também são consumidos por esses animais (CARVALHO, 2006, p. 323).

Cunha (1982, p. 105 e 107) cita a utilização do juazeiro para a alimentação do gado nas épocas mais secas: "Talha em pedaços os mandacarus que desalteram, ou as ramas verdoengas dos juazeiros que alimentam os magros bois famintos"

Os frutos dessa planta podem ser consumidos quando maduros e há relatos do uso da casca e das folhas para higiene dental (CARVALHO, 2007, p. 5). Tal utilização popular para fins de higiene odontológica foi corroborado por estudos farmacológicos, que demonstraram a eficiência da planta na diminuição da placa dentária com ação antimicrobiana (CARVALHO, 2006, p. 324).

Sendo uma árvore tão importante no semiárido brasileiro, não é de se admirar que existam muitos lugarejos que levam seu nome, sendo Juazeiro, cidade do norte da Bahia muito envolvida no episódio do massacre de Belo Monte. Impossível não lembrar de Juazeiro do Norte, cidade cearense muito ligada ao padre Cícero Romão Batista. Nesta cidade, em frente à Igreja Matriz, existe um juazeiro que não tem nenhum espinho sequer, sabendo-se que os representantes de *Ziziphus joazeiro* são plantas armadas de poderosos espinhos; reza a tradição que o próprio padre Cícero plantou o referido juazeiro inerme, referindo-se a ela como um milagre divino (CARVALHO, 2006, p. 320).

Este poder de permanecer verde diante da deciduidade das outras espécies simpátricas já havia sido ressaltado n' *A Nossa vendeia*, onde o jornalista registra: "as árvores desnudam, despidas das folhagens, com exceção do *juazeiro* de folhas elípticas e coriáceas" (CUNHA, 2000, p. 46). O que também é destacado em *O pêndulo de Euclides*, citando esta mesma passagem ao descrever a vegetação calcinada pela estiagem (FONSECA, 2017, p. 72). O juazeiro aparece rapidamente no romance de Vargas Llosa (1981, p. 44), representando a dificuldade de se atravessar a vegetação nativa: "los policías trotaron hacia allí, entre joazeiros de ramas filudas y matas de velame que les irritaba la piel".

Na poesia, o juazeiro foi utilizado por Mariano (1957, p. 395) representando o Norte do Brasil, enquanto que o umbu, no mesmo poema, umbu enquanto *Phytolacca* conforme já explicado acima, representaria a vegetação dos pampas, açoitado pelo "Vento do Sul": "Vento do Norte! Ó maldição dos rincões brasileiros/Que em blasfêmias cruéis e queixas longas/Ora arrasta na fúria a copa dos joazeiros,/Ora aumenta o clarim da voz das arapongas"

Suassuna (2012, p. 115, 118) refere-se a um bosque de juazeiros que atraíam animais (jacús e veados) que se alimentavam dos frutos (juás) e que ali poderiam ser caçados: "Lá, existe um bom mato de juazeiros, que é um dos melhores comedouros para Jacus que existem por aqui! Esses perus-do-mato são doidos por Juá" (p. 115).

Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos (2013, p. 9) refere-se, logo no início da obra, à verdura dos juazeiros para criar o contraste com a vegetação ressequida "A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala." A planta não se separa dos retirantes ao longo do romance, ora como marco delimitando a área de segurança: "A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava com vontade de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinhá Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água

topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás" (RAMOS 2013, p. 66), ora como abrigo do sol inclemente: "Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra." (RAMOS 2013, p.12).

4.3.6 Ouricuri dos rosários

Ouricuri é normalmente identificado como *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. (Arecaceae, a família do coqueiro) (Apêndice 2, Prancha 7). Tal espécie é de grande uso no semiárido, suas folhas são usadas para cobrir as choupanas, seus frutos são muito apreciados e saborosos. Em Euclides da Cunha (1982, p. 310) eles aparecem mitigando a fome dos retirantes, e para a fabricação de rosários "Pululavam rosários de toda a espécie, dos mais simples, de contas policrômicas de vidro, aos mais caprichosos, feitos de ouricuris" (CUNHA, 1982, p. 413).

Gabriel Soares de Souza (apud GESTEIRA, 2012, p.88), que excursionou na Bahia na segunda metade do século XVI, encontrou uma palmeira muito comum à qual denominou "ururucuri", descrevendo-a como uma palmeira alta que dá cocos pequenos comestíveis. Deve tratar-se o aqui denominado como ouricuri. Porém, expedicionário acrescenta a informação que do estipe desta planta obtém-se um miolo, que seria "alvo e solto", o qual pode ser cozido e seco, fazendo-se a "farina de pau".

Lélis Piedade, correspondente do *Jornal de notícias*, comunicou o hábito de se utilizar as "concas do ouricuri" como pratos (GALVÃO, 1977, p. 352). A "conca" ou capemba ou cimba refere-se à bainha da folha, que nesta espécie é caracteristicamente persistente, sendo utilizado também em artesanatos (cf. AROUCHA; AROUCHA, 2013, p. 37). Cunha (2000, p. 138) cita o coco do licuri como fornecedor de alimento farto ao sertanejo.

Lorenzi (1992, p. 297) apresenta os seguintes nomes vernáculos para *Syagrus coronata* (Mart.) Becc., sem se referir a ouricuri: licuri, aricuri, nicuri, alicuri. O tronco é utilizado em construções rurais. Raspando as folhas obtém-se a "cera de licuri", sendo também possível retirar um óleo comestível das amêndoas, que também são comestíveis. A planta é muito utilizada para o artesanato, os coquinhos servem de contas para elaboração de rosários (também citado por Euclides da Cunha, 1982) e as folhas podem originar espanadores, chapéus e vassouras.

Na poesia, o ouricuri aparece em Lima (1997, p. 222), representando o que não é cidade:

Passam os últimos quintais,
as últimas meninas,
os últimos vendedores de pão doce,
os últimos mulungus dos cercados,
e agora é mato,
imbaúbas,
canafistulas,
gravatás,
ouricuris (...).

4.3.7 Quixabeira ônix

Quixabeira [*Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D. Penn.- Sapotaceae, a família do sapoti] (Apêndice 2, Prancha 6), tem uma participação coadjuvante numa das cenas mais chocantes do livro de Euclides da Cunha (1982), justamente "Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina" (p.31) o cadáver de um soldado morto há três meses mumificava-se esquecido, como se estivesse prazerosamente descansando à canícula. Esta espécie irá chamar a atenção do escritor novamente quando ocorre a ressurreição da flora logo depois das primeiras chuvas, pois "assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos (cf. Apêndice 2, Prancha 6, C,D) que lembram contas de ônix" (p. 42).

Coutinho (1995, p. 813) refere-se à quixabeira como sendo *Bumelia sartorum*, binômio proposto por Martius em 1839 e sinonimizado à *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D. Penn. (cf. FLORA DO BRASIL 2020).

A quixabeira foi utilizada por Euclides da Cunha para representar a "agressividade" da flora, mas essa agressividade só é efetiva para aqueles que ignoram os benefícios que esta flora pode trazer, conhecimento este presente em cada sertanejo: "as próprias quixabas de folíolos pequenos e pequenos frutos, pretos e brilhantes como ônix- revestem-se de espinhos." (CUNHA, 2000, p. 137). Sendo estes frutos importante fonte de alimento (CUNHA, 2000, p. 138).

Em Graciliano Ramos (2013), apesar de agressiva com seus garranchos, a quixabeira permite ao retirante descansar do sol " Foram descansar sob os garranchos de uma quixabeira" (RAMOS, 2013, p.124).

4.3.8 Macambira armadilha cruel

A macambira é uma planta de identificação difícil nesse contexto. Este nome vernáculo é rotineiramente associado à *Bromelia laciniosa* Mart. ex Schult. f. (Bromeliaceae) (Apêndice 2, Prancha 8, A-C), porém alguns podem confundi-la com macambira-de-flecha (*Encholirium spectabile* Mart. ex Schult. & Schult. f. - também uma Bromeliaceae) (Apêndice 2, Prancha 8, D,E). Ambas espécies são encontradas na região de Canudos e são muito diferentes uma da outra, mas é impossível saber a qual Euclides da Cunha se refere. A principal característica que ele atribui a esta espécie é o fato de formar populações intransponíveis devido ao entrelaçamento de suas folhas rígidas armadas com acúleos recurvos que causam dolorosos ferimentos aos incautos, características comuns a ambas espécies, como no trecho "Trançam-se, porém, ao lado, impenetráveis renques de macambiras." (CUNHA, 1982, p. 107) ou "Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras." (CUNHA, 1982, p. 141). A principal suspeita é que o autor esteja se referindo à primeira espécie, pois ele não se refere em nenhum momento à "flecha" da segunda, uma inflorescência alta (até 2 m), que permanece seca e tesa por muito tempo (meses), coisa que certamente chamaria a atenção do explorador.

Corroborar essa suspeita o fato que duas referências de Euclides da Cunha relacionarem o nome "macambira" à espécie *Bromelia laciniosa*. Martius (1841, c. 38) afirma: "*Bromelia laciniosa ab incolis dicta Macambira*". Também Carvalho (1888, p. 26) entre as mais constantes da região da caatinga a "macambira.... *Bromelia laciniosa*". Posteriormente, Coutinho (1995, p. 798) usará esta identificação para a Macambira.

Pio Correa (1926-1978, v. 5, p. 4-5) também propõe duas espécies para o nome Macambira: *Bromelia laciniosa* Mart. e *Encholirion spectabile* Mart. (sic). Sobre a primeira, o estudioso revela que na base das folhas existe uma substância amilácea, que nas épocas de estiagem pode ser consumida com leite ou carne como um pirão; já sobre a segunda, ele afirma que produz fibra de boa qualidade, capaz de produzir redes.

O correspondente do *Jornal do comércio* Manuel Benício sugere que o talo da macambira seja utilizado como alimento pelos conselheiristas e esse consumo ajuda a explicar a notável adaptação deles à Caatinga (GALVÃO, 1977, p. 301).

O correspondente do periódico *O país*, Hoche, fornece uma descrição detalhada da macambira, personificando-a, colocando-a como adversária do exército republicano:

Não deixando em esquecimento, como ia, a respeitabilíssima macambira, da família dos gravatás, cujas palmas curvas, no sentido

longitudinal, são alongadas como espadas e guarnecidas em suas bordas por duas ordens de espinhos curvos e em sentidos opostos, em forma de unhas de tigre, para ferirem quem avança para ela e quem recua, se em tempo não tomar esta precaução.

[...] Ela (a macambira) vive em grandes colônias, em verdadeira intimidade, obedecendo como que a um profundo sentimento de sociabilidade, em uma família de irmãos tratando de levar à prática o princípio de um por todos e todos por um.

À sombra da árvore protetora, prolifera de modo assombroso, cobrindo inteiramente o solo onde assentam seus vastos domínios. Suas armaduras de aço defendem ainda a cristalina água que o bom e criador inverno deposita nas dobras de seu regaço. É respeitada e temida por todos. (GALVÃO, 1977, p. 462-463).

Em *La guerra del fin del mundo*, Vargas Llosa (1981) usa a macambira para descrever a vegetação da caatinga, associando-a a outras espécies como velame (VARGAS LLOSA, 1981, p. 253), mandacaru (VARGAS LLOSA, 1981, p. 309) e mangabeira (VARGAS LLOSA, 1981, p. 369). Os característicos acúleos recurvos da espécie, que impede a livre locomoção na caatinga, é realçado no trecho que as personagens estão em fuga e precisam enfrentar a vegetação: "sólo una tierra trepadora, cubierta de zarzas y hojas desprendidas de los árboles por la lluvia, charcas fangosas de vegetación de macabiras com ramas como garras [...]" (VARGAS LLOSA, 1981, p. 309).

Já no romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (2013) as macambiras foram utilizadas para acender o fogo: "Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (RAMOS, 2013, p. 13). Depois, as macambiras passam a representar um ser único (Bancos), que dificultavam o livre caminho, como em: "Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas o capões de mato, impenetráveis bancos de macambira" (RAMOS, 2013, p.58).

4.3.9 Palmatória disciplinadora

Se a vegetação da Caatinga se comporta como aliada dos conselheiristas, a palmatória ou palmatória-do-inferno (Apêndice 2, Prancha 5) é certamente seu soldado mais aguerrido. O nome vernáculo refere-se ao cladódio achatado, lembrando o instrumento que corriqueiramente utilizado nas escolas para "disciplinar" os alunos com comportamento fora do padrão. Seu aspecto ameaçador, como na passagem "as

palmatórias-do-inferno opúntias de palmas diminutas, diabolicamente erriçadas de espinhos" (CUNHA, 1982, p. 41), faz imaginar a espécie como material didático de uso comum nas escolas infernais. Somente a sabedoria do sertanejo plenamente adaptado às agruras da Caatinga pode lidar com ela, como na passagem "as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos" (CUNHA, 1982, p. 179), em que elas podem ser usadas para alimentação animal.

Coutinho (1995, p. 808) identifica a palmatória-do-inferno (ou simplesmente palmatória) como "Opuntia monocantia", que provavelmente deve referir-se a *Opuntia monacantha* Haw., espécie também referida como "palmatória" e que ocorre da Bahia ao Rio Grande do Sul (FLORA DO BRASIL, 2020).

Andrade (2008, p. 95) registrou o uso da raiz para problemas na uretra. Este vegetal também é muito usado como cerca viva. Para alimentação dos animais, os espinhos são eliminados com uso de fogo.

Na poesia de João Cabral de Melo Neto, a palmatória aparece como uma representação da beleza da caatinga, uma beleza inóspita, mas ainda assim admirável: "belo como a palmatória" (MELO NETO, 1997, p. 178).

Mas em Graciliano Ramos, as palmatórias só servem para impedir o caminho: "pôs-se a cortar as quipás e as palmatórias que interrompiam a passagem." (RAMOS, 2013, p. 102).

4.3.10 Xique-xique das caatingas

Ao lado do Mandacaru, o xique-xique [*Pilosocereus gounellei* (A. Weber ex K. Schum.) Bly. ex Rowl.- Cactaceae] (Apêndice 2, Prancha 9) também é utilizado para simbolizar a Caatinga como um todo. Euclides da Cunha (1982) tenta ser preciso ao citá-lo, aplicando até o nome científico:

Os xiquexiques (*Cactus peruvianus*) são uma variante de proporções inferiores, fracionando-se em ramos fervilhantes de espinhos, recurvos e rasteiros, recamados de flores alvíssimas. Procuram os lugares ásperos e ardentes. São os vegetais clássicos dos areais queimados. Aprazem-se no leito abrasante das lajens graníticas feridas pelos sóis. (CUNHA, 1982, p.40).

O nome a que Euclides da Cunha se refere é um sinônimo de *Cereus peruvianus* (L.) Miller, que é uma espécie mais relacionada com o mandacaru (*C.jamacaru* DC.),

diferindo deste por aquele apresentar cladódio com mais de 6 costelas (BRITTON; ROSE, 1920, p. 11).

Araújo (2002, p. 139-140) equivocou-se ao afirmar que Cunha (1982) se referisse aos xique-xiques comparando-os "a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica" (p. 40-41). Na verdade o autor de "*Os sertões*" compara as cabeças de Frade (*Melocactus* sp.), que são semiesféricos, às tais cabeças decepadas e não o xique-xique, que são coluniformes.

Coutinho (1995, p. 829) sugere como alternativa ao nome *Cereus peruvianus*, *Opuntia brasiliensis*. Este binômio é atualmente sinônimo de *Brasiliopuntia brasiliensis* (Willd.) A. Berger (cf. FLORA DO BRASIL 2020), espécie muito diferente do xique-xique. Enquanto este é um cacto candelabriforme com no máximo 2,5 m e com cladódios laterais caracteristicamente curvados, aquele é um cacto arborescente, acima de 10 m de altura na sua maturidade, formando no ápice uma "copa" de cladódios achatados.

Andrade (2008, p. 96) afirma que o fruto é muito apreciado e também pode ser oferecido aos animais. Sendo pouco utilizado como cerca viva, exemplares dessa planta pode ser usada como árvore de natal. Os espinhos transformados em pasta e misturado com sebo de carneiro capado, pode ser usado para cortes e ferimentos.

O xique-xique aparece logo nos primeiros encontros com a caatinga na viagem das personagens de *O pêndulo de Euclides* para Canudos: "Por volta de meio-dia, com o Sol a pino e muito calor, começamos a avistar a vegetação de caatinga, com seus cactos, xiquexiques, gravatás, faveiros, mandacarus e outros arbustos e ervas. Eram vegetais de folhas atrofiadas, caules grosseiros e raízes profundas, prontos para suportar longos períodos de estiagem" (FONSECA, 2009, p. 20), frisando a adaptação das espécies ao ambiente.

Em *La guerra del fin del mundo* de Vargas Llosa (1981), o xique-xique é referido com riqueza de representações, seja na culinária sertaneja (VARGAS LLOSA, 1981, p. 85), seja na composição da vegetação junto com outras espécies, como mandacaru (VARGAS LLOSA, 1981, p. 309). Também aparece protegendo as forças conselheiristas formando paliçada junto com os mandacarus: "Pajeú apura la marcha y mantiene un paso vivo toda la noche. Cuando, al amanecer, llegan a la Sierra de Caxamango y protegidos por una empalizada de xique-xiques y mandacarús hacen alto para comer (...)" (VARGAS LLOSA, 1981, p. 368). A espécie é citada logo no início do romance (VARGAS LLOSA, 1981, p. 22), pois é utilizada pela personagem para

fazer uma cruz ("En el rincón donde dormía, el Beatito fue construyendo un altar, con estampas que le regalaron en la misión y una cruz de xique-xique que él mismo talló y pintó". Já no final do livro (VARGAS LLOSA, 1981, p.416), a personagem ameaça matar-se utilizando o espinho de um xique-xique no caso de ser obrigada a casar-se com o pretendente indesejado, seguindo o exemplo de uma desditosa moça em outra comunidade.

Jorge de Lima cita o xique-xique entre as dádivas do rio São Francisco, para a alimentação do gado, ao lado do Mandacaru e do Quipá (LIMA, 1997, p. 243).

Sempre associado ao mandacaru, o xique-xique, em Graciliano Ramos, também participa da composição da paisagem, mas em um trecho, a planta parece conferir para ele a representação da força do sertão : "Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas" (RAMOS, 2013, p. 19).

4.3.11 Jurema libertadora

O nome "jurema" refere-se a várias espécies, de gêneros diferentes. Basicamente o sertanejo refere-se a duas juremas diferentes: jurema-preta e jurema-branca, cada uma com várias espécies diferentes.

Em Cunha (1982) dedica um verbete só para a Jurema, chamando atenção a uma bebida estimulante (p. 43). Também refere-se à Jurema ao descrever como o "Hércules-Quasímodo" se agiganta ao perseguir o gado "partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas."(CUNHA, 1982, p. 92) e como aliada do conselheiros impedindo o avanço das tropas... é o "antagonismo da Caatinga" (...) "As seções precipitam-se para os pontos onde estalam os estampidos e estacam ante uma barreira flexível, mas impenetrável, de juremas." (CUNHA, 1982, p. 177).

Pio Correa (1926-1978, v. 4, p. 581-583) identifica esse nome vernáculo com *Pithecolobium tortum* Mart. e apresenta diversos nomes para outros tipos de jurema, como a jurema branca (*Acacia piauhyensis* Benth. [sic], *Mimosa verrucosa* Benth., *Pithecolobium acacioides* Ducke, *Pithecolobium dumosum* Benth., *Pithecolobium diversifolium* Benth. [sic]), jurema mirim (*Mimosa ophthalmocentra* Mart.), jurema preta (*Mimosa hostilis* Benth.). Porém, em nenhum momento ele cita características psicotrópicas para alguma das juremas. Apesar do ilustre cientista não citar *Mimosa*

tenuiflora, sabe-se que *Mimosa hostilis* é um sinônimo para esta espécie. Todas essas espécies pertencentes à família das leguminosas (Fabaceae).

Pithecolobium tortum Mart. atualmente é *Chloroleucon tortum* (Mart.) Pittier, que é pouco registrado para a Bahia, ocorrendo principalmente em áreas de Mata Atlântica (c. FLORA DO BRASIL, 2020; SPLINK, 2019).

Pithecolobium acacioides Ducke (Atualmente *Chloroleucon acacioides* (Ducke) Barneby & J.W.Grimes) tem uma distribuição mais ampla com raras ocorrências no semiárido.

Acacia piauhiensis Benth., *Mimosa verrucosa* Benth., *Pithecolobium dumosum* Benth. (atualmente *Chloroleucon dumosum* (Benth.) G.P. Lewis), *Pithecolobium diversifolium* Benth. (variante ortográfica de *Pithecellobium diversifolium* Benth.), *Mimosa ophthalmocentra* Mart. têm uma distribuição no semiárido, sendo boas candidatas a serem a jurema que Euclides da Cunha se refere, porém Pio Correa não cita os efeitos psicotrópicos de bebida feita com ela.

José Celso Martinez afirma que a beberagem feita com a jurema-preta tem origem indígena, com efeitos alucinógenos, porém a receita para fazer a bebida foi perdida (FURTADO et al., 2002, p. 140).

De fato, existe uma substância (DMT ou N,N-dimetiltriptamina) encontrada entre outras plantas, como a ayuasca (*Banisteriopsis caapi*, Malpigiaceae), na espécie *Mimosa tenuiflora* (Wild.) Poiret (Fabaceae), conhecida como jurema-preta, usada para fazer uma beberagem alucinógena. O DMT é um alcalóide com ação psicoativa, muito consumido entre as comunidades indígenas e assim como o ayuasca, também é utilizado em um contexto religioso (GAUJAC, 2013).

Diante dessa característica psicoativa amplamente comprovada por estudos bioquímicos e sendo *Mimosa tenuiflora* (Apêndice 2, Prancha 17) uma espécie representada na região de Canudos, mais especificamente com coletas no município de Euclides da Cunha, Jeremoabo e Monte Santo (cf. SPLINK), pode-se concluir que o autor de *Os sertões*, refira-se a esta espécie em particular.

Carlos Drummond de Andrade cita a jurema-branca ("jurema branca esponjeira") referindo-se à capacidade dos nomes de manter as coisas vivas (ANDRADE, 1973, p. 362).

Silva (2017) afirma que a "jurema sagrada", muito utilizada na poesia popular, aproxima-se da utopia, "na expressão do discurso mitopoético; na representação lugares míticos espirituais, paraísos/lugares secretos maravilhosos; e por último, na eternização

do ser pela palavra, através do encantamento e suas ligações com sebastianismo". A autora, inclusive, cita textualmente o episódio de Canudos como um exemplo de manifestação sebastianista no Brasil, ao lado da Pedra do Reino ou Pedra Bonita em Pernambuco (p. 35).

4.3.12 Baraúna que revive!

Baraúna (*Schinopsis brasiliensis* Engl.- Anacardiaceae) (Apêndice 2, Prancha 10) chama atenção quando entram na fase decídua "as últimas folhas amarelecidas nas ramas das baraúnas " (CUNHA, 1982, p. 179), como também na fase em que acontece a ressurreição da caatinga "e baraúnas altas reifrescem à margem dos ribeirões refertos" (idem, p.42).

Esta planta também está entre aquelas que pressagiam as chuvas, sendo que, neste caso, o presságio se dá com a floração: "e as baraúnas de flores em cachos" (CUNHA, 1982, p. 31).

Coutinho (1995, p. 763) identifica a baraúna como *Melanoxylon brauna*, nome proposto por Schott para a família Fabaceae. Esta espécie ocorre da Bahia ao estado de São Paulo (cf. FLORA DO BRASIL 2020), sendo mais associada à Mata Atlântica e ao Cerrado, não tendo sido registrada até o momento na região do conflito (cf. SPLINK, 2019). Carvalho (2008, p. 88) é enfático ao distinguir as duas braúnas, sendo *Schinopsis brasiliensis* a da Caatinga e *Melaxylon brauna* a da Mata Atlântica.

Lorenzi (1992, p.6) traz os seguintes nomes vernáculos para *Schinopsis brasiliensis* Engl., além da Baraúna: braúna, braúna-parda, braúna-do-sertão. Trata-se de uma planta muito utilizada na construção rural, particularmente mourões e postes, prestando-se para a carpintaria para trabalhos com torno. A flores são melíferas.

Além dos nomes vernáculos levantados acima, Carvalho (2008, p. 83) acrescenta os nomes chamacoco, chamucoco, pau-preto, soto e barauva (esses dois últimos já em espanhol). Além das utilidades já citadas, o autor reúne alimentação de caprinos e ovinos, lenha, medicinal (entre os índios Kariri-Xocó é usada para aliviar dores dentárias).

Na poesia brasileira, a baraúna (ou braúna) aparece representando o sertão em Jorge de Lima, que, no poema *Santa Rita Durão*, critica a ausência de sertão na obra o autor do *Caramuru*:

As tuas caatingas não têm burras-leiteiras

que dão leite,
 não têm pau-sangue que verte sangue,
 que nem cabocla, todas as luas,
 não têm peitinhos de jaracatiás,
 não têm beijos de maracujás-de-estalo, não têm imbés
 chupando troncos de baraúnas tão grossas,
 tão pretas como pretas-minas! (LIMA, 1997, p. 265).

O mesmo poeta, agora em *Invenção de Orfeu*, usa novamente a baraúna para representar o sertão vazio da cultura indígena que povoava as terras brasileiras antes da invasão europeia:

Já não estais, timbiras, já não sois.
 É preciso andar sertões pra encontrar-vos,
 verter íntimos sangues, correr matos,
 braúnas, umbuzais para encontrar-vos.
 Já não sois belos como nos Caminhas,
 e sois enfermos e não sois tão nus. (LIMA, 1997, p. 547).

A baraúna está entre as plantas que Graciliano Ramos sugere como uma padronização do que é forte: "Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas." (RAMOS, 2013, p. 19).

4.3.13 Cunanã cega o facão!

Cunanã (ou cumanã) refere-se à *Euphorbia phosphorea* Mart. (Euphorbiaceae, a família da mandioca) (Apêndice 2, Prancha 11), no que concorda Coutinho (1995, p. 777), que é uma planta cactiforme de cladódios finos e ramificação profusa. Populações dessa espécie teve participação na guerra ao impedir o avanço das tropas republicanas, cegando os facões dos soldados.

reuniu-se a muito falada e temida cunanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. A poucos centímetros do chão o tronco divide-se em muitos galhos, que se multiplicam numa profusão admirável, formando uma grande copa, que se mantém no espaço por seus próprios esforços ou favorecido por algumas plantas que vegetam de permeio. Estende suas franças de folhas cilíndricas com oito caneluras e igual número de filetes em gume e pouco salientes, semelhando-se a um enorme polvo de milhões de antenas, como elas flexíveis e elásticas, cobrindo, não raras vezes, considerável superfície do solo, emaranhando-se, por entre a esquisita e raquítica vegetação destas paragens, em uma trama impenetrável. A foice mais afiada dos nossos soldados do contingente de engenharia [...] e polícia dificilmente as decepava nos primeiros golpes, oferecendo, portanto, resistência inesperada ao empenho que todos traziam em ir por diante. (SIQUEIRA DE MENESES apud CUNHA, 1982, p. 277).

A cunanã também participava das alucinações dos soldados pois "as grinaldas fosforescentes das cumanãs irradiavam, ao longe, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras, em torno às quais velassem, em silêncio, espectantes, tocaias inúmeras." (CUNHA, 1982, p. 340). Essa fosforescência do cunanã é bem documentada, já tendo sido referida pelo próprio autor da espécie, sendo um tipo de bioluminescência causada por uma autoxidação (NEUMANN; QUINA, 2002, p. 35).

O correspondente do *Jornal do Brasil* na região do conflito também ressaltava como esta espécie prejudicava a marcha do exército republicano: "De um lado trabalhavam as picaretas, os alviões, as foices, os facões e os machados no terreno que se antepunha à marcha da coluna, que seguia para frente em um terreno cheio de cunanã e outros cipós que causticavam fortemente os pés dos soldados" (GALVÃO, 1977, p. 235).

A cunanã é citada por Hoche, correspondente de *O país*, entre os elementos da vegetação que dificultam o transporte do maquinário para a região do conflito.

Aos xiquexiques, palmatória, rabo de raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, calumbi, cansação, favela, quixaba, a respeitabilíssima macambira, reuniu-se o muito falado e temido cunanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. A poucos centímetros do chão, o tronco divide-se em muitos galhos, que se multiplicam numa profusão admirável, formando uma grande copa, que se mantém no espaço por seus próprios esforços ou favorecido por algumas plantas que vegetam de permeio. Estende suas franças de folhas cilíndricas com oito caneluras e igual número de filetes em gume e pouco salientes, semelhando-se a um enorme polvo de milhões de antenas, como elas flexíveis e elásticas, cobrindo, não raras vezes, considerável superfície de solo, emaranhando-se por entre a esquisita e raquítica vegetação dessas paragens, em uma trama impenetrável. A foice mais afiada dos nossos soldados do contingente de engenharia (...) e polícia dificilmente as decepavam nos primeiros golpes.

Quase que traía um secreto compromisso com os janízaros de Canudos para tolher o passo de nossos soldados republicanos em sua marcha contra os instrumentos dos restauradores da jagunça monarquia. Ao fio do ferro dos nossos trabalhadores opunha sua grande elasticidade sem ponto de apoio resistente.

A seiva desse vegetal bizarro é leitosa e cáustica, queima como fogo, deixando na pele uma marca indelével, e assim no tecido das fazendas. A qualquer pequena gota desse líquido que caía na vista de um mortal, segue-se a cegueira absoluta.

É terrível em sua moleza, em sua aparência miserável. (GALVÃO, 1977, p. 468-469).

4.3.14 Marizeiro dos presságios

O mari ou marizeiro trata-se do nome vernacular de *Geoffrea spinosa* Jacq. (Fabaceae) (Apêndice 2, Prancha 19), sendo um gênero com apenas duas espécies e sendo citada para a região do conflito apenas a referida, pode-se dizer com bastante certeza que esta é a espécie que pode ser associada a este nome (cf. QUEIROZ, 2009, p. 278).

Em *Os sertões*, o marizeiro aparece como uma forma de perceber a mudança do período seco para o úmido e vice-versa "[...] refrondam os marizeiros raros — misteriosas árvores que pressagiam a volta das chuvas e das épocas aneladas do verde e o termo da *magrém* — quando, em pleno flagelar da seca, lhes porejam na casca ressequida dos troncos algumas gotas d'água." (CUNHA, 1982, p. 43).

Esta qualidade "meteorologista" do marizeiro, fez com que o autor d'*Os sertões* o colocasse entre as personagens da apoteose do ressurgimento da vida depois de um longo período de seca: "ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves." (CUNHA, 1982, p. 42).

Lorenzi (2000, p. 201) explica que logo no início da estação chuvosa exsuda da planta uma quantidade significativa de líquido que chega até a molhar o chão: trata-se do fenômeno da gutação.

Para Bechelli (2009, p. 246) a utilização das cascas dos marizeiros é um exemplo de como a vida sertaneja é dura, pois a seca prejudica a obtenção de alimento. Contudo, passagem citada parece, não um exemplo das dificuldades das vida do sertanejo e sim como o homem do sertão está adaptado ao reconhecimento das mensagens da natureza.

José Lins do Rego ressalta a "camaradagem" dos marizeiros ao protegerem aqueles que visitavam o rio dos rigores solares: "enquanto pelas margens os marizeiros davam uma sombra camarada nos meios-dias" (REGO, 1997, p. 58). Esta espécie marcou a memória do escritor, relatando sua presença na margem do rio Paraíba: "Os marizeiros e as ingazeiras apertavam as duas margens e as águas corriam em leito mais fundo [...] O rio para mim seria um ponto de contato com o mundo. Quando estava ele de barreira a barreira, no marizeiro maior, amarravam a canoa que Zé Guedes manobrava." (REGO, 1997, p. 43).

4.3.15 Faveleira, para sempre ligada à pobreza...

A faveleira, *Cnidoscolus quercifolius* Pohl (Euphorbiaceae) (Apêndice 2, Prancha 16), é emblemática. Ela é uma planta muito comum na vegetação em torno de Canudos mesmo hoje em dia. Na época do conflito, ela emprestou seu nome ao local em que as tropas republicanas instalaram a "matadeira" e fustigaram o povoado rebelde: o Alto da Favela.

Alguns estudos identificam a faveleira de Canudos como *Cnidoscolus phyllacanthus* (Müll. Arg.) Fern. Casas, porém este nome trata-se de um sinônimo posterior de *C. quercifolius* Pohl (cf. FLORA DO BRASIL 2020).

Esta espécie causou surpresa ao engenheiro, sendo uma desconhecida para ele e devido a sua característica urticante ao se tocar o indumento das folhas e ramos, Euclides sugere um nome em latim para este gênero de planta "desconhecido": *Cauterium*, e o classifica erroneamente entre as Leguminosas (CUNHA, 1982, p. 39).

Coutinho (1995, p. 783) não se arrisca a associar a faveleira a uma espécie, mas afirma tratar-se de uma "Euphorbiacea", discordando, portanto, da proposta taxonômica de Euclides.

Na primeira edição de *Os sertões*, o autor afirma que "[...] as favelas têm, nas folhas, de estômatos expandidos em vilosidades [...]", trecho que José Novaes (apud GOMES, 2009, p. 120) apontou como um equívoco, pois um estômato é

uma estrutura microscópica existente na epiderme de órgãos aéreos, especialmente de folhas, constituída basicamente de duas células com reforço especial de parede, entre às quais fica uma abertura pela qual se efetuam trocas gasosas entre a planta e o meio. (APPEZZATO-DA-GLÓRIA; CARMELLO-GUERREIRO, 2006, p. 429).

Não sendo portanto "vilosidades". Cunha (1984) na segunda edição do seu livro corrigiu o equívoco para "... nas folhas de células expandidas em vilosidades" (CUNHA, 1984, p. 39).

A planta chamou a atenção do jornalista, ao fazer excursões na caatinga junto com seus companheiros, quando foi obrigado a retornar, pois o caminho ficou impedido pela vegetação impenetrável: "Encontrei na volta um novo espécime dessa flora agressiva, espécime que não citei na carta que ontem escrevi daqui- a favela, cuja folha sobre a pele, ao mínimo contato é um cáustico infernal, dolorosíssimo e de efeitos prolongados." (CUNHA, 2000, p. 145).

Carvalho (1888, p. 26) cita também a favela como uma das plantas que ocorria com "abundância", e que não foi possível encontrar "classificação" adequada.

É conhecido que este nome foi transportado pelos participantes do massacre em Belo Monte para o Rio de Janeiro, onde usaram para denominar as comunidades que se formaram precariamente nos morros cariocas e para sempre este mesmo nome ficou ligado à pobreza e à marginalidade das pessoas desfavorecidas nas grandes cidade.

Os veteranos da guerra (de Canudos), ao se reinstalar no Rio de Janeiro, deram ao morro da Providência, o nome do seu local de acampamento nos sertões: morro da Favela. Também mencionado por Euclides como o lugar de onde um capuchinho amaldiçoou Conselheiro, abrindo caminho para a invasão.

O feitiço virou contra o feiticeiro: em 1904 surge no Rio de Janeiro outra 'cidadela inexpugnável' como é chamado, à maneira de Canudos, o foco de resistência ao 'Bota-Abaixo e à vacinação obrigatória, na região justamente da Favela'. (OITICICA, 2004, p. 71).

De fato, uma das comunidades envolvidas na famosa revolta da vacina (1904) foi a do Morro da Favela, que teve seus casebres invadidos pela força policial e os moradores que não conseguiram fugir foram enviados presos para ilha das cobras (CARVALHO, 2008, p. 113).

Esta associação de significados da favela-planta, passando pelo escritor e por sua obra perene, ligando-se por fim à favela-comunidade carioca, foi uma consequência que o autor de "*Os sertões*" jamais poderia prever. Quando se busca informações associando "favela" a textos literários, encontrar-se-á apenas a citação de Euclides da Cunha, logo chamando o fato histórico da formação das comunidades precárias e pobres. Da mesma forma que o mandacaru está indelevelmente ligado à representação da seca e da Caatinga, a faveleira está associada à pobreza e a miséria. Ao contrário da cactácea, esta associação se dá apenas com o nome, uma vez que a planta em si foi esquecida.

4.3.16 Canudo-de-pito dos vadios

O canudo-de-pito, espécie que deu nome à região, é identificada como *Ipomoea carnea* Jacq. subsp. *fistulosa* (Mart. ex Choisy) D.F. Austin (Convolvulaceae, a família da batata-doce) (Apêndice 2, Prancha 12). Esta espécie deixou o autor embaraçado sem conseguir dar uma identificação precisa a ela, inicialmente ele imagina se tratar de um *Heliotropium* (Heliotropiaceae) por apresentar "flores em espiga" (CUNHA, 1982, p. 39). De fato os representantes de *Heliotropium* apresentam uma inflorescência congesta tipicamente escorpióide e fácil de identificar. Isso leva a sugestão que apresentaram

realmente um *Heliotropium* para o ilustre intelectual denominando-o como canudo-de-pito. Porém, mais adiante n' *Os sertões*, há o relato que um sacerdote em visita à região descreveu o canudo-de-pito de forma totalmente incompatível com o gênero *Heliotropium*:

[...] segundo o testemunho [...] do vigário de Cumbe, lá se aglomerava, agregada à fazenda então ainda florescente, população suspeita e ociosa, [...] e "cuja ocupação, quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão" , de tubos naturalmente fornecidos pelas solanáceas (canudos-de-pito), vicejantes em grande cópia à beira do rio. (CUNHA, 1982, p. 136).

Essa descrição é muito mais compatível com a espécie acima citada, apesar do vigário confundi-la com uma "Solanácea", família muito próxima de Convolvulaceae e que pode confundir um estudioso menos experiente.

Pio Correa (1926-1978, v. 1, p. 497-499) apresenta várias espécies para o nome vernáculo "canudo de pito: *Carpotroche brasiliensis* Endl. (Flacourtiaceae); *Cassia laevigata* Willd. (fabaceae); *Escallonia montevidensis* Cham. (Saxifragaceae); *Mabea angustifolia* Spruce, *M. fistulifera*, *M. occidentalis* (Euphorbiaceae). Atualmente *Carpotroche brasiliensis* (Raddy) A. Gray é colocado entre as Achariaceae, sendo uma planta com distribuição mais atlântica (cf. SPLINK, 2019). *Cassia laevigata* Willd. atualmente é um sinônimo de *Senna septentrionalis* (Viv.) H.S. Irwin & Barneby, sem registro no semiárido brasileiro (cf. SPLINK, 2019). *Escallonia montevidensis* (Cham. & Schltld.) DC. é atualmente sinônimo de *Escallonia bifida* Link & Otto (Escalloniaceae), sem ocorrência na Bahia (cf. Flora do Brasil 2020). *Mabea angustifolia* Spruce ex Benth. e *M. occidentalis* Benth. (Euphorbiaceae) não tem registro no semiárido bahiano (cf. SPLINK 2019). De todas as possibilidades de identificação citadas por Pio Correa, a única com ocorrência nessa região é *Mabea fistulifera* Mart., que deve ser descartada como o Canudo de Pito citado em *Os sertões*, pois é muito diferente de um "Heliotrópio" ou de uma "Solanácea", nas tentativas de identificação presentes no livro.

Outra espécie candidata a ser o canudo-de-pito é o *Nicotiana glauca* Grahm (Solanaceae), espécie também fistulosa que atualmente forma esparsas paliçadas às margens do lago de Cocorobó.

Para Madam (2012) o canudo-de-pito é uma metáfora do conselheirista. Pois estes se uniam naquela região formando um todo quase indissolúvel, da mesma forma que as populações desta planta que:

Ali se associam. E, estreitamente solidárias as suas raízes, no subsolo, em apertada trama, retêm as águas, retêm as terras que se desagregam, e formam, ao cabo, num longo esforço, o solo arável em que nascem, vencendo, pela capilaridade do inextricável tecido de radículas enredadas em malhas numerosas, a sucção insaciável dos estratos e das areias. E vivem. Vivem é o termo — porque há, no fato, um traço superior à passividade da evolução vegetativa. (CUNHA, 1982, p. 39).

O termo "Canudos" referido para a região, como sua denominação, é pejorativo. Ele se refere a um passatempo de vadios. Talvez percebendo isso, o Conselheiro mudou o nome de sua comunidade para Belo Monte (cf. FONSECA, 2009, p. 40), porém, mesmo assim, não só os fiéis seguidores do Conselheiro continuaram a ser chamados de "jagunços", como também o nome novo dado pelo beato foi desconsiderado e permaneceu para a localidade o nome "Canudos". Isso não só une os dois nomes e seus significados, mas também concorda com a trama histórica para desvalorizar a memória dos sertanejos chacinados.

Coutinho (1995, p. 771) não arrisca uma identificação para o canudo-de-pito, nem ao nível de família e muito menos ao nível de espécie. Afirma que é um nome vernáculo utilizado para diferentes família de planta como "Flacurtiáceas, Cesalpinas, Euphorbiáceas".

Em homenagem ao 39o. aniversário do Teatro Oficina, o ator Auri Bastos leu "A Terra" d'*Os sertões*. A poética reação de José Celso Martinez à leitura de Bastos mistura as plantas caatingueiras às pessoas sertanejas, ambas "desconhecidas sociais", o isolamento dos habitantes de Belo Monte lembra a solidão das raízes das plantas enfiadas no solo ressequido. Os canudos-de-pito, eretos à beira do Cocorobó, lembram antenas "mamando nos úberes do sol" (FURTADO et al., 2002, p. 138).

4.3.17 Cabeça-de-frade, cabeças decepadas...

Quem caminha por entre os afloramentos rochosos da caatinga logo tem sua atenção deslocada para plantas subsféricas ou elipsoidais com corpo coberto de espinhos e com uma estrutura apical (cefálio) onde nascem as pequenas flores. São as cabeças-de-frade (Apêndice 2, Prancha 15). São plantas pertencentes à família Cactaceae, podendo ser identificadas várias espécies e vários gêneros. Destes o principal é *Melocactus*.

Têm (os xiquexiques) como sócios inseparáveis neste habitat, que as próprias orquídeas evitam, os cabeças-de-frade, deselegantes e

monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica. É que estreitíssima frincha lhes permitiu insinuar, através da rocha, a raiz longa e capilar até à parte inferior onde acaso existam, livres de evaporação, uns restos de umidade (CUNHA, 1982, p. 40-41).

Esta "prefiguração metafórica", nas palavras de Santana (2001, p. 122), associando as cabeças-de-frade às cabeças decepadas das vítimas da guerra, aparece também em *Diário de uma expedição*, prática comum entre as forças oficiais que costumavam cortar a cabeça dos bandidos famosos abatidos, numa tentativa macabra de comprovar a morte do mesmo. Foi o que aconteceu com Antonio Conselheiro e é famosa a imagem da cabeça de Lampião e dos componentes do seu bando expostos em praça pública (PATO; CASTRO, 2016), mostrando ter essa prática perdurado muito tempo depois da queda de Belo Monte.

Expressiva e feliz a denominação da cabeça-de-frade dada a uma espécie anã, cujos gomos eriçados de espinhos não destroem a forma esférica tendendo ligeiramente para um elipsóide.

Parecem cabeças decepadas esparsas à margem dos caminhos, encima-as uma única flor, de um vermelho rutilante, como uma coroa, ensanguentada, aberta. (CUNHA, 2000, p.136).

Mais adiante, nesta mesma obra, o jornalista sugere que as cabeças-de-frade sejam marcadores fitogeográficos de solos graníticos, com as canelas-de-ema (*Vellozia*) seriam de solos quartzíticos.

Vários autores foram atraídos por essa imagem de Euclides, como Fonseca (2009) que além de citá-lo por três vezes no texto, também a imagem dessa espécie na capa da segunda edição do seu romance (2017), mas sob o nome de "coroa-de-frade".

Entre as hordas republicanas, cabeças-de-frade muitas vezes foram utilizadas para mitigar a sede, conforme relata o correspondente da Gazeta de Notícias (GALVÃO, 1977, p. 152).

Santana (1998) acredita que essa imagem "agressiva para os que a (vegetação da caatinga) desconhecem e protetora para os sertanejos" surge nas reportagens que Euclides da Cunha fez para o jornal *O Estado de São Paulo* e que depois aproveitada em *Os sertões*.

As cabeças-de-frade eram comercializadas no acampamento do exército republicano no Alto da Favela, Manuel Benício, correspondente do *Jornal do comércio*, afirma que a unidade era vendida a 1\$600 (GALVÃO, 1977, p. 300).

O mesmo Manuel Benício sugere que o miolo da coroa-de-frade era utilizado como alimento pelos conselheiristas e esse consumo ajuda a explicar a notável adaptação deles à Caatinga (GALVÃO, 1977, p. 301). De fato, Andrade (2008, p. 93), registrou que o miolo é utilizado para fazer uma infusão com açúcar, para cólicas e problemas intestinais.

Andrade (2008, p. 47) registra o uso dos cefálios de *Melocactus* para o preenchimento de almofadas e cangalhas. Além disso, esses cactos são utilizados generalizadamente para afastar mau olhado (ANDRADE, 2008, p. 93).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das espécies vegetais citadas por Euclides da Cunha em *Os sertões* demonstra como o escritor utilizou-se dos componentes vegetacionais para reforçar sua concepção de uma região em que as populações humanas formavam uma raça homogênea plenamente adaptada a um ambiente severo. Assim, este ambiente revela-se homogêneo, uma vez que as espécies vegetais que ali se desenvolvem convergem para uma morfologia adaptada aos grandes períodos de seca, fazendo com que, mesmo sendo espécies diferentes, elas se assemelhem superficialmente.

A personificação da vegetação constitui um recurso de linguagem adotado pelo escritor, a fim de identificá-la como aliada dos conselheiristas, promove uma sensação de que o "sertanejo" do semiárido está irremediavelmente unido às espécies da Caatinga. Esse mesmo efeito foi obtido por Graciliano Ramos:

[...] e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. Esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se. Existiam sem dúvida em toda a parte forças maléficas, mas essas forças eram sempre vencidas.[...] (RAMOS, 2013, p.58).

O conhecimento da Caatinga permite uma maior aproximação a estas populações que foram excluídas da precária prosperidade moderna. Aos poucos o conhecimento do sertanejo é anexado às informações obtidas pela ciência sobre as espécies vegetais, bem como é utilizado para expressões literárias. Essa triangulação (conhecimento tradicional-conhecimento científico- conhecimento artístico) é uma parte essencial para a compreensão de toda a sociedade brasileira.

Para Zilly (1999, p. 38) a obra de Euclides da Cunha " constitui uma espécie de discurso fúnebre, quase uma hagiografia na qual se narra a conversão, o apocalipse, a morte, a redenção e a ressurreição do sertanejo no imaginário, no céu da nação." Ressurreição é a palavra chave para entender o raciocínio do escritor. As espécies aparentemente mortas na seca, rebrotam às primeiras chuvas, a vegetação esbranquiçada logo se torna verde de novo.

Tanto Vargas Llosa como Fonseca demonstram que se valeram, em grande medida, das espécies vegetais citadas por Euclides da Cunha para comporem seus romances, daí a grande similaridade observada entre as três floras. O primeiro traz uma flora mais prática, usada como alimento (e.g.), como também o aspecto exasperante da

Caatinga e o segundo traz o elemento pitoresco da flora, além da interessante fusão com combatentes, mas apenas Euclides da Cunha personificou as espécies vegetais como parte daquilo que os republicanos teriam que enfrentar.

Se as plantas são convertidas metaforicamente em combatentes conselheiristas, às vezes incorporando-se aos seus próprios nomes, a Caatinga como um todo se converte no sertanejo. Quando o narrador do romance de Fonseca (2009) viaja para a atual Canudos, encontra uma comunidade cheia de vida, ainda com descendentes do período do conflito ciosos de sua história. Assim como a baraúna, ressequida no período adverso, floresce e esverdeia na quadra favorável, o sertanejo dizimado no massacre retorna para sua terra, florescendo-a e cobrindo-a com suas crianças.

A caatinga não se nega também a ajudar os soldados, dessedentando-os através das túberas dos umbuzeiros, servindo de leito aos feridos transportados pelas redes de caroá. Ao final todos compreendem que a vegetação ajuda quem a conhece; e pune severamente aqueles que a desconhecem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2019. *Euclides da Cunha*. Disponível em: http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start26f2.html?UserActiveTemplate=euclidesdacunha&sid=46 . Acesso em: 1 abr. 2019.

ALCÂNTARA, Plácido. A etnopoesia de Hubert Fichte. *Cadernos de Campo*, n. 1, p. 51-67, 1991.

ALMEIDA, Dayane. Semiótica greimasiana na atribuição de autoria textual: contribuição à linguística forense. *Estudos Semióticos*, v. 12, n. 2p. 67-81, 2016.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*, v. 8, n.5, p. 145-151, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 5a ed Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973. 280p.

ANDRADE, Cássia. *Cactos úteis da Bahia: ênfase no semi-árido*. Pelotas: ed. USEB, 2008.

ANTONIO FILHO, Fadel. Sobre a palavra “sertão”: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). *Ciência Geográfica*, v.15, n.1, p. 84-87, 2011.

APPEZZATO-DA-GLÓRIA, Beatriz; CARMELLO-GUERREIRO, Sandra. *Anatomia Vegetal*. 2a. edição. Viçosa: editora da Universidade Federal de Viçosa, 2006.

ARAÚJO, Jorge. O estatuto literário d'Os Sertões. *Léguas & Meias: Revista de literatura e diversidade cultural*, n. 1, p. 137-161, 2002

AROUCHA, Edvalda, AROUCHA, Maurício. *Boas Práticas de Manejo para o Extrativismo Sustentável do Licuri*. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza. 2013.

BARROS, Frederico. Biografia. In CUNHA, Euclides. *Euclides da Cunha: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 3-11.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. PERRONE-MOISÉS, Leyla. São Paulo: Cultrix, 1977

BATISTA, Fabiane; SILVAS, Silvana; SANTANA, Masitela; CAVALCANTE, Antônio. *O umbuzeiro e o semiárido brasileiro*. Campina Grande: IMSA, 2015.

BECELLI, Ricardo. *Metamorfoses na interpretação do Brasil: tensões no paradigma racial* (Silvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna). Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BERNUCCI, Leopoldo. *Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 2008.

BERTRAND, Bernard. *Divine Angélique*. Aspet: Éditions de terran, 2002.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada; nova tradução na linguagem de hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Manual técnico da vegetação brasileira*. Manuais Técnicos em Geociências. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INEP-INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Mapa do Analfabetismo no Brasil*. Disponível em: <http://inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>. Acesso em: 09 maio 2019

BRASILEIRO, Antônio. Euclides e a criação da realidade: *Os sertões. Léguas & meia*: Revista de literatura e diversidade cultural, n.1, p. 174-182, 2002.

BRITTON, N.; ROSE, J. *The Cactaceae: descriptions and illustrations of plants of the Cactus family*. Vol. 2. Washington: The Carnegie Institution, 1920.

BUELL, Lawrence; HEISE, Ursula; THORNBUR, Karen. Literature and environment. *Annual Review of Environment and Resources*, v. 36, p. 417-440, 2011.

CABALZAR, Aloízio; FONSECA-KRUEL, Viviane; MARTINS, Luciana; MILIKEN, Willian; NESBITT, Mark. *Manual de Etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas*. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2017

CANÇADO, Beth (Org.). *Aquarela sertaneja*. Brasília: Editora Corte Ltda., 1998.

CAPITANGO, Pedro. A botânica na obra poética de Agostinho Neto. *Cognosis: Revista de Filosofia, Letras y Ciencias de la Educación*. v. 1, n. 3, p. 95-106, 2016.

CAPRA, Fritjof. *A botânica de Leonardo da Vinci: um ensaio sobre as ciências das qualidades*. Trad. Euclides Calloni. São Paulo: Cultrix, 2011.

CARNEY, Judith. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, v. 22-23, p. 25-47, 2001.

CARVALHO, José. *Meteorito de Bendegó: relatório apresentado ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e à Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro sobre a remoção do Meteorito de Bendegó do sertão da Província da Bahia para o Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

CARVALHO, José. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- CARVALHO, Paulo. *Espécies arbóreas brasileiras*. v. 2. Brasília/Colombo: EMBRAPA, 2006.
- CARVALHO, Paulo. Juazeiro - *Ziziphus joazeiro*- *Circular Técnica da EMBRAPA*, n. 139, p.1-8, 2007.
- CARVALHO, Paulo. *Espécies arbóreas brasileiras*. v. 3. Brasília/Colombo: EMBRAPA, 2008.
- CAVALCANTI, Nilton; RESENDE, Geraldo; BRITO, Luíza; ANJOS, José. Umbuzada. *Instruções técnicas da EMBRAPA Semi-árido*, n. 78, 2007. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/153598/1/INT78.pdf>. Acesso em 19 fev. 2019.
- CÉSAR, Guilhermino. A visão prospectiva de Euclides da Cunha. *In*: CÉSAR, Guilhermino; SCHÜLER, Donald; CHAVES, Flávio. *Euclides da Cunha*. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1966. p. 9-53.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2a. edição. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COELHO, Kamila. A representação e o real em Michel Foucault. *Revista Virtual de Letras*, v. 3, n. 1, p.89-105, 2011.
- COSTA, Carla. *Cronologia resumida da Guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2017. Disponível em: <http://museudarepublica.museus.gov.br/cronologia-resumida-da-guerra-de-canudos-e-de-euclides-da-cunha/> . Acesso em: 26 jun. 2018.
- COSTA LIMA, Luiz. *Terra ignota*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- COSTA NETO, Eraldo. Análise semântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de *Passiflora* (Passifloraceae) no Estado da Bahia, Brasil. *Neotropical Biology and Conservation*. v. 3, n. 2, p. 86-94, 2008.
- COUTINHO, Afrânio. Dicionário Euclidiano. *In*: CUNHA, Euclides. *Obra completa*. v. 2. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p.759-829, 1995.
- CRONQUIST, A. 1981. *An integrated system of classification of flowering plants*. Columbia University Press, New York.
- CUNHA, Antônio. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: a campanha de Canudos*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- CUNHA, Euclides da. *Edição crítica de Os sertões*. Editora: GALVÃO, Walnice. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. 2a. Edição, org. Afrânio Coutinho. 2 vols. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 1: 899p., v. 2: 837p.

- CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras 2000.
- DIAS, Ângela. Caetés: a história de um conformista melancólico. *Floema*, a. 9, n. 11, p. 205-212, 2015
- DIAS, Léa. O consórcio da ciência e da arte enquanto projeto estético norteador d'Os sertões, de Euclides da Cunha. *A Cor das Letras*, n. 10, p. 133-147, 2009.
- DRUMOND, Josina. Ecos do Sertão: Sertões Vozes do árido, do semiárido e das veredas. *Ângulo 134*, p. 32-35, 2013.
- FITTKAU, Ernest. Johann Baptist Ritter von Spix: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador do Brasil. *História, Ciências, Saúde*, v. 8, p. 1109-1135, 2001.
- ENGLER, Gustav. Anacardiaceae In: MARTIUS, Carl; EICHLER, August; URBAN, Ignatz (ed.). *Flora brasiliensis*, v. 12, p. 2, c. 367-418, 1876.
- FLORA DO BRASIL 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 01 abr. 2019
- FONSECA, Aleilton. *O pêndulo de Euclides*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1a. ed. 2009; 2a. ed. 2017.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Muchail. 8a. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRANÇA, Flávio. Flora da obra poética de Gustavo Teixeira. *European Review of Artistic Studies*, vol. 5, n. 4, p. 50-62, 2014.
- FRANÇA, Flávio. Flora na Obra de Sosígenes Costa. *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades*, n. 6, p. 647-654, Ano 2016.
- FRANÇA, Flávio; SOUZA, Antonio. *Flora em "São Marcos" de Guimarães Rosa*. O fuxico, v. 16, n. 41, p. 6-8, 2018
- FURTADO, Celso; RIBEIRO, João; BERNUCCI, Leopoldo; CORRÊA, José. Quatro expedições a Canudos. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 13 e 14, p. 118-147, 2002.
- GESTEIRA, Heloísa. Animais e plantas do sertão do rio São Francisco nas representações do Brasil. In: KURY, Lorelai (org.). *Sertões adentro: viagens nas caatingas, Séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, p. 60-110 2012.
- GALVÃO, Josias. *Formações imaginárias nos pronunciamentos de senadores cearenses sobre água e seca no semi-árido nordestino*. In: SILVA, José; DANTAS, Eustógio; ZANELLA, Maria; MEIRELES, Antônio (orgs.). *Litoral e Sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro*. Fortaleza: Expressão gráfica, p. 57-68, 2006.
- GALVÃO, Walnice. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais: 4a. expedição*. 2a. edição. São Paulo: Ática, 1977.

- GALVÃO, Walnice. *O império de Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.
- GALVÃO, Walnice. Anseios de Amplidão. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 13 e 14, p. 162-200, 2002.
- GAUJAC, Alan. *Estudos sobre o psicoativo N,N-dimetiltriptamina (DMT) em Mimosa tenuiflora (Willd.) Poiret e em bebidas consumidas em contexto religioso*. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013
- GLOTFELTY, Cheryll. Introduction. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold. *The Ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens (Georgia): University of Georgia Press, 1996, p. xv-xxxvii.
- GOMES, Patrícia. *A Revista do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas (1902-1916)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- GRUSPAN-JASMIN, Elise. "La épidémie de folie" de Canudos: Nina Rodrigues et Euclides da Cunha. In: SANTOS, Idette; ROLLAND, Denis. *Le Brésil face à son passé: la guerre de Canudos*. Paris: L'Harmattan, 2005. p. 99-113.
- HAMMER, Ø. ; HARPER, D.; RYAN, P. PAST: Paleontological statistics software package for education and data analysis. *Paleontologia Electronica*, v. 4, n. 1, 9pp., 2001.
- HAMMER, Øyvind. *PAST: Paleontological statistics version 3.19: Reference Manual*. Oslo: Natural History Museum, 259 p., 1999-2018. Disponível em: <https://folk.uio.no/ohammer/past/past3manual.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- HARDON, Pierre. Vendée : une tache ineffaçable sur le blason de la République. *Smart Reading Press*, 2017. Disponível em: https://srp-presse.fr/wp-content/uploads/2017/12/srp_vendee.pdf. Acesso em 27 ago. 2018.
- HOWARTH, Willian. Some principles of ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold. *The Ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens (Georgia): University of Georgia Press, 1996, p. 69-92.
- JABOR, Arnaldo. *Amor é prosa, sexo é poesia*. Editora Objetiva: 2004.
- KURY, Lorelai. *Manuel Arruda da Câmara: a república das letras nos sertões*. In: KURY, Lorelai (org.). *Sertões adentro: viagens nas caatingas, Séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2012, p.161-202.
- LAMEIRA, Osmar. Cultivo da Ipecacuanha (*Psychotria ipecacuanha* (Brot.) Stokes). *Circular Técnica- EMBRAPA*, n. 28, p. 1-4., 2002. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/405771/1/Circ.tec.28.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- LAWRENCE, George. *Taxonomy of vascular plants*. New York: Macmillan Publishing Co., 1951.

LEAL, Pedro. Carta do coronel Pedro Barbosa Leal ao Conde de Sabugosa, vice-rei do estado do Brasil, sobre as várias incursões realizadas no sertão da Bahia em busca de minas metálicas, desde o pretense descobrimento das de prata por Belchior Dias Moreya, de 22 de novembro de 1725. *Documentos Interessantes para a História e costumes de São Paulo*, v. 48, p. 59-98, 1929.

LIMA, Jorge de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997

LORENZI, Harri. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de árvores nativas do Brasil*. v. 1. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1992.

LORENZI, Harri. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de árvores nativas do Brasil*. v. 2. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000.

LORENZI, Harri. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de árvores nativas do Brasil*. v. 3. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2009.

LUETZELBURG, Philipp von. *Estudo botânico do Nordeste* 2a. ed. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.

MANCELOS, João. Pelo Jardim de Eugénio de Andrade: o significado de árvores, flores e frutos na sua poesia. *Mathesis*, v. 18, p. 149-173, 2009.

MCNEILL, J.; BARRIE, CF. R.; BUCK, W. R.; DEMOULIN, V.; GREUTER, W.; HAWKSWORTH, D. L.; HERENDEEN, P. S.; KNAPP, S.; MARHOLD, K.; PRADO, J.; PRUD'HOMME VAN REINE, W. F.; SMITH, G. F.; WIERSEMA, J. H.; TURLAND, N. J. International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants (Melbourne Code), *Regnum Vegetabile* v. 154, 2012. Disponível em: <http://iapt-taxon.org/nomen/main.php>. Acesso em 10 nov. 2017

MADAM, Aarti. Provincializing world geography: land and letters in Euclides da Cunha's *Os sertões*. *Romance Notes*, v.52, n. 2, p. 113-121, 2012.

MANGABEIRA, Francisco. *Tragédia Épica (Guerra de Canudos)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. 106p.

MARCGRAVE, George & PISO, Willem. *Historia Naturalis Brasiliae... in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur*. Lugdun. Batavorum, apud Franciscus Hackium et Amstelodami apud Lud. Elzevirium. [Organiz por Joannes de Laet] (em latim), 1648

MARIANO (Carneiro da Cunha), Olegário. *Toda uma vida de Poesia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.

MARTIUS, Carl; EICHLER, August; URBAN, Ignatz. *Flora brasiliensis*. Viena: Ferdinando I da Áustria, Ludovico I da Baviera e Pedro II do Brasil, 1840-1908.

MARTIUS, Carl. Como se deve descrever a História do Brasil. *Revista de História de América*. n. 42, p. 441-458, 1956.

MARTIUS, Carl. *Tabulae Physiognomicae brasiliae regiones iconibus expressas descripsit deque vegetationae illius terrae uberius*. In: MARTIUS, Carl; EICHLER,

August; URBAN, Ignatz. *Flora brasiliensis*. Viena: Ferdinando I da Áustria, Ludovico I da Baviera e Pedro II do Brasil, v. 1, pars 1, col. 30-38, 1841.

MELO NETO, João Cabral. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MIRANDA, Luiz. O Deserto dos Mestiços: O Sertão e seus Habitantes nos relatos de viagem do início do Século XIX. *História*. v. 28, n.2, p. 621-643, 2009.

MORAES, Antônio. O sertão: um "outro" geográfico. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 13 e 14, p. 360-368, 2002.

MUELLER-DOMBOIS, Dieter, ELLENBERG, Heinz. *Aims and methods of vegetation ecology*. New York: John Wiley & Sons, 1974.

NÓBREGA, Múcio. *Compósitos de matriz poliéster com fibras de caroá Neoglaziovia variegata: caracterização mecânica e sorção de água*. Tese de Doutorado. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2007.

NEUMAN, Miguel; QUINA, Frank. A fotoquímica no Brasil. *Química Nova*, v. 25, supl. 1, p. 34-38, 2002.

NEVES, Erivaldo. Sertão recôndito, polissêmico e controvertido. In: KURY, Lorelai (org.). *Sertões adentro: viagens nas caatingas, Séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2012. p.15-56.

OLIVEIRA, Milena. *Diálogos entre Caminha e Frei Vicente do Salvador - Construção de uma "arqueologia" da consciência da diferença entre colonos e reinóis em documentos luso-brasileiros dos séculos XVI e XVII*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

OITICICA, Ricardo. Euclides Incrível. *Nossa História*, v. 1, n. 7, p. 70-73, 2004.

PATO, Ana; CASTRO, Laura. O biográfico: imagens de si e do outro. *Pós: Belo Horizonte*, v. 6, n. 11, p. 10-21, 2016.

PARDO-DE-SANTAYANA, Manuel; TARDIO, Javier; HEINRICH, Michael; TOUWAIDE, Alain; MORALES, Ramón. Plants in the works of Cervantes. *Economic Botany*, v. 60, n. 2, p. 159-161, 2006.

PAREDES, Marçal. O repertório teórico de *Os sertões*: ensaio sobre o drible euclidiano. In BETTIOL, Maria; HOHLFELDT, Antonio (Orgs). *Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: o diário de um povo esquecido*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2011.

PENEDO, Sérgio. *Uma técnica de recuperação adaptativa de obras em bibliotecas digitais baseada no perfil do usuário*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PINHEIRO, Lidiane. *Os sertões: re-significando discursos*. *Outros Sertões*, v. 1, n. 1, p. 93-103, 2005.

PIO CORREA, Manuel. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. 6 vols. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926-1952 (vols. 1,2 e 3); Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, 1969-1978 (vols. 4, 5 e 6)

QUEIROZ, Luciano. *Leguminosas da Caatinga*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/Royal Botanic Gardens, Kew/Associação de Plantas do Nordeste, 2009.

RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 120a. Ed. Rio de Janeiro, Record, 2013.

REGO, José Lins do. *Ficção completa*, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.

REGO, José Lins do. *O Rio*. In: O Melhor da Crônica Brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997, p. 43.

TIBIRIÇÁ, Luiz. *Dicionário Tupi-Português*. São Paulo: Traço Editora, 1984.

TÜÜR, Kadri; REITALU, Triin. Botanical nature writing: An ecological analysis. *Estonian Journal of Ecology*, v.61, n. 1, p. 9-19, 2012.

RODRIGUES, José. Advertência In MARTIUS, Carl. Como se deve descrever a história do Brasil. *Revista de História de América*, n. 42, p. 433-441, 1956.

ROTHENBERG, Jerome. *UBUWEB: Ethnopoetics*. Disponível em: <http://www.ubu.com/ethno/index.html>. Acesso em: 30 jul. 2018.

RYAN, John. Cultural Botany: toward a model of transdisciplinary, embodied, and poetic research into plants. *Nature and Culture*, v. 6, n.2, 123-148, 2011.

SCALDAFERRI, Murilo. Diversidade genética em velame pimenta (*Croton linearifolius*) e cassutinga (*Croton heliotropiifolius*) em ambientes silvestres no sudoeste da Bahia. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Itapetinga, 2013.

SALES, Francisca; SOUZA, Isaías; LIMA, Jair; FARIA, Mariana; PASSOS, Roselaine. *Movimentos messiânicos que sacudiram o Brasil na primeira república*. Disponível em: http://brasilmessi.blogspot.com/p/blog-page_8.html. Acesso em: 1 abr. 2018

SANTANA, José. *A contribuição das ciências naturais para o consórcio da ciência e da arte em Euclides da Cunha*. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SANTANA, José. *Ciência & Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo: HUCITEC; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

SANTOS, Simone; CORRÊA, Ronan. Diversidade genética de *Chenopodium ambrosioides* da região cacauieira da Bahia com base em marcadores RAPD. *Pesquisa agropecuária brasileira*, Brasília, v.41, n.1, p.161-164, 2006

- SARTORI, Renata. *A etnopoética de Iracema: diálogo ciência e literatura*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- SCOBLE, Gretchen; FIELD, Ann. *The meaning of flowers*. San Francisco: Chronicle Books, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Analice. *Entre lírios e líras: a mitopoética utópica da Jurema Sagrada*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- SILVA, Kalina. O sertão na obra de dois cronistas coloniais: a construção de uma imagem barroca (séculos XVI-XVII). *Estudos Ibero-Americanos*, v. 32, n. 2, p. 43-63, 2006.
- SOARES, Maria; MOURA FILHA, Maria. O sertão da Paraíba no século XVIII: representação espacial e imagética. *InterSciencia*, v. 1, n. 2, p. 84-99, 2013.
- SODRÉ, Nelson. Revisão de Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides. *Obra Completa*. v. 2, p. 11-57. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- SPLINK. 2019. Disponível em: <http://splink.cria.org.br/>, acesso em 17 ago. 2019.
- STEVENS, Peter. *Angiosperm Phylogeny Website*. Version 14, July 2017 [and more or less continuously updated since]. Disponível em: <http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/> Acesso em 23 set. 2017.
- STRUWE, Lena. *The naming of plants- explanations and examples*. ed. 1. Skillman (New Jersey, USA): Botanical Accuracy, 2018.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 13a. edição. José Olympio Editora, 2012.
- TAYLOR, C. 2015. *Carapichea In: Lista de Espécies da Flora do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB13851>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- TAKHTAJAN, Armen. *Diversity and Classification of Flowering Plants*. New York: Columbia University Press, 1997.
- TODOROV, Tzvetan. A descrição da significação em literatura. In: GENETE, Gérard; BARTHES, Roland; KRISTEVA, Júlia; TODOROV, Tzvetan e BREMOND, Claude. *Literatura e Semiologia*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 148-159, 1972.
- VARGAS LLOSA, Mário. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981, 531p.
- VASCONCELOS SOBRINHO, João. *As regiões naturais de Pernambuco. o meio e a civilização*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1949.

VELLOSO, Agnes; SAMPAIO, Everardo; PAREYN, Frans. *Ecorregiões propostas para a Caatinga*. Recife: Associação Plantas do Nordeste; Instituto de Conservação Ambiental The Nature Conservancy do Brasil, 2002.

VELDEN, Felipe. Combates singulares, histórias singulares: sobre a participação indígena no movimento de Canudos. *Tellus*, a. 3, n. 4, p. 57-73, 2003

VENTURA, Roberto. À frente da história. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 13 e 14, p. 14-48, 2002.

VERGER, Pierre. *Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

URBAN, Ignatz. *Auguste Saint-Hilaire*. In *Vitae itineraque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicae, florum brasiliensis ratio edendi chronologica, systema, index familiarum*. In: MARTIUS, Carl; EICHLER, August; URBAN, Ignatz. *Flora brasiliensis*. Viena: Ferdinando I da Áustria, Ludovico I da Baviera e Pedro II do Brasil, v. 1, pars 1, col. 92-98, 1906.

ZILLY, Berthold. Sertão e nacionalidade: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 12, p. 5-45, 1999.

ZILLY, Berthold. Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional. *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 13 e 14, p. 340-359, 2002.

APÊNDICE 1 - Lista das espécies citadas em *Os sertões* (CUNHA, 1982).
Onde n.c= número de citações, p. = página da primeira citação

| Nome citado | n.c. | Origem | Família | Espécie | p. |
|-------------------------------------------|------|---------|-----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Umbuzeiro | 13 | Nativa | Anacardiaceae | <i>Spondias tuberosa</i> Arruda <i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez | 42 |
| Caroá (croá) | 8 | Nativa | Bromeliaceae | Indeterminada | 39 |
| Bromélia | 7 | Nativa | Bromeliaceae | Indeterminada | 38 |
| Mandacaru | 7 | Nativa | Cactaceae | <i>Cereus jamacaru</i> DC. | 7 |
| Juazeiro | 6 | Nativa | Rhamnaceae | <i>Ziziphus joazeiro</i> Mart. | 40 |
| Ouricuri | 6 | Nativa | Areacaceae | <i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc. | 42 |
| Quixabeira | 6 | Nativa | Sapotaceae | <i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) TDPenn. | 31 |
| Palmatória=Palmatória do inferno | 6 | Nativa | Cactaceae | <i>Tacinga palmadora</i> (Britton & Rose) NPTaylor & Stuppy | 31 |
| Macambira | 5 | Nativa | Bromeliaceae | <i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult. & Schult.f. <i>Pilosocereus gounellei</i> (FACWeber ex K.Schum.) | 39 |
| Xique-Xique | 5 | Nativa | Cactaceae | Byles e GDRowley <i>Mimosa tenuiflora</i> (Wild.) | 40 |
| Jurema (Calumbi) | 5 | nativa | Fabaceae | Poiret | 43 |
| Baraúna | 4 | Nativa | Anacardiaceae | <i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl. | 42 |
| Cunanã | 4 | Nativa | Euphorbiaceae | <i>Euphorbia phosphorea</i> Mart. | 142 |
| Gravatá (caravatá) | 4 | Nativa | Bromeliaceae | Indeterminada | 39 |
| Marizeiro | 4 | nativa | Fabaceae | <i>Geoffroea spinosa</i> Jacq. | 42 |
| Cajueiro anão = cajuí = anacardia humilis | 3 | nativa | Anacardiaceae | <i>Anacardium humile</i> A.St.-Hil. | 38 |
| Cactos | 3 | nativa | Cactaceae | Indeterminada | 39 |
| Cardo | 3 | exótico | indeterminada | Indeterminada | 187 |
| Gramínea | 3 | nativa | Poaceae | Indeterminada | 25 |
| Icozeiro | 3 | nativa | Capparaceae | <i>Colicodendron yco</i> (Mart.) Mart. | 31 |
| Mandioca | 3 | nativa | Euphorbiaceae | <i>Manihot esculenta</i> Crantz <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm. (cf. Prancha 18) | 308 |
| Umburana | 3 | nativa | Fabaceae | <i>Lippia thymoides</i> Mart. & Schauer | 42 |
| Alecrim do tabuleiro | 2 | nativa | Verbenaceae | <i>Annona leptopetala</i> (R.E.Fr.) H. | 39 |
| Araticum | 2 | nativa | Annonaceae | Rainer | 43 |
| Bromélia rubra | 2 | nativa | Bromeliaceae | Indeterminada | 17 |
| Cabeça de frade | 2 | nativa | Cactaceae | <i>Melocactus</i> sp. | 40 |
| Cansanção | 2 | nativa | Euphorbiaceae | <i>Cnidoscolus</i> sp. <i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore | 277 |
| Caraíba | 2 | nativa | Bignoniaceae | <i>Erythrina velutina</i> Willd | 42 |
| Eritrina=Mulungu | 2 | nativa | Fabaceae | <i>Cnidoscolus quercifolius</i> Pohl | 43 |
| Favela | 2 | nativa | Euphorbiaceae | <i>Heliotropium</i> sp. | 39 |
| Heliotrópio | 2 | nativa | Heliotropiaceae | <i>Zea mays</i> L. | 39 |
| Milho | 2 | exótico | Poaceae | <i>Tacinga inamoena</i> (K. Schum.) NPTaylor & Stuppy | 308 |
| Quipá | 2 | nativa | Cactaceae | <i>Tamarindus indica</i> L. | 41 |
| Tamarineiro | 2 | nativa | Fabaceae | <i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) LPQueiroz | 187 |
| Caatingueira (Catingueira) | 2 | nativa | Fabaceae | LPQueiroz | 39 |

| Nome citado | n.c. | Origem | Família | Espécie | p. |
|-----------------------|------|---------|------------------|----------------------------------------------------|-----|
| Amarilis | 1 | nativa | Amaryllidaceae | <i>Habranthus sylvaticus</i> Herb. | 42 |
| Ananás bravo | 1 | nativa | Bromeliaceae | Indeterminada | 39 |
| Angicos | 1 | nativa | Fabaceae | <i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan | 43 |
| Bignônia | 1 | nativa | Bignoniaceae | Indeterminada | 44 |
| cana de açúcar | 1 | exótico | Poaceae | <i>Saccharum officinarum</i> L. | 76 |
| Candombá | 1 | nativa | Velloziaceae | <i>Vellozia plicata</i> Mart. | 179 |
| Carnaúba | 1 | nativa | Areacaceae | <i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore | 110 |
| Cereus | 1 | nativa | Cactaceae | <i>Cereus</i> sp. | 107 |
| Ciperáceas | 1 | nativa | Cyperaceae | Indeterminada | 45 |
| Feijão | 1 | exótico | Fabaceae | <i>Phaseolus vulgaris</i> L. | 310 |
| Liquen | 1 | nativa | indeterminada | Indeterminada | 23 |
| Mangabeira | 1 | nativa | Apocynaceae | <i>Hancornia speciosa</i> Gomes | 227 |
| Mangueira | 1 | exótico | Anacardiaceae | <i>Mangifera indica</i> L. | 96 |
| Mata pasto | 1 | nativa | Fabaceae | <i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby | 120 |
| Mauritia | 1 | nativa | Arecaceae | <i>Mauritia</i> sp. | 42 |
| Mimoso | 1 | nativa | Poaceae | Indeterminada | 101 |
| Murici | 1 | nativa | Malpighiaceae | <i>Byrsonima</i> sp. | 248 |
| Nopaleas | 1 | exótico | Cactaceae | <i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Salm-Dyck | 39 |
| Oiticica | 1 | nativa | Chrysobalanaceae | <i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch. | 118 |
| Panasco | 1 | nativa | Poaceae | <i>Aristida adscensionis</i> L. | 101 |
| Rabo de raposa | 1 | nativa | Cactaceae | <i>Harisia adscendens</i> (Guerke) Britton & Rose | 277 |
| Sifônia | 1 | nativa | Rubiaceae | Indeterminada | 66 |
| Taboca | 1 | nativa | indeterminada | Indeterminada | 349 |
| Tilândsias alvacentas | 1 | nativa | Bromeliaceae | <i>Tilandsia</i> sp. | 41 |
| Trigo | 1 | exótico | Poaceae | <i>Triticum aestivum</i> L. | 51 |

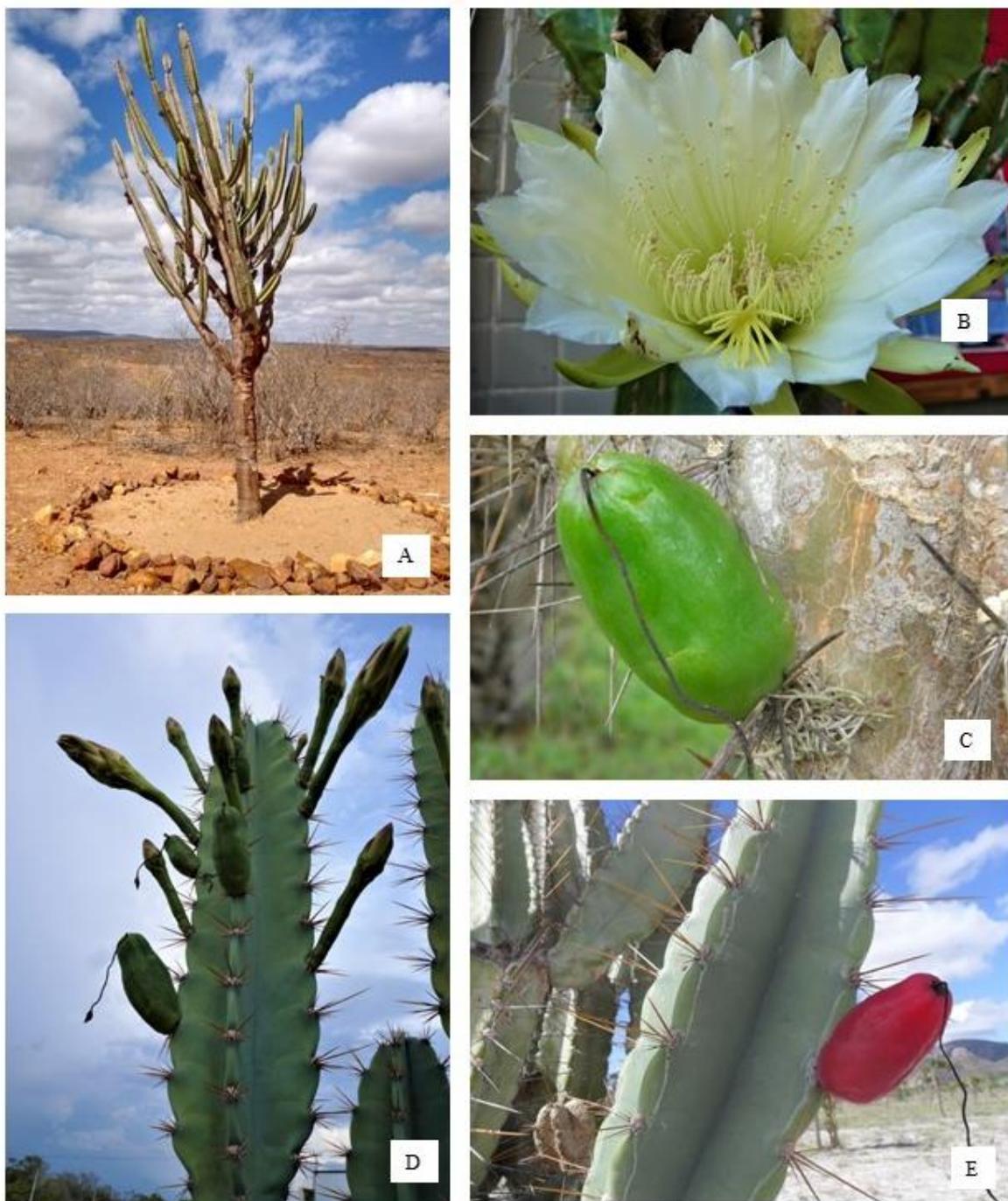
APÊNDICE 2 - Pranchas ilustrativas das espécies citadas**Prancha 1 - Umbuzeiro. *Spondias tuberosa* Arruda (Anacardiaceae)**

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B-C. Ramo com flor, D. Ramo com fruto; E. Detalhe da flor, F. Tuberosidades das raízes.

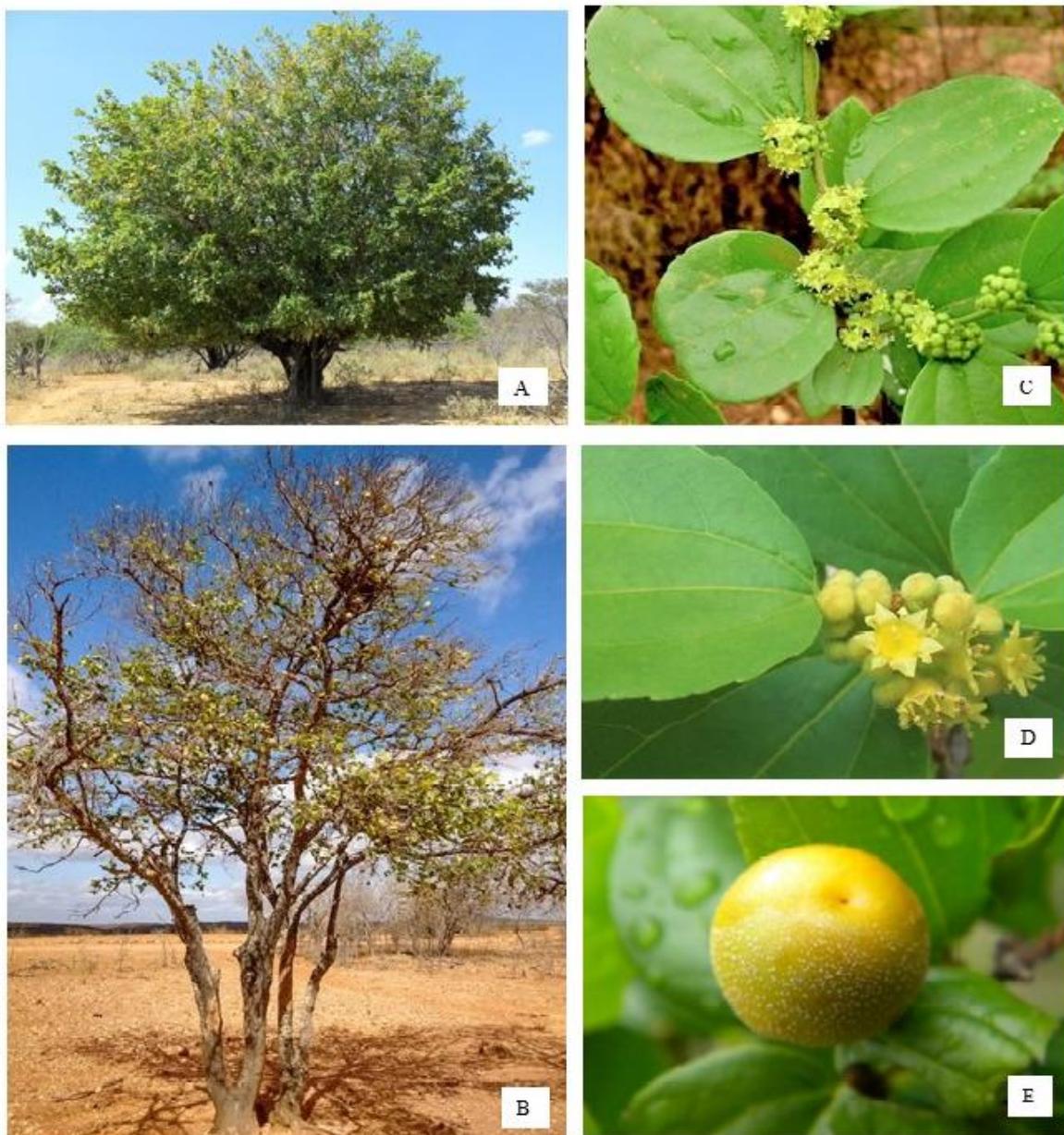
Prancha 2 - Caroá. *Neoglaziovia variegata* (Arruda) Mez (Bromeliaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).
Legenda: A-B. Hábito, C-D. Inflorescências.

Prancha 3 - Mandacaru. *Cereus jamacaru* DC. (Cactaceae).

Fonte: Elaboração do autor (2019)

Legenda: A. Hábito, B. Flor, C-D. Frutos imaturos, E. Fruto maduro.

Prancha 4 - Joazeiro. *Ziziphus joazeiro* Mart. (Rhamnaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A-B. Hábito, C-D. Ramos com flor, E. Fruto maduro.

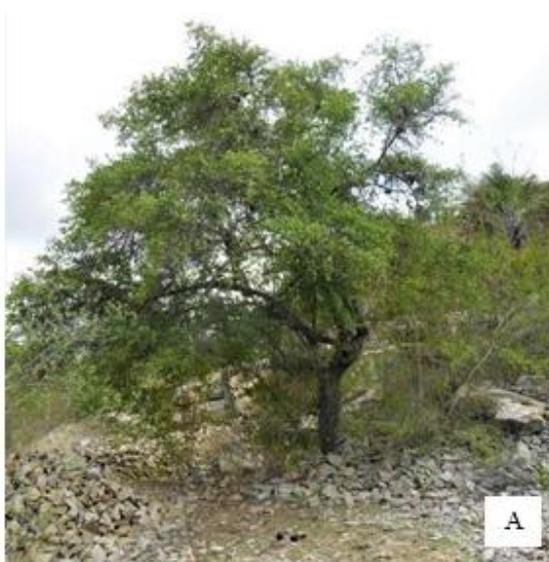
Prancha 5 - Palmatória-do-inferno. *Tacinga palmadora* (Britton & Rose) N.P.Taylor & Stuppy (Cactaceae)



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B-C. Ramos com flores, D. Ramo com frutos.

Prancha 6 - Quixabeira. *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D. Penn.
(Sapotaceae)



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Ramos com flores, C-D. Ramos com frutos maduros.

Prancha 7 - Ouricuri. *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. (Arecaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Inflorescência, C. Frutos imaturos, D-F. Frutos maduros.

Prancha 8 - Macambira. *Bromelia laciniosa* Mart. ex Schult. & Schult.f. e *Encholirium spectabile* Mart. ex Schult. & Schult.f. (Bromeliaceae)



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: *B. laciniosa* - A. Hábito, B. Inflorescência; C. Frutos maduros. *E. spectabile*: D. Hábito, E. Inflorescências.

Prancha 9 - Xique-xique. *Pilosocereus gounellei* (F.A.C.Weber) Byles & Rowley
(Cactaceae).



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Ramo com flor, C. Ramos com fruto imaturo, D. Ramo com fruto maduro aberto.

Prancha 10 - Baraúna. *Schinopsis brasiliensis* Engl. (Anacardiaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Ramo com flores em botões, C. Frutos maduros, D. Ramo com frutos imaturos.

Prancha 11 - Cunanã. *Euphorbia phosphorea* Mart. (Euphorbiaceae).

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A-B. Hábito, C. Ramo com flores, D. Detalhe da inflorescência, E. Fruto maduro.

Prancha 12 - Canudo-de-pito. *Ipomoea carnea* Jacq. (Convolvulaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Ramo com flores, C. Detalhe da flor, D. Frutos abertos com sementes em dispersão.

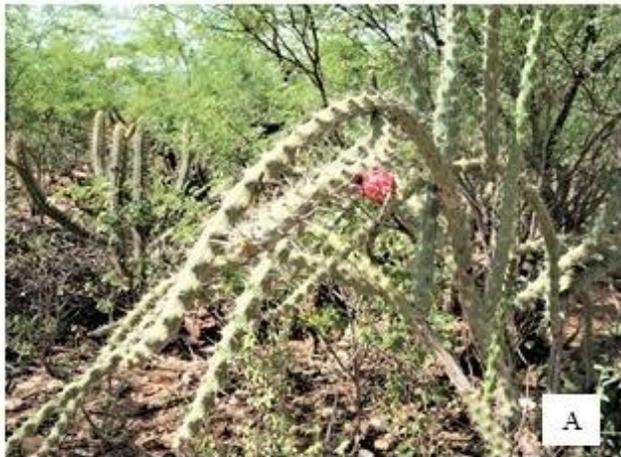
Prancha 13 - Quipá. *Tacinga inamoena* (K.Schum.) N.P.Taylor & Stuppy (Cactaceae).



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Ramos com flor, C. Ramo com frutos, D. Detalhe da flor.

Prancha 14 - Rabo-de-raposa. *Harrisia adscendens* (Gürke) Britton & Rose (Cactaceae).



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Ramo com fruto imaturo, C-D. Ramo com frutos maduros.

Prancha 15 - Cabeça-de-frade. *Melocactus zehntneri* (Britton & Rose) Luetzelb.
(Cactaceae).



Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Planta com cefálio, C. Cefálio com flores, D. Cefálio com frutos passados.

Prancha 16 - Favela. *Cnidoscolus quercifolius* Pohl (Euphorbiaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Ramos, C. Folhas com e espinhos, D. Inflorescência, E. Flores.

Prancha 17 - Jurema. *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir. (Fabaceae)

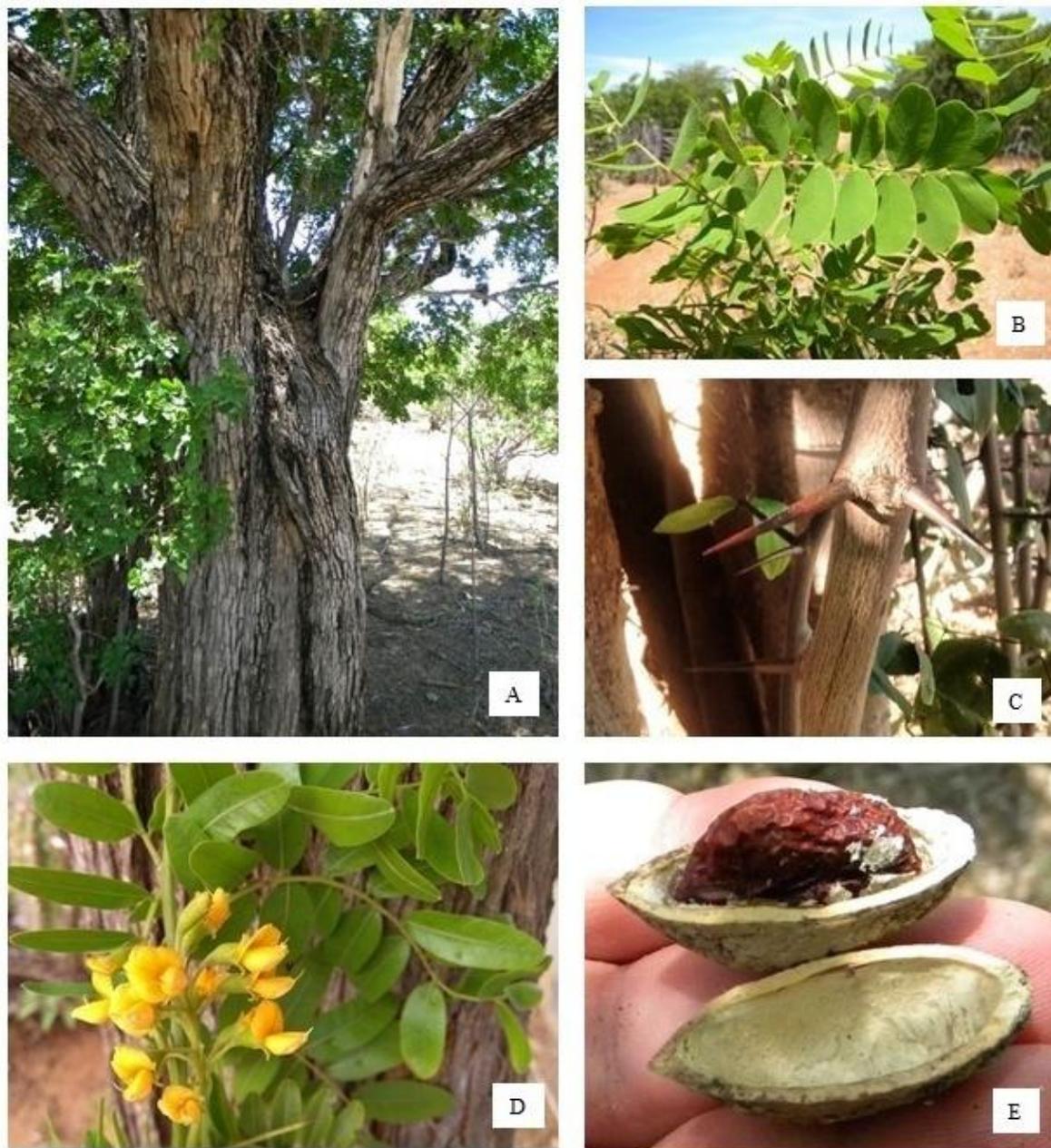
Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Inflorescências, C. Frutos imaturos, D. Frutos maduros.

Prancha 18 - Amburana. *Amburana cearensis* (Allemão) A.C.Sm. (Fabaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. caule escamoso, C. Ramos com folhas, D. Detalhe das flores.

Prancha 19 - Marizeiro. *Geoffroea spinosa* Jacq. (Fabaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Detalhe da folha composta, C. Ramos com espinhos em pares, D. Inflorescência, E. Fruto aberto com uma semente.

Prancha 20 - Icó. *Colicodendron yco* Mart. (Capparaceae)

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Legenda: A. Hábito, B. Ramo com flores, C. Detalhe das flores, D. Ramo com frutos.